



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Susana Maria Falcão Nobre

Padre Abel Varzim – *Um ser livre que libertou os outros*

**Uma proposta educativa a partir da reflexão sobre a Unidade Letiva 3 do 8º ano
“Liberdade”.**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Sob orientação de:

Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

Prof. Doutor António Matos Ferreira

Lisboa

Ano 2020

AGRADECIMENTOS

Chegado este momento, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a conclusão de mais uma etapa muito importante na minha vida. São muitas as pessoas, felizmente, que me apoiaram e acreditaram em mim. Começo por referir todos os professores da Faculdade de Teologia de Lisboa que me acompanharam neste caminho, salientando o Mestre Juan Ambrosio e o Professor Dr. Matos Ferreira que, com toda a generosidade, disponibilidade e sabedoria me orientaram na realização deste trabalho. Agradeço também aos colegas de estágio Maria Isabel Marques, Luís Salgueiro e Sandra Pereira, pela interajuda e apoio manifestado. Aliás, o clima de amizade que envolveu a turma dos 120 ECTS e Mestrado foi imprescindível para que hoje estivesse aqui, e por isso, o meu muito obrigada.

Um enorme agradecimento à minha família, o meu grande pilar, que sempre me incentivou e motivou em todos os momentos.

Por fim, agradeço a Deus por me ter confiado esta missão, ser professora de EMRC.

RESUMO

No âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas e para conclusão da Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizada no Agrupamento de Escolas Monte da Lua, no ano letivo de 2018/2019, apresento este Relatório Final sobre uma figura ímpar da história da Igreja em Portugal, *Padre Abel Varzim – um ser livre que libertou os outros*.

Tendo como base de trabalho a Unidade Letiva 3 do manual do 8º ano, do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, “Liberdade”, e constatando que a maioria dos alunos encara a liberdade, unicamente, como um processo individual, proponho, neste trabalho, desenvolver uma proposta programática e pedagógica que vise mostrar a relação existente entre a liberdade e o bem comum. Assim, acentua-se a ideia que ser-se livre é muito mais que um percurso pessoal, é servir os outros e contribuir para o bem comum.

Perante estas premissas, apresento uma nova proposta programática e pedagógica assente no exemplo de vida e obra do Padre Abel Varzim, com o intuito de enfatizar a particularidade da visão, cultura e agir cristão, que compreende a liberdade na realização pessoal e no serviço aos outros. Para tal, foi delineado um itinerário pedagógico, onde prevalece o património religioso, o jornal *O trabalhador*, valorizando o diálogo entre a cultura e a fé.

É nosso papel, enquanto docentes, orientar os alunos no seu projeto de vida, e facultar-lhes ferramentas para serem cidadãos conscientes, maduros e responsáveis. Dar-lhes a conhecer a liberdade como busca pessoal, permite-lhes ir ao encontro de si mesmo. Mas, transmitir-lhes a vivência da liberdade como dimensão relacional, é responsabilizá-los para a defesa da dignidade humana, a abertura ao outro e à construção de um mundo melhor.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade, Bem Comum, Educação Moral e Religiosa Católica, Dignidade Humana, Aprendizagem, Educação

ABSTRACT

Within the scope of the Master's Degree in Religious Sciences and for the conclusion of the Supervised Teaching Practice (PES) held at the Monte da Lua School Group, in the academic year 2018/2019, I present this Final Report on a unique figure in the history of the Church in Portugal, Father Abel Varzim - a free being who liberated others.

Based on the teaching unit 3 of the 8th grade manual, of the Catholic Moral and Religious Education Program, "Liberdade", and noting that most students see freedom solely as an individual process, I propose, in this work, to develop a programmatic and pedagogical proposal that aims to show the relationship between freedom and the common good. Thus, the idea is emphasized that to be free is much more than a personal journey, it is to serve others and contribute to the common good.

Given these premises, I present a new programmatic and pedagogical proposal based on the example of Father Abel Varzim's life and work, in order to emphasize the particularity of the vision, culture and Christian action, which includes freedom in personal fulfillment and in service to others. To this end, a pedagogical itinerary was outlined, where the religious heritage, the newspaper O Worker, prevails, valuing the dialogue between culture and faith.

It is our role, as teachers, to guide students in their life project, and to provide them with tools to be conscious, mature and responsible citizens. Making them aware of freedom as a personal search allows them to find themselves but transmitting to them the experience of freedom as a relational dimension. Also, is to make them responsible for the defense of human dignity, openness to the other and to building a better world.

KEYWORDS: Freedom, Common Good, Catholic Moral and Religious Education, Human Dignity, Learning, Education

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – Prática de Ensino Supervisionada	10
1.Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	10
1.1. Caraterização da Escola.....	10
1.1.1. Localização.....	12
1.1.2. Enquadramento histórico.....	12
1.1.3. Equidade.....	13
1.1.4. Casos excecionais.....	15
1.2. Caraterização da Turma.....	16
2.Itinerário pedagógico	19
2.1. Experiência em contexto escolar.....	19
2.2. Experiência em contexto sala de aula.....	20
2.2.1. Dimensão humana.....	21
2.2.2. Dimensão científica.....	22
2.2.3. Dimensão religiosa.....	23
2.3. Avaliação do percurso pedagógico.....	24
3.Pertinência e Análise da Unidade Letiva 3 – Liberdade	26
3.1. A pertinência da Unidade.....	26
3.2. Análise da Unidade.....	26
4. A lecionação da UL3 – Liberdade: Planificações de nível IV e reflexão sobre as aulas	34
CAPÍTULO II – Padre Abel Varzim – Um ser livre que libertou os outros	59
1.Liberdade	59
1.1. Liberdade e Livre arbítrio.....	59
1.2. Liberdade - um apelo à consciência, autonomia e ao discernimento moral.....	60
1.3. Liberdade e dignidade humana.....	61
2. Bem comum	63
2.1. Definição de Bem Comum.....	63
2.2.A liberdade e o Bem comum.....	65
3. Padre Abel Varzim	68
3.1. Breve contextualização.....	68
3.2. Ação Católica Portuguesa.....	69
3.3. Padre Abel Varzim – um ser livre que libertou os outros.....	71
3.4. A JOC e o jornal <i>O trabalhador</i> veículos de defesa do bem comum.....	74
CAPÍTULO III –Proposta pedagógica – Exposição Padre Abel Varzim – Um ser livre que libertou os outros	
1.Apresentação da nova proposta programática	78
2. Implementação do itinerário pedagógico	80
Conclusão	91
Bibliografia	95
Anexo 1	101
Anexo 2	103

ABREVIATURAS

DOCUMENTOS DA IGREJA:

GS	Gaudium et Spes
DSI	Doutrina Social da Igreja

CONTEXTO LETIVO:

EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PEE	Projeto Educativo da Escola
PAA	Plano Anual de Atividades
AEML	Agrupamento de Escolas Monte da Lua
UL	Unidade Letiva

OUTRAS:

JOC	Juventude Operária Católica
AC	Ação Católica
ACP	Ação Católica Portuguesa

Introdução

A liberdade é um dos direitos mais desejados pelo ser humano, mas o seu caráter complexo cria muitas dificuldades na compreensão do que a sua vivência implica em nós e nos outros. Talvez isso esteja relacionado, com a uma certa privatização da liberdade que se vive atualmente, fruto da percepção da mesma como algo da mera coutada pessoal, impedindo a interferência externa.¹ Este entendimento da liberdade, é muito visível junto dos jovens, que facilmente a associam como mero prazer pessoal, descurando a dimensão relacional que lhe está inerente, e, principalmente, o quanto esta é importante para a construção do bem comum.

Ciente da importância disso mesmo, e partindo de uma análise da Unidade Letiva 3 – Liberdade, senti que o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) neste campo, podia ir mais além, enfatizando um pouco mais a dimensão social da liberdade, não só para esclarecer que a liberdade é muito mais que um caminho pessoal, mas também, promover junto dos jovens, o olhar para o outro, principalmente, para os mais desfavorecidos, construindo assim um mundo melhor. Fernando Moita enfatiza a relevância da disciplina de EMRC nesse processo, assim como, o papel do professor ao asseverar que este é um servidor e sementeiro de fraternidade, no seu trabalho está o amor cristão, potenciador da verdade, solidariedade e da alegria.²

Partindo deste meu trabalho reflexivo sobre a unidade selecionada, delinieie uma proposta programática e pedagógica que visa, essencialmente, responder ao que foi dito anteriormente, e ao mesmo tempo abrir espaço à reflexão acerca da liberdade tendo como fim o bem comum. Para tal, considerei pertinente introduzir no programa o conteúdo *liberdade orientada para o bem comum*.

Tendo presente que é “[...] próprio da pessoa humana necessitar da cultura, isto é, de desenvolver os bens e valores da natureza, para chegar a uma autêntica e plena realização.”³, entendi definir um itinerário pedagógico onde a cultura e a memória cristã coabitasse, criando assim, um contexto educativo de aproximação do cristianismo como inculturação. Foi, então, assim que fui ao encontro do Padre Abel Varzim e o jornal *O trabalhador*. Este foi um homem que mostrou a liberdade como uma dinâmica social,

¹Cf. F. CABRAL, “Liberdade e responsabilidade social”, *Communio*, 6 (1992) 498.

² Cf. F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, *Pastoral Catequética*, 26 (2013) 68.

³ A. TEIXEIRA, “Manual escolar e transmissão cultural”, *Pastoral Catequética*, 31-32(2015)150.

relacional, assente na ação espiritual, na valorização dos leigos e no aprofundar da consciência social. O seu papel na ação católica portuguesa, como evangelizador, defensor da justiça social, da dignidade humana foi fundamental para a edificação da harmonia social, numa altura muito particular da história da sociedade portuguesa. O jornal *O trabalhador* foi resultado da sua vontade de chegar às pessoas, de uma forma mais global e interventiva, mas também, um veículo para mostrar esse novo mundo que a Doutrina Social da Igreja (DSI) defendia e louvava.

Do ponto de vista pedagógico, o contato com o percurso, itinerário e limitações do Padre Abel Varzim demonstra ser um recurso importantíssimo para entender a liberdade como edificação do bem comum, baseado na valorização da participação ativa civil, religiosa e nos valores cristãos. Posto isto, Padre Abel Varzim foi uma espécie de pedagogo que fez do seu agir e exemplo, a sua ferramenta para criar pontes e não muros, contribuindo para a ordem social.

Acreditando que este trabalho possa contribuir para esse caminhar de liberdade para o bem comum, dividi este relatório em três partes:

A primeira incide sobre a prática de ensino supervisionada, nomeadamente, a a caracterização da escola, turma, assim como, uma breve avaliação sobre a Prática Ensino Supervisionada (PES). Nela está presente, igualmente, uma análise ao itinerário programático da unidade 3 – Liberdade, onde avalio a sua pertinência quanto ao esclarecimento da noção de liberdade, o que a sua vivência implica e por fim, a sua relevância na formação dos alunos.

Na segunda parte, procuro fazer uma explanação acerca da noção de liberdade e de alguns conceitos que lhe são inerentes, como: livre arbítrio, consciência, autonomia e discernimento. Estabelecendo, posteriormente, a ponte para o conceito de bem comum e dignidade humana. Pretendo com isto, reforçar a pertinência da liberdade enquanto instrumento para a construção do bem comum.

Partindo desta base, apresento como fundamentação, a vida e obra do Padre Abel Varzim. Nesta parte, destaco o seu trabalho na Ação Católica Portuguesa (ACP), mais concretamente, na Juventude Operária Católica (JOC), mas, também o papel relevante que o jornal *O trabalhador* teve como veículo para a defesa do bem comum. Desta forma, a liberdade pode ser vista como um caminho pessoal, que ganha forma na solidariedade, justiça, dignidade humana, ou seja, que vai ao encontro da realidade social e das necessidades das pessoas.

Na terceira parte, apresento uma nova proposta programática que visa cumprir o que foi referido anteriormente, mediante o objetivo 7. Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal *e construção do bem comum*, bem como o conteúdo liberdade *orientada para o bem comum*. Este itinerário é colocado em prática com a realização de um trabalho de estudo acerca do Padre Abel Varzim e a consequente concretização da exposição: *Padre Abel Varzim – um ser livre que libertou os outros*.

Considero que este percurso pedagógico se enquadra no objetivo que a disciplina de EMRC é chamada a contribuir, a formação integral, não só pelos conteúdos, mas porque procura facultar momentos de reflexão sobre a realidade e compromisso com a mesma, à luz da matriz cristã. Aliás, o professor João Lourenço assevera que

“[...] a EMRC contém em si virtualidades e potencialidades muito significativas, uma vez que permite aos formandos todos um universo de reflexão, de confronto e de capacitação em ordem ao futuro que vai muito para além do que é um mero saber ou de um conhecimento organizado e sistematizado acerca de qualquer domínio científico enquanto tal.”⁴.

Ora, é este dinamismo, reflexão, discernimento face à liberdade que se pretende com esta nova proposta, um espaço onde despolete nos jovens, a vontade de olhar criticamente para a realidade e agir em conformidade.

Sendo nós professores de EMRC, promotores da educação integral, entendo ser importante desenvolver competências pessoais e sociais nos discentes, que lhes permitam compreender a si mesmos e a viver em sociedade.

Pretendo, então, que este Relatório Final seja um contributo, a partir de uma visão antropológica cristã, para a discussão acerca da temática da liberdade, de como vivenciá-la em nome do bem comum, e um meio de demonstrar a relevância da história, da cultura, do património, como chave hermenêutica da realidade e do ser humano na sua totalidade.

⁴ J. LOURENÇO, “Dimensão profética da EMRC. A escola, o Docente, o Educando. Sinais...” *Pastoral Catequética* 31-32 (2015)131.

Capítulo I – Prática de Ensino Supervisionada

1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

A minha prática de ensino supervisionada realizou-se no Agrupamento de Escolas Monte da Lua, mais concretamente na escola Fernando II, em Sintra. O ano em que a minha prática incidiu foi o 8ºano de escolaridade, na turma A.

O núcleo da Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi formado por quatro professores estagiários: Susana Nobre e Luís Salgueiro (8ºano); Maria Isabel Marques e Sandra Pereira (7ºano). Fomos acompanhados pela professora cooperante Margarida Portugal, docente efetiva no agrupamento e coordenadora do grupo 290, Educação Moral e Religiosa Católica.

Avalio este ano como muito exigente, no entanto, considero que aprofundei as minhas competências enquanto docente. Os meus colegas de estágio foram o meu apoio e, simultaneamente, fontes de saber que me ajudaram a ultrapassar as minhas inseguranças.

Realço, ainda, a orientação e acompanhamento da Dr.^a Margarida Portugal, que se mostrou sempre disponível e exigente, que fez-me vislumbrar quais as competências a desenvolver enquanto docente de EMRC.

1.1. Caracterização da escola

A escola é encarada “[...] como uma organização social inserida e articulada com um contexto local singular, com identidades e culturas próprias [...]”⁵. Desta feita, sendo esta uma instituição inserida na sociedade, e conseqüentemente “[...] agente de socialização [...]”⁶ deve ser objeto de estudo com vista a identificar problemas, arranjar soluções, ser atual para que os seus objetivos sejam concretizados, ou seja, a formação plena do ser humano.

Face à heterogeneidade do mundo atual, esta missão torna-se cada vez mais difícil, na medida em que, nenhum modelo educativo pode responder na totalidade a essa

⁵ R. CANÁRIO, *O que é escola? Um “olhar” sociológico*, Editora Porto, Porto, 2015, 53.

⁶ J. AZEVEDO, “Das escolas “Sísifo” às escolas re-institucionalizadas (equidade e sucesso escolar)”, *MEC GOV BR* (2002), acessado a 21/12/2019, disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/sisifos.pdf>>.

exigência. No processo há sempre condicionalismos de ordem social, económica, política e humana.

A solução poderá estar num ensino mais democrático, igualitário, eficaz e focado em “[...] transformar os alunos em pessoas.”⁷, isto é, formar pessoas a partir de valores morais e éticos, mais conscientes da sua responsabilidade face a si mesmo e aos outros. Para tal, há que fazer uma análise dos sectores a melhorar, um envolvimento da comunidade educativa, administração local e Ministério da Educação.

Neste sentido, fazer a caracterização da escola e da turma, faz com que o docente adquira conhecimentos daquilo que a escola pode oferecer, assim como, das particularidades da comunidade escolar, mais especificamente, dos alunos. Estas premissas vão ao encontro daquilo que é uma escola acessível a todos, “[...] uma promessa de desenvolvimento, uma promessa de mobilidade social e uma promessa de igualdade [...]”⁸. Para além disso, é também uma forma de responder a uma escola inclusiva, aberta, igualitária, construtora do bem comum e acima de tudo que vai ao encontro da formação integral do aluno.

O Agrupamento de Escolas Monte da Lua (AEML) é constituído por onze escolas, que incluem todos os ciclos de ensino: pré-escolar, ensinos básico e secundário. A sede localiza-se na escola Secundária de S. Maria, sita na Portela de Sintra.

O seu projeto educativo para o triénio letivo 2016/2019, cujo tema é “Uma escola para o mundo”, foi construído como “[...] instrumento de gestão estratégica que define a política da ação educativa, garante e sustenta a sua operacionalização e uma identidade coletiva.”⁹. O agrupamento assume, assim, como objetivo responder às necessidades sociais, económicas, culturais do contexto local, nacional e mundial. Desta maneira, pretende mostrar que a escola é espaço de compreensão da realidade humana, abrindo caminho para a interpretação do ser humano enquanto ser relacional e responsável pelo mundo que habitamos



⁷ R. CANÁRIO, “A escola: das promessas às incertezas”, *Educação Unisinos*, 12 (2), maio/agosto (2008) 80.

⁸ *Ibidem*, 75.

⁹ AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MONTE DA LUA, *Uma Escola para o Mundo – Projeto Educativo 2016-2019*, AGML, Sintra, 2016, 5.

1.1.1. Localização

O termo Monte da Lua foi “[...] criado por Ptolomeu para designar a Serra de Sintra, considerado então como monte sacro (*mons sacer*). Ainda segundo Varrão e Columela, outros dois autores romanos, a serra seria local de culto associado à lua e aos fenómenos lunares. Embora com o tempo esses cultos tivessem desaparecido sem deixar vestígios evidentes, a designação Monte da Lua manteve-se no imaginário sintrense.”¹⁰



O AEML foi oficializado em julho de 2012, sob proposta de reordenamento da rede educativa de Sintra, serve as freguesias de Santa Maria, São Miguel, São Martinho, São Pedro de Penaferim e Colares. Desta forma, abrange uma área de 95 Km², equivalente a 30,2% do concelho de Sintra.

Tendo em mente que “todas as crianças devem frequentar a escola [e que] as escolas pertencem a todas as crianças[...].”¹¹, também recebe alunos de freguesias vizinhas, entre as quais encontramos Algueirão – Mem Martins (a cerca de 4 Km), São João das Lampas (a cerca de 10 km), Terrugem (a cerca de 9 km), Pero Pinheiro (a cerca de 11 km), Montelavar (a cerca de 13 km) e Almargem do Bispo (a cerca de 13 km). Posto isto, o referido agrupamento é o segundo maior do concelho de Sintra.

1.1.2 Enquadramento histórico

A escola D. Fernando II começou a funcionar em 1968 num antigo edifício inaugurado em 1924, o então Casino de Sintra, atual edifício do Museu de Arte Moderna de Sintra (MUSA) com turmas de 5º e de 6º anos, mudando-se em 1983 para as atuais instalações. Em 1988 começou a receber alunos do 7º ano, em 1991 alargou-se ao 8º ano de escolaridade e, em 1992, completou-se o 3º ciclo, passando a haver também turmas do 9º ano.

A escola em análise situa-se num amplo espaço verde arborizado, onde se destaca um trilho ecológico. É composta por: dois edifícios de dois andares cada; um edifício

¹⁰ *Ibidem*, 7.

¹¹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008, 40.

provisório, construído em 2007, com duas salas pré-fabricadas; um pavilhão ginnodesportivo; dois campos de jogos; balneários; e uma sala/bar de alunos.



Fernando de Saxe Coburgo-Gotha patrono da escola, nasceu em Viena de Áustria a 29 de outubro de 1816. Em 1836 casou com D. Maria II. O nascimento do décimo primeiro filho, em 1853, custou a vida à rainha. Após a sua morte, por menoridade do príncipe herdeiro, D. Fernando ficou como regente do reino durante dois anos. Com a subida de D. Pedro V ao trono, D. Fernando "desapareceu" da vida política e dedicou-se exclusivamente às artes, a sua grande paixão.

Em 1869 casou com a cantora suíça Elise Hensler, a quem foi dado o título de Condessa de Edla. Vítima de uma hemorragia provocada por uma queda, D. Fernando II faleceu a 15 de dezembro de 1885, no Paço das Necessidades. Como reconhecimento pelo excelente legado cultural de D. Fernando II, o “Rei-artista”, a Sintra, a escola adotou-o como patrono. Atualmente, e como símbolo de identidade, o Dia da Escola comemora-se em 29 de outubro, dia do nascimento de D. Fernando II.¹²

1.1.3 Equidade

Richard Arends recorda que “[...] as escolas que dão um tratamento imparcial, justo e equitativo, assim como condições iguais para todos os alunos, demonstram uma política de equidade.”¹³ Esta é tendencialmente a realidade da Escola Básica de 2º e 3º ciclo D. Fernando II, que oferece a todos os discentes as mesmas condições materiais e não só, para a aquisição de conhecimentos.

É testemunhada a existência de recursos digitais para essa função, assim como, uma Equipa de Manutenção dos Equipamentos e Sistemas Digitais que proporciona a sua operacionalização. A partir da disponibilidade dos recursos, os educadores podem, segundo Arends, “[...] fazer a sua parte, assegurando que todos os jovens tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem”¹⁴ e desenvolver competências nas mais variadas áreas. O AEML é um exemplo disso mesmo, ao promover projetos que têm como objetivo incrementar vários tipos de inteligência nos seus alunos, nomeadamente:

¹² Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MONTE DA LUA, *Projeto Educativo*, 2016-2019.

¹³ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 44.

¹⁴ *Ibidem*.

- inteligência lógica-matemática que é promovida por atividades como o *Canguru Matemático sem Fronteiras*;
- a inteligência linguística, pelo Clube de Teatro em alemão e pela Biblioteca Escolar;
- a inteligência musical valorizada pela Banda Escolar e o Clube de Artes;
- a inteligência corporal- cinestésica trabalhada a partir do Programa de Desporto Escolar;
- inteligência interpessoal, os alunos têm acesso à Cidadania e Desenvolvimento, ao Núcleo de Rádio e à Academia de Liderança,
- inteligência naturalista com a criação do Clube do Ambiente e do Programa Eco escolas.

Todavia, no Projeto Educativo Escolar (PEE) e no Plano Anual de Atividades (PAA) do AEML são encontrados poucos vestígios concretos que incluam programas que ensinem os alunos a conhecer e gerir a sua inteligência emocional e intrapessoal. Neste sentido, a proposta curricular de EMRC pode contribuir para a formação da dimensão humana do discente, ou seja, no seu crescimento individual e social

A equidade também está presente no próprio sistema organizativo, uma vez que todos os professores estão organizados em quatro departamentos: o Departamento de Matemática e Ciências Experimentais, o Departamento de Línguas, o Departamento de Ciências Sociais e Humanas (no qual se encontra a disciplina de EMRC) e o Departamento de Expressões.

Na escola lecionam duas docentes da disciplina de EMRC (Educação Moral e Religiosa Católica). A professora Margarida Portugal, professora cooperante do núcleo de estágio, tem como funções lecionar 5º, 7º, 8º, 9º e 10º anos e faz parte do departamento de Ciências Sociais e Humanas. É também membro do grupo de trabalho de monitorização do Projeto Educativo da Escola (PEE) e do Plano Anual de Atividades (PAA).

É notório igualmente o bom ambiente escolar, entre pessoal docente, não docente e discentes.

1.1.4 Casos excepcionais

Na perspectiva de Arends, “[...]as crianças devem ser educadas num ambiente o menos restritivo possível. Isto significa que as crianças com dificuldades devem, na medida do possível, ser incluídas em salas de aulas regulares.”¹⁵, dando ênfase à inclusão como proposta integral de concretização do processo ensino-aprendizagem.

De acordo com o Decreto-Lei 54 de 2018, 6 de julho, “[...] esta prioridade política vem concretizar o direito de cada aluno a uma educação inclusiva que responde às suas potencialidades, expectativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação no sentido de pertença em efetivas condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social.”¹⁶.

Neste sentido, a escola D. Fernando II dispõe de uma equipa de vários docentes de Educação Especial, auxiliada por uma psicóloga clínica e uma psicóloga educacional, ao serviço de todo o Agrupamento. Atividades como a visita à escola Secundária de Santa Maria pelos alunos com Currículo Específico Individual ou projetos como *Dê uma Tampa à Indiferença* – Recolha de Tampinhas de Plástico são sinal de preocupação e estímulo para que todos os alunos trabalhem e convivam juntos.

É manifesto o recurso às contribuições que as diversas culturas podem dar no campo das artes, da música, da literatura e da linguagem, principalmente aquelas relacionadas com o Inglês, o Francês e o Alemão. Entre várias outras, também desvendamos as visitas a Templos e ao *Goethe Institut*, as atividades *Oktoberfest*, *Halloween* e *Chanson de Noël* e a celebração do Dia Europeu das Línguas.

Para dar resposta à diversidade cultural, Arends apresenta uma abordagem de ação social apresentada por Banks, que “[...] encoraja os alunos não só a examinarem os problemas relacionados com a diversidade, mas também a realizarem projetos que potencialmente assumam atitudes e promovam a justiça social.”¹⁷, e neste âmbito, a escola em análise, promoveu o projeto *Empresários para a Inclusão*.

No que concerne aos casos em que é necessária uma intervenção atempada, tanto no campo académico como no campo atitudinal, existe o programa *Examinastium*, o Apoio Tutorial Específico e o Núcleo de Intervenção Disciplinar. De modo a melhor

¹⁵ *Ibidem*, 53.

¹⁶ *Diário da República n.º5/2018*, 1ª série – Nº 129 – 6 de julho de 2018.

¹⁷ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 66.

acompanhar os alunos com medidas disciplinares que apresentam sinais de agressividade e ajudá-los a alcançar os seus objetivos em vez de agirem por impulso, procede-se ao seu encaminhamento para a realização de tarefas escolares em contexto comunitário.

Por outro lado, o Núcleo de Apoio ao Aluno em Risco e Perigo e Programa de Apoio à Promoção e Educação para a Saúde evidenciam a consciência existente relativamente à ligação entre a aprendizagem e hábitos de vida saudáveis.

Ao ler o PEE e o Plano da Ação Estratégica (PAE) é também possível destacar a importância dada ao envolvimento dos pais e da comunidade através de momentos de educação parental e de projetos relacionados com autoridades locais.

Os projetos Erasmus e Rede de Escolas UNESCO, assim como diversas exposições temáticas dos trabalhos dos alunos e a entrega de diplomas sublinham inclusivamente a ligação feita entre o desafio intelectual, atitudinal, a valorização pessoal e comunitária.

2.2 Caraterização da turma 8º A

No processo ensino aprendizagem é preponderante ter conhecimento das características da turma. Ter a perceção das suas singularidades e contexto, pode determinar o sucesso ou insucesso do processo de ensino-aprendizagem. É também um desafio que um docente enfrentará, o “[...]de compreender a diversidade dentro do grupo de alunos e perceber como estes aprendem”¹⁸. Cada aluno tem uma história, fruto do contexto de onde é originário e está inserido.

A caraterização de uma turma, permite obter dados que possibilita ao docente planificar de acordo com a realidade dos alunos nas suas diferentes dimensões: cognitiva, social e humana contribuindo assim, para o sucesso do ensino aprendizagem. Arends considera essencial analisar as particularidades de uma turma ou de uma escola no que concerne à cultura, etnia, raça, diversidade linguística, diferenças entre géneros, diferenças sociais¹⁹, entre outras, na medida em que todos estes fatores externos interferem no processo formativo de um discente.

Concordando com aquilo que é defendido por Arends, segue-se a caraterização da turma do 8º A.

¹⁸ *Ibidem*, 41.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, 39.

A turma é constituída por vinte e seis alunos, quinze raparigas e onze rapazes. Dos 26 alunos, dezassete alunos (65,4%) frequentam a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, 13 raparigas e 4 rapazes.

Apoiando em Piaget, Silva assevera que os jovens que se encontram entre os doze e os catorze anos, estão no estágio das operações formais “Neste período acontece o amadurecimento das características da vida adulta.”²⁰ a designada adolescência inicial²¹.

Os jovens, nesta fase, tendem a sofrer mudanças tais como:

“[...]despertar do próprio eu; crise de crescimento físico, psíquico e maturação sexual ; conhecem pela primeira vez as suas limitações e fraquezas; «[...]desequilíbrio nas emoções, que se reflete na sensibilidade exagerada e na irritabilidade de caráter; não sintoniza com o mundo dos adultos e refugia-se no isolamento ou no grupo de companheiros de estudo, integra-se num grupo de amigos.”²²

Chinalli salienta que de acordo com Erickson, os adolescentes, neste período do desenvolvimento, estão em processo de construção da identidade, “[...] que constituiria um tempo de moratória psicossocial.”²³, isto é , o “[...] período intermediário admitido socialmente, durante o qual o indivíduo pode encontrar uma posição na sociedade por meio da livre experimentação de funções.”²⁴ .Contudo, ressalva que o processo de formação de um indivíduo nunca está terminado, pois vai-se realizando ao longo de toda a sua vida.

A maioria dos alunos da turma do 8ºA frequenta a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica desde o 5º/6ºano de escolaridade, apresentando conhecimentos sólidos e perfeitamente conhecedores da dinâmica que a disciplina confere.

É de salientar, a presença de um aluno de nacionalidade brasileira enquanto os restantes são portugueses. A maioria dos discentes reside na área de Sintra, de um meio sócio económico médio. Não há registo de alunos que vivam em agregados familiares monoparentais ou que vivam em agregados familiares em que os titulares se encontram sem qualquer fonte de rendimento.

No âmbito geral, a turma 8º A demonstrou ser interessada e empenhada. São

²⁰ P. SILVA, et al, “O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget”, *Psicologia* (2011) 11, acedido a 05/11/2019, disponível em <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0250.pdf>>.

²¹ Cf. E. B. HURL.O.C. K, *Desenvolvimento do Adolescente*, Editora McGraw-Hill, São Paulo, 1979, 2.

²² F. CARDONA, “Etapas da adolescência”, *Educação na Aldeia* (s.d.) s.p., acedido a 05/11/2019, disponível em <<http://educacao.aaldeia.net/etapas-adolescencia>>.

²³ M. CHINALLI, “Erik Erikson e a construção de identidade”, *Educação* (2017) s.p., acedido a 05/11/2019, disponível em <<http://www.revistaeducacao.com.br/erik-erikson-e-construcao-da-identidade>>

²⁴ *Ibidem*.

alunos que estabelecem pontes entre os diferentes saberes, com muita facilidade. Apresentam interesse pela escola e pela aquisição de conhecimentos, mostrando-se também participativos. Revelaram capacidade de escuta e de diálogo, sabendo respeitar a intervenção dos colegas e do professor. Responderam bem aos desafios propostos, encarando-os com entusiasmo e alegria. Apresentaram bastante à vontade em questionar e pedir conselhos sobre assuntos de foro pessoal e em partilhar experiências. Manifestaram ter cultura geral e religiosa, fruto dos anos que frequentam a disciplina. Na generalidade, os alunos apresentaram todos uniformidade no desenvolvimento cognitivo

A diversidade refletiu-se mais no ponto de vista da personalidade, uma vez que apesar de ser uma turma participativa na sua maioria, existiam três ou quatro alunos mais tímidos.

No que concerne aos aspetos a melhorar evidencia-se a pontualidade, o que talvez se deva ao facto da aula ser na primeira hora da manhã.

Concluiu-se que o 8ºA revelou ser uma turma interessada sobre a realidade que o rodeia, sob um espírito crítico e analítico. Aliado a este aspeto, a turma manifestou “sede” de saber, o que se traduziu em momentos de reflexão, debate, que enriqueceram o processo ensino aprendizagem. Cada tarefa aplicada em sala de aula, revelou-se eficaz no atingir dos objetivos contemplados no programa; na aplicação de um modelo de ensino centrado no aluno e no desenvolvimento integral do mesmo.

2. Itinerário Pedagógico

Depois desta caracterização da escola e da turma, passo agora a uma breve reflexão sobre o meu itinerário pedagógico, onde me debruçarei sobre a minha experiência em contexto fora e dentro da sala de aula e no fim, farei uma avaliação global do trabalho desenvolvido.

2.1. Experiência em contexto escolar

A experiência em contexto escolar foi positiva. Desde o início sentimo-nos acolhidos não só pela professora cooperante, como, pela restante comunidade escolar. No dia em que nos apresentámos, esta teve o cuidado de nos mostrar a escola, assim como, a sala de EMRC. Para além disso, apresentou-nos os funcionários e a diretora da escola. Todos nos desejaram as boas vindas e mostraram-se abertos a tudo o que precisássemos. Este acolhimento, poderá estar associado ao facto de o agrupamento ter por hábito receber estagiários na área da especialização em EMRC.

Sentimos, igualmente, receptividade e abertura, por parte dos órgãos administrativos e de gestão para a concretização de atividades, no âmbito da disciplina de EMRC.

Perante este cenário, foi possível efetuar visitas de estudos e outro tipo de atividades (contempladas no PAA) que envolveram toda a comunidade escolar. Realça-se o acantonamento na serra da estrela, a visita aos templos, o *peddy paper* e o acampamento. Estas dinâmicas contribuíram para um dos parâmetros da missão do Projeto Educativo que é: “[...] capacitar os seus alunos nas múltiplas dimensões, cognitiva, afetiva, relacional e psicomotora, criando as condições que contribuam para o desenvolvimento de um perfil de competências.”²⁵.

Fazendo uma análise ao acantonamento na serra da estrela, constatou-se que promoveu a educação não-formal, pela participação dos discentes nas várias atividades e pelo reconhecimento e aplicação de valores como o respeito, responsabilidade e partilha. Aliado a isso, foi possível, estabelecer a interdisciplinaridade, na visita ao centro interpretativo do vale glacial em que os discentes tiveram contato com a diversidade da natureza e as tradições locais. Ainda nesta atividade, o núcleo de estágio do 8ºano e a

²⁵ AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MONTE DA LUA, *Projeto Educativo*, 2016-2019, 11.

professora Maria Isabel Marques realizaram um *peddy paper*, cujo objetivo, para além dos já mencionados, era a aplicação de alguns conhecimentos já adquiridos na disciplina de EMRC, referentes à UL (unidade letiva) 1- *Amor Humano* e UL 2- *Ecumenismo*.

2.2. Experiência em contexto de sala de aula

A minha experiência de lecionação em EMRC baseou-se, até então, no 1º ciclo, por isso, a minha inclusão no 3º ciclo (8ºano) foi um grande desafio. Apesar dos receios iniciais, posso asseverar que a minha prática de ensino supervisionada foi, no geral, positiva. Inicialmente, senti-me insegura na transmissão dos conhecimentos científicos assim como, na aplicação de estratégias adequadas, contudo, tal sentimento foi-se dissipando ao longo do ano letivo.

Depois de ultrapassada esta fase inicial, comecei por refletir sobre o que tinha aprendido ao longo destes anos de estudo, chegando à conclusão de que era importante primeiramente, estabelecer uma relação de proximidade com os alunos. Desta maneira, estaria a ser, exemplo das palavras e gestos de Jesus, ou seja, promotora de amor, amizade, serviço. Esta praxis de acolhimento, o professor José Nunes revela “[...] ser uma prática de inclusão e não de exclusão.”²⁶ que se estende a todas as pessoas. Este tipo de atitude, segundo este teólogo é o que mais equilibra o ser humano²⁷, sendo fundamental na construção da sua identidade. Paralelamente, o ato de acolher é “[...] receber a pessoa tal qual ela é e se apresenta”,²⁸ sem recusas ou qualquer preconceito, sendo um bom meio de evangelizar quem vem ao nosso encontro, aproximando os alunos aos professores e ao mesmo tempo, exemplo do agir cristão.

Todavia, o itinerário pedagógico não podia ser só este, uma vez que existe todo um programa com conteúdos riquíssimos, que aponta para uma nova proposta interpretativa acerca da vida, só desvendada através do Amor e da fé. Para tal, o docente de EMRC tem a possibilidade de aliar (nas suas planificações) “[...] a sua experiência de fé e o seu profissionalismo.”²⁹, e através disso, promover nos seus discentes, competências de foro pessoal, racional e crente.

²⁶ J. NUNES, “O Acolhimento Pastoral – perspetivas teológicas e antropológicas”, *Didaskalia xxxvii* (2007) 304.

²⁷ Cf. *Ibidem*, 301.

²⁸ *Ibidem*, 306.

²⁹ Cf. EDUCRIS, Vídeo da Conferência inaugural do Fórum de EMRC, acedido a 05/11/2019, disponível em <<https://www.educris.com/v2/emrc/4773-forum-emrc->>.

Foi com este princípio que preparei a Unidade Letiva 3 – Liberdade, a minha unidade de estudo.

Primeiramente, analisei o programa, articulei objetivos e conteúdos, não descurando, a respetiva identificação das metas, domínios e aprendizagens essenciais. Considerando que um professor é um agente reflexivo, que goza de autonomia na implementação do programa e é capaz de tomar decisões fundamentadas em função da observação atenta das realidades escolares concretas.³⁰, delinee a planificação da unidade 3 – Liberdade. Para tal tive presente, a necessidade de criar um fio condutor na leção; ser rigorosa cientificamente e implementar estratégias diversificadas. Mas acima de tudo, estar ciente de que teria de contribuir para grande finalidade da disciplina, a formação global do aluno³¹. Para cumprir com uma educação plena, teria de passar por trabalhar nos alunos a dimensão humana, científica e religiosa.

Tendo consciência que estas dimensões se cruzam em cada aula de EMRC, segue uma perspetiva geral do que foi feito para trabalhá-las em contexto de sala de aula:

2.2.1 Dimensão humana

Neste campo, é relevante efetuar atividades que visam orientar os discentes na compreensão de si mesmos e do outro. Para tal, há que encaminhá-los para valores válidos, constitutivos do bem e do bem comum. O currículo dinâmico e transversal da disciplina de EMRC confere aos alunos, as competências humanas e sociais que permitem dar resposta a essas premissas, levando-os a um caminho interior que pode e deve manifestar-se numa cultura de encontro com o outro.

Ciente disso mesmo, optei por orientar a unidade em estudo neste sentido, para que os discentes tivessem a noção de que a liberdade é um dom que deve ser preservado e que ganha plenitude no serviço aos outros.

Então, ao longo do processo ensino aprendizagem, apliquei estratégias que visaram atingir os pressupostos atrás referidos, nomeadamente: campanhas de sensibilização sobre os condicionalismos à liberdade, de defesa da dignidade humana e da construção do bem comum, através de imagens, notícias e casos reais. Estas dinâmicas despoletaram nos alunos, a vontade de intervir socialmente, de ajudar o próximo e de

³⁰ Cf. C. CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, *Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 39.

³¹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Moscavide, 2014, 5.

fazerem parte da solução dos problemas. Por outro lado, constataram que a liberdade é um caminho pessoal e comunitário.

Neste processo, foram determinantes as várias modalidades da “[...] aprendizagem Cooperativa- Investigação em grupo; Discussão em sala de aula; Pedagogia do serviço e Exposição (que sendo centrada no docente, combinada com os demais modelos revela-se muito útil na transmissão da cultura).”³² as quais permitiram que os discentes para além de construírem o seu conhecimento, adquirissem competências interrelacionais e praticassem dinâmicas de serviço ao outro. Simultaneamente, estas atividades estimularam-lhes “[...] a abertura ao outro com um rosto, como pessoa, como irmão e irmã para conhecer e respeitar, com a sua história, os seus méritos e defeitos, as suas riquezas e limites.”³³ ou seja, para a importância dos valores e atitudes essenciais para o saber ser, o saber ser com os outros e para os outros, como por exemplo: a tolerância, partilha, solidariedade, serviço, comunhão, respeito, justiça, dignidade e liberdade. Todos eles constitutivos na construção do bem comum.

Por último, procurei ter uma abordagem próxima aos alunos, sempre atenta às suas necessidades, escutando-os e elogiando-os.

2.2.2. Dimensão científica

Na compreensão da noção de liberdade, é importante que os alunos tenham acesso a um conjunto de conceitos base, que os levem à compreensão da mesma, como um bem pessoal e universal.

Após a análise da unidade, constatei que o programa não era claro na relação liberdade e bem comum e isso levou-me, a incluir no meu processo de lecionação o conteúdo *Liberdade orientada para o bem comum*, dando forma a uma nova proposta programática. Entendo que desta forma, os alunos têm acesso à perspectiva cristã, que a exemplo de Cristo, mostra que a liberdade é algo mais que o uso do livre arbítrio, é saber escolher com vista ao bem comum. Por outro lado, os alunos desenvolvem competências humanas ao perceberem que “[...] todos são responsáveis pelo bem comum e que a política não cabe apenas aos governantes, mas à sociedade como um todo.”³⁴.

³² C. CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, 56.

³³ *Ibidem*.

³⁴ F. MASSALLI, “Papa Francisco apela para que todos contribuam para o bem comum”, *Agência Brasil* (2019) s.p., acedido a 05/05/2019, disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/>

Para a consolidação desta ideia, foi fundamental a transmissão dos conhecimentos científicos. Para tal, optei por uma metodologia mais centrada no docente, intercalando, com debates, diálogos, exercícios de reflexão acerca de notícias, imagens ou curtas metragens. Estes últimos quando bem selecionados, são ótimas e atrativas ferramentas de transmissão de conhecimentos, para além de irem ao encontro da realidade dos alunos, desperta o sentido crítico, discernimento e a vontade de intervirem socialmente.

Não descurei, a aplicação de trabalhos de estudo a pares ou em grupo, que para além de promover a autonomia, permite-lhes construir o seu próprio conhecimento. Como exemplo disso mesmo, destaco o trabalho sobre o Padre Abel Varzim – um ser livre que libertou os outros.

2.2.3 Dimensão religiosa

Na educação integral pede-se que se inclua a dimensão religiosa, na medida em que “[...] é constitutiva da pessoa humana. Por isso não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração.”³⁵.

A disciplina de EMRC, estando inserida em contexto escolar, pode dar um contributo neste sentido, já que aprender sobre o fenómeno religioso é acima de tudo interpretar a condição humana uma vez que o ser humano é “[...]ser de fronteira entre a animalidade que o constitui e a consciência que o eleva”³⁶, produto biológico e ontológico. Sob este prisma, a dimensão religiosa confere ao ser humano linhas orientadoras de sentido para a vida e desenvolve-lhe competências que o permite compreender o mundo e aquilo que o rodeia sob uma perspetiva mais responsável, madura e consciente.

Para cumprir estas premissas, frequentemente, recorri a atividades de leitura e interpretação dos textos bíblicos dado que são “[...] uma espécie de atlas iconográfico, estaleiro de símbolos ou imenso dicionário.”³⁷ onde se encontram respostas acerca da humanidade e cujo seu caráter dialogante permite compreender o nosso tempo, identidade

2019-01/papa-francisco-apela-para-que-todos-facam-contribuam-para-o-bem-comum>.

³⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, Fátima, 2006, n.ºs 10-11, acedido a 21/12/2019, disponível em <<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>>.

³⁶ A. MARTINS, “O enigma do homem: entre imagem de Deus e animal”, *Didascália* 51 (2011) 272.

³⁷ J. T. MENDONÇA, “A mediação cultural – um novo contexto para a transmissão religiosa?”, *Communio* 4 (2006) 2.

e cultura. Na sua lecionação, usei linguagem simples e acessível, e muitas vezes, apliquei linguagem não formal - a arte. Este último instrumento, permitiu, igualmente, promover a interdisciplinaridade, ampliando conhecimentos, desenvolvendo o sentido crítico e interpretativo nos alunos.

Aliás, considero que o património religioso é um meio de aprendizagem e uma resposta à “crise da linguagem religiosa”³⁸ que se vive atualmente. Nesta ótica, tentei no meu itinerário pedagógico, tirar partido da sua relevância enquanto transmissor da mensagem cristã. Exemplo disso mesmo, foi não só a exploração da arte sacra, pintura e música, como também, o jornal *O trabalhador*. Este último foi fulcral na concretização da nova proposta pedagógica, na medida em que, mediante um trabalho de grupo, os alunos analisaram notícias e tomaram contacto com a proposta do agir cristão face à liberdade, dignidade humana e bem comum. Simultaneamente, conseguiram identificar que a liberdade sendo um dom e uma vocação, que deve estar ao serviço dos mais fracos.

3. Avaliação do percurso

Antes de avaliar a PES, vou fazer um breve enquadramento pessoal acerca da mesma.

Considero que foi um ano com muitos obstáculos, que serviu, essencialmente, para aprender acerca da importância da relação interpessoal na formação de um ser humano. Por isso, destaco aqui o apoio da família e dos colegas de estágio que em momentos, por vezes duros, fizeram com que a palavra, desistir, não saísse da minha boca.

No que concerne à prática ensino aprendizagem, deparei-me com uma realidade nova, uma vez que estava a lecionar 8ºano pela primeira vez, mas encarei tal facto como um desafio a superar e com vontade de aprender.

Estando muito ciente da grande finalidade da disciplina, a formação integral, preocupei-me no delinear do processo de ensino aprendizagem, em trabalhar as três dimensões que fazem da formação integral: humana, científica e religiosa, que visam “[...] preparar as pessoas para a sua inserção na sociedade e habitá-las com os necessários conhecimentos teóricos e operativos para o desempenho de funções necessárias para a mesma sociedade.”³⁹.

³⁸ Cf. *Ibidem*.

³⁹ F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, 57.

Tendo isso como ponto de partida, e analisando a unidade 3 – Liberdade, considerei pertinente introduzir um novo conteúdo, *liberdade orientada para o bem comum* uma vez que, para além do programa não estabelecer esta relação entre a liberdade e o bem comum, era essencial que os alunos percebessem que ser-se livre implica arte de viver⁴⁰, ou seja, fazer escolhas tendo em linha de conta o nosso bem e o bem comum. Impulsionada pelas palavras de António Estanqueiro, de que um bom professor é aquele que “[...] mostra abertura à inovação e à mudança.”⁴¹, competência pedagógica e científica, reformulei a parte final da unidade, coadunando objetivos, metas, aprendizagens essenciais aos novos conteúdos: liberdade, bem comum e a referência Padre Abel Varzim.

Para tal, construí as planificações I, II, III e IV a partir da minha proposta de alteração de conteúdos, objetivos e metas, resultando num fio condutor pedagógico que levasse os discentes à ideia de liberdade como dom e vocação no serviço aos outros – bem comum.

Perante o exposto, saio desta PES com a mesma convicção com que entrei, que “[...] aprender a ensinar é o processo de uma vida.”⁴² que cada escola e turma é um contexto, uma realidade. Aprendi a ser mais exigente, rigorosa, mas principalmente, a não ter receio de arriscar.

Paralelamente, cheguei à conclusão que ensinar é um desafio constante que implica que os professores sejam “[...] inovadores, abertos e altruístas, estar dispostos a assumir riscos consigo próprios e com os alunos, ser capazes de elaborar juízos críticos sobre o seu próprio trabalho.”⁴³, ou seja, olhar para o que se fez e ter a humildade de admitir o que falhou e sorrir para aquilo que se conseguiu.

Considero como positivo, a empatia que criei com a turma, a criação de um novo itinerário programático; a inclusão do património religioso como chave de leitura da realidade humana (jornal *O trabalhador*, pintura); estratégias diversificadas, entre outros.

Os aspetos a melhorar: a gestão do tempo, a insegurança inicial, o estar, às vezes, demasiado focada na transmissão dos conteúdos ao invés de escutar os alunos.

Assim, finalizo esta PES com a certeza de que foi um ano de reflexão e aprendizagem sobre que tipo de docente quero ser e que competências devo ter para ser uma melhor docente.

⁴⁰ Cf. F. SAVATER, *Ética para um jovem*, Editorial Presença, 5ª Ed., Lisboa, 1998, 28.

⁴¹ A ESTANQUEIRO, “Relação Pedagógica”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 97.

⁴² R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 28.

⁴³ *Ibidem*.

3. Pertinência e Análise da Unidade

3.1 A pertinência da Unidade

A liberdade é um dos valores mais prezados da sociedade moderna, contudo, o seu uso nem sempre é orientado para o bem, o que remete para necessidade de uma clarificação quanto à sua noção e pertinência na construção de um mundo melhor. Este facto é ainda mais claro quando, frequentemente, se constata que muitos dos jovens encaram-na como um bem individualista, onde é possível fazer escolhas de modo irrefletido, sem ter em conta o outro.

Por isso, a eleição desta unidade letiva prende-se com a pertinência da mesma na educação de alunos, que se inscrevem num contexto social onde predomina uma visão reducionista do que é liberdade.

O objetivo é trabalhar esta unidade de forma a orientá-los e clarificá-los acerca desta temática e despertar-lhes a preponderância de orientar a liberdade ao serviço do bem comum. Pretende-se fazer este itinerário a partir destas questões:

O que é liberdade?

O que isso implica?

É um bem pessoal?

Como usá-la com vista ao bem comum?

Que proposta tem o agir cristão no que concerne à liberdade?

3.2 A análise da Unidade

O programa de EMRC é todo ele estruturado a partir de um ensino virado “[...] para o mundo real, refletindo o conhecimento e as capacidades que os nossos jovens necessitam de adquirir e desenvolver para o seu sucesso no futuro.”⁴⁴, isto é, assente em valores e alicerces que visam formar seres humanos mais conscientes, maduros e responsáveis. Assim, o verdadeiro ato de educar deve ser integral e atender a um conjunto de domínios, nomeadamente, “[...] domínios do cognitivo, do afetivo e do volitivo, atende à teoria e à prática, ao vital e ao lógico, ao estético e ao ético, ao universal e ao particular, ao imanente e ao transcendente.”⁴⁵.

⁴⁴ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 6.

⁴⁵ A. ESTANQUEIRO, “Relação Pedagógica”, 101.

Essa preocupação é visível no modo como foram definidos os domínios, metas, objetivos, conteúdos e aprendizagens essenciais referentes à disciplina de EMRC nos vários ciclos e anos de escolaridade

Se olharmos, especificamente, para o percurso programático do 3º ciclo, este está desenhado para que o discente seja capaz de viver neste mundo global, que é o nosso, assente em valores fundamentais. Basta olhar para as metas a atingir pelos alunos, constantes no *Domínio 1- Religião e Experiência Religiosa, Domínio 2 – Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida e Domínio 3- Ética e Moral*⁴⁶.

No 8ºano, ano onde se insere a unidade em análise, prevalece o *Domínio 2* (8 Metas) e o *Domínio 3* (7 Metas), refletindo uma aposta na transmissão de valores éticos e morais e a conseqüente proposta da visão cristã.

É sob este prisma que a unidade 3 - liberdade se apresenta no programa. Os conteúdos foram definidos para a compreensão da realidade humana, à luz da mensagem cristã. De acordo com Juan Ambrosio

“[...] a identidade cristã é mesmo a dinâmica da encarnação, na qual podemos compreender um pouco melhor como o ser humano só se realiza plenamente quando não se fecha ao transcendente, mas igualmente como a dimensão espiritual só pode ser verdadeiramente significativa para o ser humano quando encarnada no concreto da sua vida e da sua história.”⁴⁷

Ou seja, a partir de uma chave de leitura cristã da sociedade, da vida e da história abre-se caminho para uma ação transformadora que visa a construção de um futuro melhor. Portanto, abordar o tema da liberdade, é entrar no mundo da ética, moral, da religião, onde o ser humano se manifesta e se constrói enquanto tal.

Se atendermos que a maioria dos nossos discentes no 8ºano encontra-se na fase da adolescência, caracterizada por uma etapa do desenvolvimento de “[...] natureza psicossocial, integrando não apenas fatores pulsionais biológicos e inatos, como a libido, mas também fatores sociais, aprendidos em contextos histórico-culturais específicos.”⁴⁸, esta abordagem permite a aquisição alicerces essenciais à formação da sua identidade, assim como, responde à sua absoluta necessidade de contextualização, no tempo e no espaço.

⁴⁶ Cf. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 2014, 71.

⁴⁷ J. AMBROSIO, “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares”, *Pastoral Catequética* 31-32 (2015) 69.

⁴⁸ M. MELO, “Adolescência e formação da identidade em Erickson”, *Psicologado* (2019) s.p., acessado a 09/03/2019, disponível em <<https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/adolescencia-e-formacao-da-identidade-em-erik-erikson>>.

Na liberdade, também, prevalece a dimensão social e relacional, enquanto polo de sabedoria e elemento constitutivo da identidade humana. É, igualmente, preponderante para a promoção da partilha, solidariedade, comunhão, elementos tão relevantes para atenuar um certo individualismo presente no mundo moderno.

Perante este cenário, torna-se relevante tentar perceber se a unidade em estudo responde à dimensão pessoal, social e espiritual da liberdade e à profunda pertinência desta com o bem comum. Não esquecendo, porém, do agir cristão como elemento dinamizador e concretizador desse processo.

Posto isto, segue a análise segundo os critérios mencionados:

Metas	Objetivos	Conteúdos
L. Estabelecer um diálogo entre cultura e fé.	1. Questionar o sentido da realidade enquanto espaço onde o ser humano exerce a liberdade.	<ul style="list-style-type: none"> - Os conceitos de liberdade e livre arbitrio; - A liberdade orientada para o bem. Definição de bem e “bem maior” - Condicionamentos à liberdade e resposta do ser humano.

Quadro 1

A unidade inicia-se, então, com o objetivo de facultar aos discentes a contextualização necessária à aquisição da noção de liberdade e livre arbitrio. A partir daí, os mesmos terão a oportunidade de entender que a liberdade autêntica deve ser orientada para o bem. Para tal, estabelece-se o diálogo entre cultura e a fé (*Quadro 1*) para que os alunos possam adquirir linhas orientadoras acerca da compreensão do ser humano e do mundo. É isso que torna o ensino religioso tão preponderante nas escolas já que “[...] a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes.”⁴⁹, abrindo espaço para o entendimento do ser humano, como produto da dimensão cultural, ontológica e biológica.

Os conteúdos (*Quadro 1*) revelam que a liberdade deve ser vivida sob valores fundamentados, e que tal implica ter em atenção o próximo. É um projeto que não deve ser alicerçado sob caprichos pessoais, egoísmos e individualismos, mas sim, na defesa da

⁴⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica - Um valioso contributo para a formação da personalidade*, nº10, acedido a 09/03/2019, disponível em <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>

dignidade humana.

Essa preocupação está expressa no segundo momento da unidade em análise, representado no quadro 2:

Metas	Objetivos	Conteúdos
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2. Reconhecer que a consciência autónoma	- A consciência moral. - Heteronomia e autonomia morais. - A opção pelo bem. - “Os fins não justificam os meios.” - O discernimento e o juízo crítico.

Quadro 2

Nesta fase programática, é dada primazia aos conceitos de consciência moral, autonomia, heteronomia, discernimento, juízo crítico e bem, ferramentas essenciais à vivência da liberdade autêntica. O ser humano tem no seu conhecimento, a noção dos atos que realiza. Este conhecimento existe em função do exercício do pensamento crítico face às situações, que o leva a conseguir distinguir o bem do mal. Sendo uma condição inata, a liberdade e consciência estão intimamente relacionadas. A liberdade pressupõe juízo crítico e decisão pelo bem. Por isso construir-se, humanamente, é cumprir o dever de ser pessoa, ser responsabilizado pelas suas ações e decisões.

A partir da aquisição destas bases, os alunos conseguem identificar os atropelos à liberdade e terão ferramentas para tomar opções corretas e responsáveis, ao longo do seu projeto de vida. Para tal, muito contribui a leitura cristã da realidade que realça a importância de olharmos para os mais fracos e defender a dignidade do ser. De acordo com isto, a meta Q - *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana* (Quadro2) - cria as condições para que os discentes vejam no exemplo cristão, uma opção para a construção do bem. A liberdade para o cristão, é um processo que só encontra a felicidade, a plenitude na entrega e dedicação ao próximo. Dar ênfase à defesa da dignidade humana, é fundamental na sociedade atual, que necessita de uma evangelização “[...] voltada para a fazer a realidade no reino, sobretudo entre os mais desfavorecidos e necessitados da libertação básica: os que lutam para sobreviver.”⁵⁰. A

⁵⁰ J. LIARDUIA, “Libertad, don y conquista: libres, liberados, libertadores”, *Cuadernos de Formación Permanente para Religiosos*, Instituto Teológico de Vida Religiosa, Facultad de Teología, Frontera Hegian, 57 (2017) 19.

perspetiva cristã convida e apela à nossa responsabilidade e participação nesse processo, contribuindo para a edificação de um mundo melhor.

Logo, no seguimento da unidade, vai ser apresentada a proposta do agir ético cristão em situações do quotidiano (*Quadro 3*):

Metas	Objetivos	Conteúdos
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	<p>3. Interpretar criticamente situações de manipulação da consciência humana.</p> <p>4. Tomar consciência das causas das dependências.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Liberdade e manipulação: o que é manipulação? Tipos de manipulação. - As dependências que escravizam as pessoas: álcool. Drogas, jogo, sexo, computador, consumo, telemóvel. - Fatores motivacionais para a adesão aos comportamentos de risco: pressão dos grupos; dificuldades em renunciar ao prazer imediato; ausência de um programa de vida. - O grave problema social do tráfico de droga. - O agir segundo a própria consciência e valores fundamentados. - A opção religiosa da pessoa implica viver a vida segundo princípios e valores.

Quadro 3

A partir da meta *M – Reconhecer a proposta do agir ético e cristão em situações vitais do quotidiano* (objetivo 3 – interpretar criticamente situações de manipulação da consciência humana; 4- tomar consciência dos riscos das dependências), os discentes têm oportunidade de ter contato com a visão cristã, assim como, constatar a sua atualidade.

A proposta do agir ético cristão, no que diz respeito à liberdade, faculta um conjunto de pressupostos que visa tomar consciência do que ela é. Nela não podem estar atos manipulatórios ou dependências que escravizam o ser humano, nem pode ser entendida como um mero prazer pessoal, mas sim, algo mais profundo que é a felicidade plena.

Segundo a visão cristã, esta última deve estar no exercício da comunhão, fraternidade, solidariedade, justiça. Só assim a liberdade ganha sentido e plenitude. Os

jovens reconhecem, assim, que ser-se livre é escolher, ser autónomo e consciente, ter juízo crítico e usar esses recursos na construção do bem comum. Logo, a liberdade é um dom pessoal que ganha forma e plenitude na relação com o outro.

D. Manuel Linda⁵¹ assevera que o contributo da moral cristã não é só transmissão de valores éticos e a linhas de interpretação da realidade, mas é mostrar que o cristianismo e a sua ética “[...] ainda constituem- porventura o único – âmbito aglutinador que poderá congrega a cultura ocidental num projeto verdadeiramente humanista.”⁵². O cristianismo contém, assim, uma proposta de educação para os valores, que verdadeiramente, contribui para uma sociedade mais fraterna.

O programa acentua isso mesmo nas seguintes metas, objetivos e conteúdos (Quadro 4):

Metas	Objetivos	Conteúdos
G. Identificar os valores evangélicos.	5. Interpretar a Páscoa como experiência de libertação. 6. Conhecer a mensagem cristã sobre a relação entre a bondade amorosa de Deus e a liberdade humana.	- O Deus dos cristãos é um Deus libertador; Moisés e a libertação do Egito, a Páscoa judaica; Jesus Cristo e a Páscoa cristã. - “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou” Gal 5,1. - Um Deus que respeita a liberdade humana. A parábola do Filho pródigo e do pai misericordioso: Lc 15, 11-24; - Um Deus bom que chama a optar pelo bem e pela verdadeira liberdade: Rm 6,22-23; <i>Gaudium et Spes</i> 41 1

Quadro 4

No entendimento que os textos bíblicos são uma “[...] espécie de chave indispensável à decifração do real.”⁵³ e “[...]um parceiro, voluntário ou involuntário,

⁵¹ D. Manuel Linda é o atual Bispo do Porto. Nasceu em Paus – Resende. Estudou o Seminário Menor de Resende, no Seminário Maior de Lamego e no Instituto de Ciências Humanas e Teológicas do Porto onde terminou o curso superior de Teologia em 1980. Foi ordenado presbítero a 10 de junho de 1981. Foi nomeado bispo do Porto pelo Papa Francisco a 15 de março de 2018.

⁵² M. LINDA, “O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho”, *Pastoral Catequética* 31-32 (2015) 115.

⁵³ J. T. MENDONÇA, “A mediação cultural – um novo contexto para a transmissão religiosa?”, 2.

nessa comunicação global.”⁵⁴ que é o mundo atual, a sua introdução no programa, e na unidade em análise, torna-se uma mais valia no processo formativo dos jovens e um acesso a uma oferta de sentido para a vida. A partir da sua leitura e interpretação, os alunos têm acesso a um conjunto de valores assentes na “[...] exemplaridade de comportamentos concretos – dos santos ou do protótipo último que é Jesus Cristo [...]”⁵⁵ que nos convidam a viver a liberdade em prole dos outros. De acordo com o programa (Quadro 4), “[...] a liberdade não é apenas o uso qualquer do livre-arbítrio, mas este uso segundo o exemplo paradigmático de Cristo, que usa a liberdade em prol do bem e do bem universal.”⁵⁶, isto é, a liberdade é dimensão pessoal e comunitária. Logo, a liberdade é um bem que serve a realização pessoal, mas deve ganhar forma e plenitude na construção do bem comum.

Esta ideia ganha forma, na última etapa da unidade em análise, como se verifica no quadro 5:

Metas	Objetivos	Conteúdos
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	7. Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal.	<ul style="list-style-type: none"> - A dependência e a liberdade na relação com os bens materiais: Mt 6,25-34; - A dignidade humana exige que o ser humano atue segundo a sua consciência e livre escolha (Gaudium et Spes 17); - Ser livre e libertar os outros: a referência de S. Maximiliano Kolbe. - Mensagem de Francisco para a Campanha de Fraternidade de 2014 da Conferência Episcopal Brasileira, 25 de fevereiro de 2014.

Quadro 5

A partir do objetivo 7 – *Tomar consciência da liberdade como um bem de realização pessoal* – o discente vê a liberdade como um caminho repleto de escolhas, que deve ter como fim o bem e conseqüentemente a defesa da dignidade humana.

⁵⁴ *Ibidem*, 4.

⁵⁵ M. LINDA, “O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho”, 117.

⁵⁶ A. PEREIRA, “Entre a angústia e a esperança - uma leitura das condições da existência humana na contemporaneidade”, *Pastoral Catequética* 37-38 (2017) 67.

Desta maneira, reconhecem que a liberdade é muito mais que uma realização pessoal, é também doação de amor ao outro na medida em que “[...] não é possível amar o próximo como a si mesmo e preservar nesta atitude sem a firme e constante determinação de se empenhar em prol do bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”⁵⁷.

Só se é verdadeiramente livre, quando a nossa condição, enquanto tal, se manifesta na defesa dos mais fracos. A liberdade, assim como o amor, deve ser colocada ao serviço dos outros, na luta pela dignidade humana, a exemplo das palavras e gestos de Cristo. É isto, que propõe a mensagem cristã, uma liberdade que seja um “[...] ato em que a possibilidade de escolha dada pelo livre-arbítrio é posta ao serviço do bem e do bem comum [...]”⁵⁸. A isso nos incita o Papa Francisco a fazer, quando asseverou “Estás livre! Vai e ajuda os teus irmãos a serem livres!”⁵⁹ na sua mensagem para a campanha de Fraternidade de 2014.

Perante o explanado, e uma vez que se verifica uma “[...] cegueira individualista perante a dimensão coletiva do viver humano -necessariamente um viver em sociedade.”⁶⁰, no mundo atual, abrir espaço para a relação entre a liberdade e o bem comum, neste itinerário programático, será uma forma de mostrar não só a singularidade e a atualidade da mensagem cristã, como também, abrir espaço para a promoção da consciência social, fazer despertar nos jovens a responsabilidade enquanto cidadãos, de vivenciar a liberdade em prole de si mesmo e dos outros.

⁵⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, “O desígnio de Amor de Deus para toda a humanidade”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia Editora, Cascais, 2015, 46.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco aos fiéis brasileiros por ocasião campanha da fraternidade de 2014*, Roma, 2014, acessado a 20/03/2019, disponível em <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140225_messaggio-fraternita.html>.

⁶⁰ F. CABRAL, “Liberdade e responsabilidade social”, 498.

4. A leção da UL3 - *Liberdade*: planificações IV e reflexão sobre as aulas

A liberdade é um direito do ser humano, disso ninguém tem dúvidas, está na constituição portuguesa e na carta dos direitos fundamentais da Europa.⁶¹ Sendo fundamental e inerente ao ser humano, sabe-se que “[...] sem liberdade não há ser humano”⁶² e, portanto, torna-se um elemento fundamental da dignidade humana.

Contudo, atualmente, constata-se no âmbito dos jovens e não só que “[...] os sentidos correntes que lhe são adstritos, e que são em miríade, escapam ao que de fundamental está em causa na noção.”⁶³, ou seja, a sociedade contemporânea tende a realçar o seu caráter pessoal, subvalorizando, a sua dimensão coletiva. Assiste-se, assim, a uma perceção errada da liberdade, que estando inerente à dignidade humana, não pode deixar de estar associada ao bem comum.

Consciente desta problemática, da importância da disciplina de EMRC e do próprio docente da disciplina na criação de espaços pedagógicos, que visam contribuir para dar respostas aos problemas existenciais da humanidade, delinee uma nova proposta programática e pedagógica, cujo objetivo passa por clarificar a noção de liberdade e estabelecer a relação entre esta e o bem comum. Para tal, recorri à linguagem singular do património religioso, a qual nos mostra a realidade quotidiana e, conseqüentemente, uma nova perspectiva de vida, da qual os jovens, principalmente os adolescentes, cuja etapa do desenvolvimento é caracterizada por indagações “[...]no sentido de descobrir quem é e de definir o que virá a ser no futuro.”⁶⁴ necessitam. Partindo da certeza de que a dimensão religiosa é:

“[...]um dos elementos vitais que formam a identidade dos crentes e a sua conceção e vida, mas também é um bem preciso para os ateus, agnóstico, céticos e indiferentes. Dela depende o pluralismo, inseparável de uma sociedade democrática, que tem conseguido um alto apreço há largos séculos.”⁶⁵

⁶¹ Cf. *Carta dos direitos fundamentais da Europa*, acessado a 23/04/2019, disponível em <http://www.europarl.europa.eu/charter/pdf/text_pt.pdf>.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ A. PEREIRA, “Entre a angústia e a esperança - uma leitura das condições da existência humana na contemporaneidade”, 67.

⁶⁴ M. MELO, “Adolescência e Formação da Identidade em Erik Erickson”, acessado a 23/04/2019, disponível em <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/adolescencia-e-formacao-da-identidade-em-erik-erikson>

⁶⁵ OSCE/ODIHR, *Principios orientadores de toledo sobre la enseñanza acerca de religiones y creencias en las escuelas públicas*, Varsóvia, 2008, 34.

Pretendi facultar-lhes esta nova cidadania⁶⁶, que a partir das palavras do bispo de Viseu D. António Costa⁶⁷ assenta em valores humanos, éticos e morais para que se possa levar a sociedade a ser mais próxima dos que mais precisam.⁶⁸

Consciente destas premissas e da relevância da liberdade na construção do bem comum, implementei alterações programáticas e construí um novo percurso pedagógico na lecionação da unidade 3 - Liberdade, as quais apresentarei de seguida.

⁶⁶ Cf. EDUCRIS, “IX ENES: “Promover uma nova cidadania”, acedido a 02/05/2019, disponível em <<https://www.educris.com/v3/emrc/8628-ix-enes-promover-uma-nova-cidadania-d-antonio-luciano-costa>>.

⁶⁷ D. António Costa é o atual Bispo de Viseu. Nasceu em Sandomil. Estudou no colégio de Nossa Senhora da Conceição, em São Romão. Ingressou na escola de enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca em Coimbra, onde exerceu funções de enfermeiro no hospital da Universidade. Depois de fazer os seus estudos teológicos foi ordenado diácono e no ano de 1985 tornou-se presbítero. Foi nomeado bispo de Viseu pelo Papa Francisco a 3 de maio de 2018.

⁶⁸ Cf. *Ibidem*.

Unidade Letiva 3



Domínio: Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida

Meta: L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.

Aprendizagens Essenciais: Identificar a realidade humana enquanto espaço onde a pessoa exerce a sua liberdade; (CN, ESP, EV, HIST, CD)

Aula n°18

Data: 05-02-2019

Sumário: Análise de conceitos e sentidos da Liberdade. Elaboração de um símbolo da liberdade.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo ⌚	Recursos	Avaliação
1. Questionar o sentido da realidade enquanto espaço onde o ser humano exerce a sua liberdade	- Os conceitos de liberdade e livre arbítrio; - A liberdade orientada para o bem; Definição de bem e “bem maior”. - Condicionamentos à liberdade e resposta do ser humano.	- Acolhimento e registo do sumário.	5m	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno e manual do aluno • Quadro e material de escrita • PC com projetor • <i>PowerPoint</i> 8.3.1	-Assiduidade e Pontualidade Registo de observação: - Participação - Concentração no cumprimento das tarefas - Empenho na realização dos trabalhos solicitados - Relacionamento com os colegas e professores;
		- Visualização do PowerPoint:	5 m		
		- Brainstorming acerca do conceito de Liberdade.	5 m		
		- Diálogo com os alunos sobre a diferença entre Liberdade e Livre arbítrio e a importância da liberdade orientada para o bem.	5 m		
		- Conversa com os alunos sobre os níveis e condicionamentos da liberdade.	5 m		
		- Trabalho Conjunto (alunos e professora) - análise de imagens e curta metragem “Cristã sudanesa condenada à morte”	10m		
		- Tarefa Individual -Elaboração de um símbolo, frase ou poema que represente a liberdade	15m		
- Construção e registo da síntese da aula.	5 m				

Síntese da aula

A Liberdade é imprescindível à pessoa e só faz sentido quando orientada para o bem.

Relatório de Prática Letiva

A aula iniciou-se na hora prevista às 9h10 com a entrada dos discentes, de forma calma e ordeira. À medida que foram entrando na sala de aula, cumprimentei-os e perguntei-lhes como se sentiam.

Depois de acolher os discentes, apresentei-lhes o sumário, que registaram prontamente, no seu caderno diário.

De seguida, apresentei-lhes o tema da unidade – Liberdade – e questionei-os sobre o seu conceito. Mediante o *brainstorming* foi possível chegar a ideias como por exemplo: “Liberdade é fazermos tudo o que queremos”; “é sermos autónomos”; “é fazermos opções com responsabilidade”. Perante o que foi dito, os alunos perceberam que a liberdade é capacidade de autodeterminação.

Partindo dessa premissa, reforcei que a liberdade é a autonomia, a possibilidade de agir sem condicionalismos, e deve-se ter sempre em conta o outro uma vez que todos somos livres. Como seres sociais, os seres humanos são confrontados com condicionalismos à liberdade de carácter interno e externo. Perante isso, cada um de nós deve enfrentá-los de forma autónoma e decidir a melhor maneira de fazer face a esses condicionalismos. O ser humano possui liberdade para poder escolher as suas opções e ações e isso se chama livre-arbítrio.

Ao longo da explanação dos conceitos de liberdade e tudo o que lhe está inerente, os discentes foram questionando e expondo situações referentes à sua experiência pessoal. Seguem-se alguns exemplos: “O que fazer quando não queremos ir à escola e os pais obrigam-nos a fazê-lo?” ou “se alguém quiser sair da escola e começar a trabalhar?”. Neste momento da aula, reforcei a importância da responsabilidade, de pesar os prós e os contras e de ter discernimento crítico sobre as consequências dos atos. A liberdade exige maturidade e clareza para distinguir o bem e o mal, e para ponderar as consequências das escolhas na construção do projeto de vida.

Posteriormente, chamei-os a observar o quadro dos níveis da liberdade que está no manual na pág. 69. A partir daí, os alunos teriam de analisar em conjunto, as imagens e o vídeo, procurando identificar os níveis da liberdade. Os discentes conseguiram identificar os níveis apresentados e ao longo da dinâmica fui apresentando mais exemplos, relacionados com o quotidiano dos jovens.

Além das imagens e do quadro, o vídeo que consistia numa reportagem que

exemplificava a liberdade espiritual foi o que mais despertou a atenção dos alunos. A reportagem relatava a notícia de uma cristã sudanesa que foi condenada à morte por se recusar a converter-se ao islamismo. A reação de indignação foi visível, levantando questões como “ela ainda está presa?”, “ninguém a ajuda?”, “estando grávida o que fizeram com o bebé?” etc. A inclusão desta notícia tinha vários objetivos: perceberem o que era liberdade espiritual, compreenderem que se pode retirar a liberdade física, material e de intervenção social, mas nunca a liberdade espiritual e terem consciência das atrocidades e atentados à liberdade que existem no mundo. Os episódios de perseguição religiosa infelizmente são uma realidade.

No seguimento da aula, pedi aos alunos para analisarem a frase “A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão” de Gandhi. Estes concluíram que: “existem pessoas na rua que estão condicionadas”; “existem pessoas que estão na prisão e que são inocentes”. Partindo destas ideias reforcei que a consciência não pode ser aprisionada, e é aí que reside a nossa essência e força contra todos os obstáculos e opressões. Indiquei-lhes que existem muitos exemplos na história universal de pessoas que lutaram pelos seus ideais e na defesa da dignidade humana, sofrendo todo o tipo de condicionalismo. Exemplo disso mesmo são Nelson Mandela e Martin Luther King. É isto que também nos propõe a mensagem cristã uma vez que a liberdade é um dom de Deus e deve ser usado em ordem à dignificação do próprio e dos outros. Concluiu-se, assim que a liberdade orientada para o bem dá sentido à nossa existência e nos confere felicidade.

Na continuação do processo ensino aprendizagem apresentei-lhes exemplos de formas artes em que liberdade foi tema, nomeadamente, a estátua da liberdade, avenida da Liberdade em Lisboa, entre outros.

Por fim, propus aos discentes um trabalho individual, em que teriam de fazer um símbolo, slogan ou poema sobre a Liberdade, apelando assim à sua criatividade. De acordo com Félix Bolanos “[...] pensamento crítico e criatividade são duas competências definidas como fundamentais a desenvolver nos nossos alunos de hoje.”⁶⁹, promovendo a formação integral. Aplicando os conhecimentos adquiridos ao longo do processo ensino aprendizagem, foi possível encontrar resultados diversos:

⁶⁹ F. BOLANOS, “Os professores e a criatividade na escola”, *Observador* (2018) s.p., acedido a 18/01/2019, disponível em <<https://observador.pt/opiniao/os-professores-e-a-criatividade-na-escola/>>.

- “Liberdade não é sermão, mas opção”.

- “Sou livre e sou feliz,

Sou feliz porque sou feliz,

A liberdade na vida é essencial

Para esta não correr mal”

Sou Livre e estou consciente

Porque estar contente é poder ser feliz

Poder ser feliz, é poder me expressar

Poder me expressar é ter liberdade!”

No que concerne aos símbolos foi possível verificar desenhos de pombas, vento, flor, entre outros.

Depois de terminados os trabalhos, pedi-lhes que, de acordo com o que foi explanado ao longo da aula, fizessem a síntese de aula. Os discentes constataram que a liberdade era algo importante para qualquer ser humano. Mediante a informação dada, perguntei-lhes porquê e os discentes asseveraram que a liberdade lhes permitia que pudessem expressar aquilo que pensavam e fazer o bem. Desta forma, chegou-se à síntese da aula: “a liberdade é imprescindível à pessoa e só faz sentido quando orientada para o bem.”

A aula terminou com o desejo de uma boa semana por parte da professora.

Reflexão

Esta aula teve como objetivo: *1. Questionar o sentido da realidade enquanto espaço onde o ser humano exerce a sua liberdade*, ou seja, facultar à turma diretrizes para que esta percebesse o que é ser-livre e o que isso implica no modo como agimos perante nós mesmos e os outros. Logo era relevante construir um itinerário pedagógico que reforçasse a ideia de que a liberdade deve ter como fim não só o bem pessoal, mas também o bem comum. No fundo, ir ao encontro daquilo que o Papa Francisco defende ser

liberdade, é amar, amar a si mesmo e aos outros⁷⁰, numa profunda manifestação de acolhimento e de defesa da dignidade humana.

Partindo destas premissas e daquilo que são as competências chave⁷¹ apresentadas no documento *Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória*⁷², defini as seguintes estratégias: o *brainstorming* como meio de motivação para o conceito de Liberdade, já que permite ao professor, identificar a perceção que os alunos têm da mesma e ao mesmo tempo ajudá-los à construção da sua noção. Fi-lo, igualmente, por considerar preponderante “Promover estratégias que desenvolvam o pensamento crítico e analítico dos alunos, incidindo em: - discutir conceitos essenciais numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar, incluindo conhecimento disciplinar específico.”⁷³ .

Contudo, não bastava apenas delinear e perceber o que era liberdade, era necessário, despertar neles o agir perante o outro e as diferentes realidades que fazem parte da nossa sociedade. Por isso, a exploração de imagens e notícias atuais permitiram-lhes esse contacto; anular ideias preconcebidas acerca da Liberdade e por fim reconhecer a preponderância da liberdade na defesa da dignidade humana e bem comum.

A proposta final, *o slogan*, surgiu como sistematização e avaliação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos. Segundo M.C. Roldão os modos de avaliação são indispensáveis para “[...] aferir da validade e adequação da estratégia durante o seu desenvolvimento, quer em termos de processo quer em termos de resultados de aprendizagem intermédios e finais.”⁷⁴, sendo fundamentais como feedback quer para o professor quer para o aluno. Para além disso, aparece como um modo de reflexão e apelo à responsabilidade e à orientação da liberdade no sentido do bem.

⁷⁰ Cf. ACIDIGITAL, “O que é necessário para ser livre de verdade? Explica Papa Francisco”, acessado a 08/05/2018, disponível em <<https://www.acidigital.com/noticias/o-que-e-necessario-para-ser-livre-de-verdade-papa-francisco-explica-43456>>.

⁷¹ Cf. G. O. MARTINS, (coord.) *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória – Referencial para as Decisões a Adotar por Decisores e Atores Educativos ao Nível dos Estabelecimentos de Educação e Ensino e dos Organismos Responsáveis pelas Políticas Educativas*, Ministério da Educação – Direção Geral de Educação, 2017.

⁷² Cf. *O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho, é um referencial para as decisões a adotar por parte dos intervenientes ao nível dos estabelecimentos de educação e ensino e dos organismos responsáveis pelas políticas educativas, constituindo-se como matriz comum para todas as escolas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamente ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem

⁷³ DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO, *Aprendizagens Essenciais*, EMRC - 8º ano, acessado a 07/02/2019, disponível em <<https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>>.

⁷⁴ M. C. ROLDÃO, *Estratégias de Ensino – O Saber e o Agir do Professor*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2009, 10.

Unidade Letiva 3



Domínio: Ética e da Moral

Meta: Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

Aprendizagens Essenciais: Reconhecer a Pessoa enquanto ser voltado para o bem; (CD)

Aula nº19

Data: 12-02-2019

Sumário: Reflexão e debate sobre a liberdade, consciência moral e opção pelo bem. Elaboração do caminho para o bem- trabalho individual.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo ⌚	Recursos	Avaliação
2. Reconhecer que a consciência autónoma da pessoa deriva da sua condição de ser livre e está orientada para o bem.	-A consciência moral; - Heteronomia e autonomia morais; - A opção pelo bem; - O discernimento e o juízo crítico. - “Os fins não justificam os meios.”	- <i>Acolhimento e registo do sumário.</i>	5m	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno e manual do aluno • Quadro e material de escrita • PC com projetor • Molde da pegada • PowerPoint 8.3.2 	-Assiduidade e Pontualidade
		<i>Visualização do PowerPoint:</i>	5 m		Registo de observação:
		- <i>Leitura e análise de uma B.D. da Mafalda</i> – consciência moral	5 m		- Participação
		- <i>Diálogo com os alunos</i> sobre os conceitos de consciência moral, autonomia e heteronomia.	5 m		- Realização da tarefa
		- <i>Leitura e análise do texto do manual</i> da pág.69 “Autónomos, livres e próximos”	5 m		- Relacionamento com os colegas e professores;
		- <i>Debate com os alunos</i> a partir da afirmação: “É preciso coragem para fazer valer aquilo em que se acredita?”	5 m		- Empenho e concentração na realização da tarefa
		- <i>Conversa com os alunos</i> sobre a preponderância do juízo crítico e discernimento na construção do bem.	5m		- Criatividade
		- <i>Realização de um exercício de aplicação</i> – texto lacunado “os fins não justificam os meios.”	10 m		- Pertinência
- <i>Trabalho Individual</i> – cada aluno terá de coLOC.ar uma atitude ou valor para a construção do Bem, num molde de uma pegada – símbolo do caminhar para o Bem.	5m				
- <i>Construção e registo da síntese de aula</i>	5 m				

Síntese da aula

Para ser livre e escolher o bem é preciso educar a consciência e fazer análises críticas.

Relatório de Prática Letiva

A aula número dezanove foi delineada de forma a cumprir o objetivo definido no programa: “2. Reconhecer que a consciência autónoma da pessoa deriva da sua condição de ser livre e está orientada para o bem.”⁷⁵, fazer face ao que está contemplado no *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória* e na grande finalidade da disciplina de EMRC, a formação integral do aluno.

De acordo com estas premissas foram definidas estratégias, nomeadamente, a leitura e análise de textos (Banda desenhada da Mafalda, Texto *Autónomos, livres e próximos* de Luciano Cian), exercícios de aplicação, realização de um debate e por fim a construção de um caminho para o bem. Tudo isto foi integrado num powerpoint que serviu de suporte à aula. As tarefas aplicadas visaram desenvolver o sentido crítico e argumentativo, capacidade criativa e a aplicação de conhecimentos adquiridos.

A aula iniciou-se na hora prevista às 9h10 com a entrada dos discentes, de forma calma e ordeira. Permaneci com a mesma metodologia no que concerne ao acolhimento, uma vez que é importante manter uma relação de proximidade com os alunos. De seguida, os alunos registaram o sumário nos seus cadernos diários, em silêncio.

Posteriormente, fiz a ligação da aula anterior em conjunto com os alunos, focando-nos em alguns pontos fundamentais, como a liberdade e a sua relação com o bem. Reforcei a ideia de que a liberdade faz parte da pessoa e só faz sentido quando orientada para o bem.

Partindo dessa premissa fiz a ponte para a preponderância da consciência, e para tal apresentei-lhes uma banda desenhada da Mafalda, com uma situação em que a personagem a usou para tomar uma decisão. A partir desse exemplo, os discentes conseguiram definir a consciência como sendo o conhecimento que o sujeito tem dos atos que realiza e da restante realidade (dimensão psicológica). Esse conhecimento existe em função do exercício do pensamento crítico que leva a pessoa a distinguir o bem e o mal. Depois indiquei-lhes que há dois conceitos relacionados com a consciência moral, a autonomia e heteronomia e facultei-lhes a sua definição. Para consolidação desses conhecimentos, apresentei-lhes o texto *Autónomos, livres e próximos* de Luciano Cian

⁷⁵ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, 90.

para analisarem. Da análise conjunta, os discentes constataram que a autonomia é sinónimo de liberdade autêntica. A vivência da liberdade implica educar a consciência e viver segundo valores inerentes ao ser humano. Tendo em conta as conclusões retiradas, abriu-se espaço para a concretização de um debate a partir da pergunta “É preciso coragem para se fazer valer aquilo que se acredita?”. Nesta altura, muitas foram as questões e dúvidas apresentadas assim como algumas problemáticas de cariz pessoal. Perante este cenário, apelei-lhes ao discernimento crítico, avaliação da situação, da necessidade de se educar a consciência com sentido de responsabilidade. Não esquecendo, porém, a importância no processo de decisão de se ter em conta a nossa liberdade, mas também a do outro. A estratégia do debate teve como objetivo promover o pensamento crítico, reflexivo face à problemática e ao mesmo tempo criar um espaço de partilha de vivências. O Dr. João Lourenço assevera que “[...] à EMRC cabe uma missão profética não tanto pelo que ensina, mas sim pelo espaço de reflexão, de partilha e de discernimento que pode constituir no quadro da escola de hoje [...]”⁷⁶ e ao professor exige-se que no processo ensino aprendizagem aplique dinâmicas que promovam isso mesmo, contribuindo também para a formação integral do aluno. Com a realização do debate foi possível concluir que muitos dos jovens de hoje, sentem que é preciso coragem para se viver de acordo com valores fundamentais. A pressão dos amigos foi um dos condicionalismos apontados para essa vivência. Nesta altura, indiquei-lhes que também o individualismo, ganância e anarquismo limitam a liberdade da pessoa e por isso, devem fazer face a isso, sendo coerentes e seguirem a sua consciência.

De seguida, apontei que viver a liberdade é optar pelo bem e perceber que os fins não justificam os meios. É, igualmente, orientar as escolhas de acordo com a consciência e exige responsabilidade.

Posteriormente e face ao exposto, foi aplicado um exercício de aplicação (texto lacunado) que visava a aplicação dos vários conceitos e ideias chave abordadas durante o processo ensino aprendizagem. Todos os alunos conseguiram aplicar corretamente os termos nos espaços em branco, demonstrando que os conhecimentos foram adquiridos. Como sistematização, mostrei um esquema do manual sobre a relação entre liberdade, consciência e discernimento crítico.

⁷⁶ J. LOURENÇO, “Dimensão profética da EMRC, A escola, o docente, o educando. Sinais proféticos da EMRC”, *Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 113.

Propus, então, aos alunos que de acordo com o que aprenderam em relação à Liberdade e à opção do Bem, que escolhessem uma atitude ou valor necessário para a construção do caminho para o bem. Depois teriam de escrever essa palavra numa pegada que seria colada no chão de forma a delinear uma trajetória de dentro para fora da sala. Os discentes participaram com entusiasmo, criatividade e pertinência face ao proposto. O resultado foi uma caminhada de pegadas coloridas pela sala de EMRC. Os vocábulos escolhidos foram: espírito crítico, consciência, calma, justiça, fraternidade, entre outros.

No término da aula, solicitei aos alunos a síntese da aula, e estes depressa chegaram à ideia que para se ser livre e escolher o bem é preciso educar a consciência e fazer análises críticas.

Após o registo da síntese da aula no caderno, os discentes saíram e eu desejei-lhes uma boa semana.

Reflexão

Atualmente, existe uma certa preocupação no sistema educativo, de facultar ferramentas aos alunos para serem cidadãos mais conscientes e ativos. Para tal, aposta-se em currículos escolares que visam não só a transmissão de valores, como também, a promoção do discernimento como ferramenta essencial na relação com o outro.

O Dr. Fernando Moita realça o contributo da disciplina de EMRC nesse processo, uma vez que aposta na formação da consciência do ser humano “[...]de modo a orientar-se nos valores interiormente aceites. É um trabalho que se baseia num itinerário progressivo e evolutivo de passagem de heteronomia para a autonomia ajudando-os a fazerem escolhas livres e conscientes.”⁷⁷.

No mesmo sentido, perfilam-se os princípios que orientam o *Perfil dos Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória*⁷⁸ uma vez que remetem para uma base humanista demonstrando que a escola deve ser transmissora de “[...] saberes para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o

⁷⁷ F. MOITA “Fórum EMRC 2013: A EMRC é espaço de diálogo entre a cultura e a fé”, acessido a 02/02/2019, disponível em <<http://educris.com/v2/emrc/2989-forum-emrc-2013-a-emrc-e-espaco-de-dialogo-entre-a-cultura-e-a-fe>>, consultado em 20>.

⁷⁸ Cf. G. O. MARTINS, (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 8.

mundo enquanto bem comum a preservar.”⁷⁹ assente em valores como a responsabilidade e integridade, excelência e exigência, curiosidade, participação e Liberdade⁸⁰.

Em conformidade com estes pressupostos, o itinerário pedagógico da aula anterior assentou na clarificação do conceito de Liberdade, mas também, na explicação que para a sua vivência fazer sentido terá de ter em conta os outros e a edificação do bem.

A presente aula procurou ser a continuidade dessa aula, mas numa base de consolidação de conceitos chave inerente à construção do bem.

Posto isto, a aula foi planificada para garantir que os discentes conseguissem entender a Liberdade como um caminho que não se esgota no bem pessoal, mas no serviço aos outros.

Para cumprir essa premissa, optei por aplicar um modelo de ensino mais centrado no professor, no fundo, para garantir que os alunos compreendessem bem a noção de consciência, discernimento, heteronomia e autonomia. Para tal, usei, não só, objetos como imagens uma vez que estes são ótimos recursos para a explicação e demonstração de conceitos.

Tendo consciência que não bastava a transmissão de ferramentas essenciais para construção, havia que despoletar neles o sentido de vocação, serviço, propus-lhes a construção de um caminho para o bem, mediante a colagem de pegadas com valores e atitudes na sala de aula cuja direção ia no sentido da porta da mesma. Desta maneira, a turma teve oportunidade de não só identificar e reconhecer o que é ser-se livre, o que isso implica (ao colocar um valor/atitude inerente à liberdade e ao Bem) mas também, reforçou a responsabilidade de cada um deles tem em contribuir para um mundo melhor, tendo como início o seu comportamento perante a própria comunidade escolar.

Esta abordagem teve também como propósito estabelecer a ponte para a aula seguinte, onde iriam ser abordados temas como: manipulação, dependência e a opção religiosa da pessoa.

⁷⁹ *Ibidem*, 5.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*.

Unidade Letiva 3



Domínio: Ética e Moral

Meta: M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.

Aprendizagens Essenciais: Apontar situações de manipulação da consciência humana e suas implicações no impedimento ao exercício da liberdade; (HIST, CN, EV, CD)

Aula n°20

Data: 19-02-2019

Sumário: A manipulação, as dependências e a preservação da liberdade. Realização de um compromisso pessoal.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo ⊕	Recursos	Avaliação
3. Interpretar criticamente situações de manipulação da consciência humana.	Liberdade e manipulação: - O que é manipulação. - Tipo de manipulação. - Tomar consciência da manipulação de que se está a ser alvo e libertar-se dela; como libertar os outros da manipulação de que estão a ser vítimas.	- <i>Acolhimento e registo do sumário</i>	2 m	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno e manual do aluno • Quadro e material de escrita • PC com projetor • PowerPoint 8.3.3 • Caixa e envelopes com o compromisso pessoal 	- Assiduidade e Pontualidade Registo de observação: - Participação - Concentração no cumprimento das tarefas - Análise crítica - Pertinência - Relacionamento com os colegas e professores; - Empenho na realização dos trabalhos solicitados
		- <i>Síntese da aula anterior</i>	3 m		
		<i>Visualização do PowerPoint:</i> - <i>Brainstorming: O que é manipulação?</i>	5 m		
		- <i>Diálogo com os alunos</i> sobre os tipos de manipulação: propaganda, e publicidade e suas características.	5 m		
		- <i>Análise de uma imagem manipulada</i> – como devemos nos libertar da manipulação	5 m		
		- <i>Apresentação aos alunos dos condicionamentos à liberdade:</i> tipos de dependências.	5 m		
4. Tomar consciência dos riscos das dependências.	<p>Quando a liberdade se autodestrói.</p> <ul style="list-style-type: none"> • As dependências que escravizam a pessoa: álcool, drogas, consumo, sexo, jogo, tecnologias, ausência de um programa de vida. • O agir segundo a própria consciência e valores; • A implica viver a vida segundo princípios e valores 	- <i>Visualização de uma curta metragem:</i> “Dependência das tecnologias” identificação dos efeitos nefastos nas pessoas e na dimensão relacional.	3 m		
		- <i>Realização de um Teste à Liberdade – trabalho individual:</i> questionário sobre a dependência da tecnologia.	5 m		
		- <i>Elaboração de um compromisso pessoal- Trabalho individual</i> - desafio para ultrapassar uma dependência ou ajudar alguém a fazê-lo.	7 m		
		- <i>Conversa com os alunos</i> sobre o agir segundo valores fundamentados e a importância da opção religiosa nesse sentido.	5 m		
		- <i>Construção da síntese de aula</i>	5 m		

Síntese da aula

| A liberdade é frágil e pode auto destruir-se por isso deve ser sempre conjugada com espírito crítico e valores fundamentados.

Relatório de Prática Letiva

A aula número vinte teve o seu início às 9h 10. Depois de acolher os discentes, apresentei aos alunos o sumário, que registraram prontamente, no seu caderno diário. Em seguida fiz algumas perguntas relacionadas com a aula anterior, o que permitiu fazer a síntese da aula e conseqüentemente a transição para o tema da presente aula. Comecei por perguntar aos discentes o que era manipulação, ao que um aluno respondeu que era tratar as pessoas como uma espécie de marioneta. Aproveitando a ideia do aluno, mostrei uma marioneta e expliquei à turma o conceito de manipulação e os efeitos negativos que esta tem nas pessoas. De seguida apresentei-lhes alguns exemplos de tipos de manipulação. Este método permite com que “os alunos indutivamente alcancem o conceito e os seus atributos.”⁸¹, sendo igualmente essencial para que os alunos adquiram “[...] a nova aprendizagem relacionando o conceito com outros conceitos.”⁸², neste caso específico a liberdade e a manipulação. Os alunos analisaram uma imagem manipulada e identificaram a “mensagem escondida”, chegando à conclusão de que se deve ter espírito crítico face às informações veiculadas.

Posteriormente, estabeleceu-se a ponte para os obstáculos à liberdade e foi apresentado um esquema com as várias dependências que escravizam as pessoas. Seguidamente apresentei aos discentes um vídeo cujo nome é “Vício da tecnologia”, o qual foi explorado pelos mesmos e onde identificaram os efeitos das dependências na pessoa e na sociedade. Foi possível então, neste momento da aula, apelar-lhes ao sentido de responsabilidade, à escolha do bem, ao saber distinguir o prazer da felicidade e acima de tudo à vivência da liberdade segundo valores fundamentados. Perante o exposto, convidei os alunos a fazerem um teste à liberdade para que pudessem constatar se eram seres livres face à tecnologia. Os resultados do teste colocaram a maioria da turma na posição “Podia ser mais livre”, existindo apenas duas alunas na condição de “Não livre”. Mediante os resultados, questionei-os porque aderiam a comportamentos de risco, a maioria dos discentes respondeu, porque lhes dava prazer. Então, reforcei novamente a diferença entre o prazer e a felicidade. Expliquei que a tecnologia faz parte do nosso quotidiano, mas há que usá-la com sentido de responsabilidade e de modo equilibrado.

⁸¹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 124.

⁸² *Ibidem*.

Perante o que fora explanado ao longo da aula, propus aos discentes que fizessem um compromisso pessoal, isto é, conseguir ultrapassar uma dependência ou então ajudar alguém a fazê-lo. Entreguei-lhes um envelope onde escreviam o seu compromisso e depois este era colocado numa caixa própria para o efeito. No final da unidade da liberdade, este seria devolvido de forma a que pudessem dar *feedback* acerca do compromisso que assumiram. O objetivo desta estratégia era, no fundo, contribuir para a formação integral do aluno, construção do bem pessoal e, conseqüentemente, o bem comum.

Seguiu-se uma conversa com os discentes sobre o agir segundo valores fundamentados, em que se estabeleceram pontes com os conceitos de consciência moral, responsabilidade e análise crítica. Por fim, explanou-se acerca do agir de acordo com a opção religiosa, que convida a viver segundo princípios e valores que visam não só o bem da pessoa como também o dos outros. Reforçando, igualmente, que quem vive na fé encontra um sentido para a vida, no dar-se aos outros, na paz, solidariedade e só desta forma encontra a felicidade.

No término da aula, os alunos fizeram a síntese de aula a qual registaram no caderno. A aula terminou com o desejo de uma boa semana por parte da professora.

Reflexão

Foi consciente de que a disciplina de EMRC oferece uma opção de sentido para vida que delinee esta aula.

Tendo presente que os objetivos a atingir eram: *3. Interpretar criticamente situações de manipulação da consciência humana; 4. Tomar consciência dos riscos das dependências.*, tornava-se relevante criar espaços de reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico que permitissem aos jovens adquirir competências que os permitissem ter uma maior clarificação sobre que caminho querem traçar na sua vida.

Isto torna-se um autêntico desafio não só para o professor como para o aluno uma vez que “O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de

consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada.”⁸³.

No entanto, a “[...] educação, está chamada a ser salvação e exaltação da pessoa perante o peso da massa;”⁸⁴, portanto, nós professores de EMRC devemos mostrar aos discentes as opções que a vida lhes confere e as facultar-lhes os alicerces para traçarem um projeto de vida autônomo e responsável.

Sendo isso, quando confrontada com os dois objetivos atrás referidos, optei primeiramente, por criar um momento de reflexão e debate sobre manipulação, prazer, felicidade, a partir da realidade dos alunos. Arends intitula este modelo, como modelo de ensino interativo onde o recurso a estratégias de discussão em sala de aula e resolução de problemas ⁸⁵ permite que os alunos adquiram o novo conhecimento de forma mais fácil, já que implica um maior envolvimento no processo ensino aprendizagem, motivando-os e captando a sua atenção. Como considero essencial, a sistematização de conhecimentos, fi-lo mediante um modelo mais centrado no professor⁸⁶ (expor e explicar conceitos) sempre a partir das ideias e conclusões transmitidas pelos alunos.

Esta minha decisão em construir conhecimento a partir das opiniões dos alunos permite um maior envolvimento dos mesmos no processo ensino aprendizagem, bem como, capta a sua atenção e motiva-os para o tema.

Sabendo que depois de compreenderem os conceitos, identificariam com mais facilidade, os vários obstáculos à liberdade e os seus efeitos no ser humano. Logo, confrontei-os com as várias dependências, uma delas a tecnologia. Desta feita, resolvi não só mostrar-lhes uma curta metragem e as consequências do seu uso, se não for usada com responsabilidade, como facultei-lhes um teste/inquérito em que estes verificavam se eram ou não vítimas da tecnologia. Porém, esta estratégia acabou por não resultar conforme estava à espera, uma vez que as perguntas se revelaram pouco eficientes quanto ao objetivo inicial. No entanto, a turma compreendeu que há que estar atento e estar despertos para que caminho queremos traçar e acima de tudo ajudar quem mais precisa. Ora, tendo em mente trabalhar junto dos discentes a questão do bem comum a partir da liberdade, criei uma estratégia que visava isso mesmo: *compromisso pessoal*. Esta

⁸³ AGÊNCIA ECCLESIA, “Vaticano: Papa propõe fé como antídoto para “tristeza individualista”, acessado a 26/05/2018, disponível em <<https://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-propoe-fe-como-antidoto-para-tristeza-individualista/>>.

⁸⁴ F. MOITA, “Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica - Descobrir a solidez da fé: testemunho e missão do professor de EMRC”, 50.

⁸⁵ *Ibidem*, 378.

⁸⁶ Cf. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 271.

estratégia veio ao encontro daquilo que já tinha sido abordado na aula passada, colocar o conhecimento adquirido em sala de aula ao serviço da comunidade escolar e não só. Posto isto, foi proposto aos alunos que ajudassem alguém que fosse vítima de uma dependência, e depois teriam de dar feedback do trabalho desenvolvido. Este instrumento pedagógico não só lhes permite a aplicação do conhecimento, mas acima de tudo, despoleta-lhes o sentido de vocação, missão e serviço aos outros. Arends caracteriza esta abordagem como pedagogia do serviço que estabelece uma relação estreita entre o voluntariado na comunidade com a aprendizagem escolar⁸⁷. No fundo, a ideia deste itinerário pedagógico era que a turma fosse aos poucos, contribuindo para o bem comum, para que no final da unidade, quando se estabelecesse a ponte de relação liberdade e bem comum, reconhecessem o papel preponderante que cada um de nós temos na contribuição de um mundo melhor. Não esquecendo, porém, que cumpre a premissa que “O processo didático próprio da educação religiosa deverá, então, caracterizar-se por um claro valor educativo, de modo a formar personalidades juvenis ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade.”⁸⁸, procurando trabalhar o interior da pessoa para contribuir para uma sociedade melhor.

⁸⁷ Cf. C. CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, 57.

⁸⁸ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 14.



Domínio: Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida

Meta: G. Identificar os valores evangélicos.

Aprendizagens Essenciais: Reconhecer na mensagem cristã a bondade de Deus e o apelo à vivência da liberdade na realização pessoal; (CD)

Aula nº21

Data 26-02-2019

Sumário: Páscoa como experiência de libertação – trabalho de pares.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo ⌚	Recursos	Avaliação
		- <i>Acolhimento e registo do sumário</i>	5m		-Assiduidade e Pontualidade
5. Interpretar a Páscoa como experiência de libertação.	O Deus dos cristãos é um Deus libertador: . Moisés e a libertação do Egito, a Páscoa judaica; . Jesus Cristo e a Páscoa cristã. - “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou”: Gal 5,1.	Visualização do PowerPoint: - <i>Diálogo com os alunos</i> sobre o que significa a Páscoa para os judeus e cristãos.	5 m	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno e manual do aluno • Quadro e material de escrita • PC com projetor • PowerPoint 8.3.4	Registo de observação: - Participação - Concentração no cumprimento das tarefas - Empenho na realização dos trabalhos solicitados - Relacionamento com os colegas e professores; - Pertinência
		- <i>Dramatização do texto</i> “Entrevista a Moisés”, manual pág..88-89 e preenchimento de um quadro <i>em trabalho de pares.</i>	10 m		
		- <i>Conversa com os alunos sobre a Páscoa Judaica e correção do trabalho de pares.</i>	5 m		
		- <i>Apresentação da Páscoa Cristã e realização de um trabalho de pares</i> – exercício de aplicação a partir do texto “Jesus Cristo e a Páscoa Cristã”	10 m		
		- <i>Preenchimento de um quadro síntese sobre a Páscoa Cristã</i> – trabalho conjunto entre professora e alunos.	5m		
		- <i>Análise de pinturas que retratam o acontecimento pascal.</i>	5 m		
		- <i>Construção e registo da síntese de aula.</i>	5m		

Síntese da aula

A páscoa é a festa da liberdade.

Relatório de Prática Letiva

Os alunos da disciplina de EMRC têm a possibilidade de contactar com um conjunto de conteúdos estruturantes ao ser humano. Tal facto, permite-lhes ter uma visão antropológica cristã da realidade, em que a dimensão religiosa é explorada de forma a adquirir chaves hermenêuticas da realidade.

Foi com este pressuposto que a aula foi planeada, tendo presente o objetivo - 5. *Interpretar a Páscoa como experiência de libertação.*

De acordo com estas premissas foram definidas as seguintes estratégias: dramatização de uma entrevista a Moisés, exercícios de aplicação, leitura e análise da notícia da pág.90 do manual e por fim interpretação de pinturas que representam a Páscoa cristã. As tarefas aplicadas visaram desenvolver o sentido crítico, aplicar conhecimentos adquiridos e promover a interdisciplinaridade. Tudo isto foi integrado num *powerpoint* que serviu de suporte à aula

A aula iniciou-se na hora prevista às 9h10 com a entrada dos discentes, de forma calma e ordeira. Permaneci com a mesma metodologia no que concerne ao acolhimento, uma vez que é importante manter uma relação de proximidade com os alunos. De seguida, estes, em silêncio, registaram o sumário nos seus cadernos diários.

Posteriormente, fiz a ligação da aula anterior em conjunto com os discentes, focando-nos em alguns pontos fundamentais como a liberdade e os seus condicionalismos.

Reforcei a ideia de que a liberdade pode autodestruir-se e que por isso, deve ser sempre conjugada com espírito crítico e valores fundamentados. Enfatizei que esta deve ser preservada porque “[...] sem liberdade não há ser humano.”⁸⁹.

De seguida, foi feita uma análise à terminologia da palavra, Páscoa, e concluiu-se que significa passagem. Para os judeus, páscoa é a festa da liberdade da escravidão a que estes estiveram sujeitos no Egipto, para os cristãos é a celebração do sofrimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Perante o exposto, o Deus bíblico é liberdade e vida e, conseqüentemente, a recusa da escravidão e da morte.

A aula seguiu-se com a dramatização da entrevista a Moisés que está na página 88

⁸⁹ A. PEREIRA, “Entre a angústia e a esperança- uma leitura das condições da existência humana na contemporaneidade”, 66.

e 89 do manual. Pedi ao professor Luís Salgueiro para representar o papel de Moisés e eu desempenhei a função de entrevistadora. Foi facultado aos alunos uma ficha de sistematização (realizada em trabalho de pares) acerca da Páscoa judaica, que ia sendo preenchida à medida que iam assistindo à representação. A aplicação do trabalho de pares “[...] favorece uma aprendizagem mais rica através do diálogo que irá estimular o aparecimento de níveis de pensamento mais elevados, isto é, o pensamento crítico.”⁹⁰ assim como, aspetos inerentes a dimensão humana como a solidariedade, cooperação, entreajuda, entre outros. No que concerne à dramatização, teve um impacto bastante positivo na turma uma vez que os discentes estiveram sempre muito atentos e no final conseguiram preencher a ficha com as informações solicitadas.

No seguimento da aula, apresentei uma notícia, *Jesus Cristo e a Páscoa Cristã*, que consta no manual (pág.90) e a pares, os alunos fizeram a sua análise e responderam a algumas questões. Todos conseguiram efetuar a tarefa.

No fim, fiz a sistematização das características da Páscoa Judaica e Páscoa Cristã de forma a que percebessem, que apesar das diferenças entre ambas, a páscoa remete sempre para a ideia de libertação.

Considerei ser pertinente incluir na aula a arte por isso mostrei algumas pinturas que representavam os vários momentos da Páscoa Cristã. À medida que fui mostrando os slides, os discentes foram identificando o momento em causa. A dinâmica revelou-se interessante, contudo, podia ter explorado melhor.

A aula terminou com a sistematização construída a partir de ilações retiradas pelos alunos, que chegaram à conclusão de que a páscoa é a festa da liberdade.

Após o registo da síntese da aula no caderno, os discentes saíram e eu desejei-lhes uma boa semana.

Reflexão

Foi com a consciência que os textos bíblicos são “[...] uma espécie de atlas iconográfico, estaleiro de símbolos ou imenso dicionário.”⁹¹ onde se encontram respostas acerca da humanidade cujo carácter dialogante permite compreender o nosso tempo, a nossa identidade e a nossa cultura, que esta aula foi pensada.

⁹⁰ J. MOREIRA, “A aprendizagem cooperativa: Aplicação ao 8.º ano de escolaridade na disciplina de História”, Tese de Mestrado, FLUP, Porto, setembro, 2012, 16.

⁹¹ J. T. MENDONÇA, *A mediação cultural - um novo contexto para a transmissão religiosa?*, 440.

Perante o desafio de interpretar a Páscoa como experiência de libertação aos alunos optei por fazer uma dramatização da *Entrevista a Moisés* uma vez que é uma estratégia atrativa e motivadora para o contacto com os textos bíblicos. Muitos dos alunos, aproveitaram depois da dramatização, para interrogar Moisés (figura representada pelo professor Luís Salgueiro) e esclarecer algumas dúvidas relativamente à Páscoa judaica. Isso, levou-me a concluir que os alunos para além de gostarem da atividade, o tema despertou-lhes o interesse. Esta atividade acabou por demorar mais tempo do que o previsto, no entanto, considere importante que estes ficassem totalmente esclarecidos. Por entender que a sistematização do conhecimento é relevante no processo ensino aprendizagem, dei-lhes uma ficha de sistematização da Páscoa judaica, o que para além desse fim, também permitiu-me obter *feedback* quanto aos conhecimentos adquiridos pela turma.

Constatando que a maioria dos alunos é cristã e que está bastante familiarizada com a Páscoa Cristã, implementei uma estratégia mais tradicional: leitura e análise de um texto e respetivos exercícios de aplicação.

Como forma de consolidação, apostei na introdução do património religioso, onde a turma teve oportunidade de ter contacto com pinturas que representam vários momentos da Páscoa Cristã. Esta abordagem responde à crise de linguagem religiosa que o mundo atravessa atualmente.⁹², bem como alarga os horizontes aos alunos e promove a interdisciplinaridade, um “[...] intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências”⁹³, onde se cruzam os vários saberes e diferentes perspetivas. Posto isto, a aplicação deste espaço pedagógico em aula tornou-se fundamental como tempo de reflexão, avaliação e consolidação de conhecimentos. Contudo, poderia ter sido mais enriquecedor se tivesse explorado melhor as pinturas junto com os discentes, mas tal não foi possível devido à falta de tempo.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ F. KAVENSKY, “Conceções acerca da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: um estudo de caso” acessado a 18/11/2019, disponível em <http://cettrans.com.br/assets/artigoscongresso/Flavia_Cavalcanti_Goncalves_Kaveski.pdf>.

Unidade Letiva 3



Domínio: Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida

Meta: G. Identificar os valores evangélicos.

Aprendizagens Essenciais: Reconhecer na mensagem cristã a bondade de Deus e o apelo à vivência da liberdade na realização pessoal; (CD)

Aula nº22

Data: 12-03-2019

Sumário: A Liberdade na parábola do Filho Pródigo – Trabalho de grupo.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo ⌚	Recursos	Avaliação
		- <i>Acolhimento e registo do sumário</i>	5 m		- Assiduidade e Pontualidade
		- <i>Síntese da aula anterior</i>	5 m		
6. Conhecer a mensagem cristã sobre a relação entre a bondade amorosa de Deus e a liberdade humana.	- Um Deus que respeita a liberdade humana. A parábola do Filho pródigo e do pai misericordioso Lc 15,11-24;	Visualização do Flipchart: - Leitura e análise da “Parábola do Filho Pródigo”, Lc 15,11-24.	15 m	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno e manual do aluno • Quadro e material de escrita • PC com projetor • <i>Flipchart</i> 8.3.5. 	Registo de observação: - Participação - Concentração no cumprimento das tarefas - Análise crítica - Pertinência - Relacionamento com os colegas e professores;
		- <i>Realização de exercícios de aplicação</i> sobre a parábola em questão.	10 m		
		- <i>Diálogo com os alunos</i> sobre o significado da parábola: Deus que respeita a liberdade e desafia à opção do bem.	10 m		
		- <i>Construção da síntese de aula</i>	5m		

Síntese da aula

| A parábola do Filho Pródigo manifesta um Deus misericordioso que respeita profundamente a liberdade humana e desafia à opção pelo bem.

Relatório de Prática Letiva

A interpretação dos textos bíblicos é fundamental para a compreensão da pessoa na sua totalidade. Neles está todo um manancial de problemáticas inerentes ao ser humano, “[...] do ser para a vida, do ser para os outros, do ser para o mundo, do ser para Deus.”⁹⁴. A partir da sua especificidade tem-se acesso à “[...] mensagem de humanos para humanos.”⁹⁵, ou seja, à dimensão relacional com o eu, tu e o Outro.

Para deles extrair a sua mensagem é necessário interpretá-los a partir da “[...] bagagem da vida que todos trazemos em nós.”⁹⁶, criando uma aproximação do leitor a Deus e, por conseguinte, à comunidade. É um processo dialogante em que “[...] não é só o leitor a interrogar a Bíblia, mas também a Bíblia a o interrogar a ele.”⁹⁷ residindo aí um dos seus grandes valores.

Perante estes fatos, pretendi nesta aula criar essa dinâmica, em que os alunos estabelecessem esse diálogo com o texto uma vez que “Se, para a fé, a compreensão da existência humana se torna profunda em diálogo com Deus, então nesse diálogo, tão importante como a palavra do homem a Deus é a Palavra de Deus ao homem, [...]”⁹⁸. Fazendo a partir de uma “[...] a leitura do texto da vida [...]”⁹⁹ ou seja, que os discentes interpretassem os textos à luz da sua experiência. Desta forma, estes identificavam a atualidade da mensagem cristã.

A aula iniciou-se na hora prevista às 9h10 com a entrada dos discentes, de forma calma e ordeira. De seguida, desejei aos alunos um bom dia e solicitei que registassem o sumário nos seus cadernos diários.

De seguida, fiz a ponte com aula anterior em conjunto com os discentes, focando-nos nos pontos essenciais, ou seja, as diferenças entre a Páscoa judaica e a Páscoa cristã e aquilo que as une, a liberdade.

Posteriormente, comecei por apresentar a Parábola do Filho Pródigo fazendo uma análise do próprio título. Expliquei aos alunos que a parábola é uma narrativa fictícia construída a partir de ambientes reais, com o objetivo de iluminar um ensinamento e

⁹⁴ A. VAZ, *A Palavra Viva, escritura poderosa – A bíblia e as suas linguagens*, Editora da Universidade Católica, Lisboa, 2013, 443.

⁹⁵ *Ibidem*.

⁹⁶ *Ibidem*, 446.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ *Ibidem*.

provocar uma transformação de comportamento. Entretanto, indiquei-lhes que este tipo de recurso estilístico foi muito utilizado por Jesus para fazer refletir e passar a mensagem. No seguimento do processo ensino aprendizagem, procedi à leitura da parábola, onde seis alunos foram convidados a desempenhar o papel das seguintes personagens: narrador, Jesus, pai, filho mais novo, filho mais velho e servo. Seguiu-se a interpretação do texto mediante exercícios de aplicação. Todos conseguiram resolvê-los, pelo que se depreendeu que os alunos estiveram atentos à leitura da parábola e compreenderam a sua mensagem.

Após a interpretação do texto, optei por explicar à turma a mensagem simbólica do texto bíblico, procurando estabelecer pontes para aquilo que o professor Armindo Vaz refere como sendo uma leitura do texto para vida e, a partir dessa abordagem, chegar à mensagem cristã. Os discentes, ao longo da análise, identificaram-se em certos momentos da sua vida com o “filho mais novo” e outros com o “filho mais velho”. Da mesma forma que perceberam que aquele pai é a representação de alguém que respeita e ama incondicionalmente o seu filho. Deste modo, os alunos chegaram à conclusão de que esta parábola poderia ter a designação de “parábola do pai misericordioso” uma vez que manifesta uma narrativa de um pai que respeita, ama, perdoa, acolhe os seus filhos. Foi possível, então, indicar aos discentes que este pai é Deus que nunca desiste de nenhum filho e a todos chama ao bem e à verdadeira liberdade. Esta parábola desafia-nos a tomar uma decisão pessoal a respeito da vida e da vivência da liberdade.

No decorrer da aula, mostrei a pintura de Rembrandt *O filho pródigo* na medida em que “As imagens e as ilustrações podem iluminar as ideias e os conceitos de uma forma que as palavras não conseguem”¹⁰⁰ ao mesmo tempo que promove o pensamento analítico e a interdisciplinaridade.

No término da aula, solicitei aos discentes a síntese da aula e estes depressa chegaram à conclusão de que a parábola do filho pródigo manifesta um Deus misericordioso que respeita a liberdade e desafia à opção pelo bem.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 270.

Reflexão

Nesta aula de interpretação da *Parábola do Filho Pródigo*, apresentei um plano de ensino aprendizagem que englobou vários tipos de abordagem e modelos que visaram a compreensão da mensagem e uma maior participação dos alunos no processo ensino aprendizagem.

Tendo consciência de que era necessário explicar à turma o que é uma parábola, recorri ao método de indução ou conhecimento prévio, que de acordo com Arends “[...] constitui um importante procedimento utilizado pelos professores no início de uma aula, para preparar os alunos para aprender.”¹⁰¹. Tal facto, apresentou-se como essencial para que os discentes conseguissem compreender a função e a mensagem do texto.

No que concerne ao texto propriamente dito, optei por uma leitura dramatizada da parábola, o que implicou a participação, envolvimento e uma escuta atenta por parte da turma. Esta abordagem revelou-se profícua uma vez que na análise e interpretação dos textos, os discentes revelaram ter compreendido o texto e inclusivamente estabeleceram pontes com a realidade atual. Para “Monitorizar e verificar a compreensão e o desenvolvimento do raciocínio dos alunos.”¹⁰² apresentei-lhes um conjunto de exercícios de aplicação, com vista à verificação de conhecimentos e respetiva avaliação.

Em suma, a metodologia aplicada atravessando várias abordagens, ou seja, modelo de ensino centrado no aluno, no professor e recurso à interdisciplinaridade, resultou numa aula onde imperou o envolvimento dos alunos e o cruzar de saberes. Facto que contribuiu para que os mesmos conseguissem atingir o *objetivo 6. Conhecer a mensagem cristã sobre a relação entre a bondade amorosa de Deus e a liberdade humana.*

¹⁰¹ *Ibidem*

¹⁰² *Ibidem*, 271.

1. Liberdade

Perante o que foi, até agora, apresentado, neste Relatório Final, a noção de liberdade por si só, apresenta um caráter complexo, uma vez que apesar de ser a capacidade que cada pessoa tem em movimentar-se, entender, em expressar-se, nela também conflui a possibilidade que cada um tem em integrar organizações políticas, culturais ou sociais para concretizar ou não ações. Porém, a liberdade, também, corresponde à capacidade que cada um tem de manter a consciência da sua própria dignidade e de a usar mesmo quando a sua liberdade material e social esteja sujeita a restrições.¹⁰³ Logo, o cerne da liberdade humana está, então, no interior da consciência da pessoa e nas opções que toma ao nível pessoal e coletivo.

Por isso, parece-me relevante, refletir sobre os conceitos de liberdade e bem comum, realçando, as ferramentas que lhe estão inerentes para a sua vivência plena e tentar responder às seguintes questões: que relação existe entre a liberdade e o bem comum; de que forma a sua ligação pode contribuir para a dignidade humana? E acima de tudo, de que maneira o contato com a vida e obra do Padre Abel Varzim é uma referência da liberdade orientada para o bem comum?

1.1.Liberdade e Livre arbítrio

Conforme a terminologia da palavra liberdade, liberdade (*libertas*) é a faculdade de cada pessoa pensar, agir sem coerção ou impedimento.¹⁰⁴ Logo, é autonomia do ser humano, ou seja, independência face à natureza e restantes seres humanos.

Face a isto, pode-se asseverar que a esta faz parte da condição humana e sem ela o ser humano não se realiza plenamente. Aliás, de acordo com Aline, Jean Paul Sartre acentua que o “[...] o ser humano está condenado a ser livre e é a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma.”¹⁰⁵, sendo algo intransponível porque faz parte dele.

Na Bíblia não há uma definição de liberdade, mas sim o traçar de um caminho que “[...] Mostra como Deus libertou o seu povo, como na fé em Cristo, é possível a liberdade

¹⁰³ Cf. SNEC, *Quero Descobrir*, Manual do 8º ano, Fundação SNEC, 69.

¹⁰⁴ Cf. AAVV, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 6ª ed., Porto.

¹⁰⁵ A. SILVA, “A conceção de liberdade”, *Filogénese* 1 (2013) 94.

autêntica.”¹⁰⁶. Segundo o Antigo Testamento, Deus mostra que o fundamento da liberdade é o amor e a misericórdia quando liberta da escravidão os judeus do Egito. No Novo Testamento, a morte de Cristo é sinónimo de amor à humanidade e sinal de esperança e vida em plenitude. Assim, a perspectiva cristã interpela a que vivamos a liberdade no amor e no serviço ao próximo. São exemplo disso, as palavras de Paulo ao afirmar: “Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados. chamados à Liberdade” (Gl.5, 13). Desta forma, é conferida à liberdade um carácter pessoal e social já que “No plano pessoal a libertação operada por Deus em favor do seu povo prolonga-se em certo modo na vida de cada fiel”¹⁰⁷, ou seja, a liberdade só ganha sentido pleno na relação com os outros, na dignidade humana e na construção de um mundo melhor.

Então, ser-se livre implica fazer escolhas, tomar decisões que a vida, paulatinamente, vai facultando. É fazê-lo de forma autónoma, independentemente, de agir bem ou mal, ao qual se dá o nome de livre arbítrio. Todavia, a vivência da liberdade, acentua a necessidade de sermos responsáveis e conscientes, devendo estar em conformidade com aquilo que acreditamos, e no respeito pelo outro, para a construção da harmonia social.

1.2 Liberdade - um apelo à consciência, autonomia e ao discernimento moral

Uma vez que ser livre implica fazer escolhas e tomar decisões, há que aclamar à consciência. Sem ela não há liberdade.¹⁰⁸

Consciência é uma palavra polissémica, e pelo seu carácter complexo remete para inúmeros sentidos: faculdade sensitiva, intelectual, psicológica ou a consciência moral.¹⁰⁹

Nela está o conhecimento que cada um de nós tem em relação às consequências dos nossos atos, que existe em função da percepção que temos em distinguir o bem e o mal. A esse julgamento face às situações, chama-se consciência moral.

Nas várias perspectivas éticas, filosófica como teológica, a “[...] consciência moral é considerada a norma subjetiva, ou norma próxima, da moralidade, isto é, o juízo da razão prática sobre a moralidade do agir.”¹¹⁰. Assim, sendo, as leis morais assentam na

¹⁰⁶ X. DEFOUR, *Vocabulario de teologia bíblica*, Barcelona, Editorial Herder, 1965, 421.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 422.

¹⁰⁸ Cf. *Ibidem*, 71.

¹⁰⁹ Cf. V. COUTINHO, “Consciência e liberdade à luz da doutrina do Concílio Vaticano II”, *Didaskalia* XLII (2012) 148.

¹¹⁰ *Ibidem*.

norma objetiva, enquanto a consciência sendo norma subjetiva, tem “[...] a tarefa de discernir a forma de concretizar na prática das situações concretas os valores que as normas objetivas procuram proteger.”¹¹¹. Desta feita, a consciência surge como uma espécie de bússola da liberdade, que orienta a pessoa face às várias opções que a vida lhe faculta, convidando ao bem e evitando o mal.

As normas que se inscrevem no interior de cada pessoa e que orientam a sua vida, designamos de autonomia, enquanto a heteronomia diz respeito às normas exteriores que influenciam a nossa vida. Muitas vezes, as nossas opções ou decisões não estão em conformidade com a dos outros, daí a relevância do discernimento moral, a capacidade que temos em avaliar a situação e agir conforme o que dita a nossa consciência.

Na visão cristã, cada pessoa deve agir de acordo com a consciência sem ferir a dignidade do próximo.¹¹² Segundo Susana Querido, este aspeto foi reforçado no Concílio Vaticano II, quando apelou à responsabilidade de cada cristão em modelar o mundo no âmbito da política como da vida social e económica¹¹³, mediante uma moral autónoma que brota da fé em Cristo. Se a ética da fé é considerada a ética da salvação, na ética normativa baseia-se em quatro virtudes: prudência, justiça, coragem e temperança.¹¹⁴ Todavia, ambas convergem no mesmo sentido, a importância da dignidade do ser humano, a construção do bem. Desta maneira, o ser humano pleno só acontece no ato de amar e no serviço aos outros. Sendo um ser dotado de inteligência, autonomia, livre arbítrio, é no seu âmago que este encontra o caminho do bem pessoal e comum.

1.3 Liberdade e dignidade humana

O Concílio Vaticano II assume uma relação entre a liberdade e consciência uma vez que ambas estão ligadas à dignidade da pessoa. Numa perspetiva personalista, revela que é na escuta do coração, onde soa a voz que chama para o bem uma vez que nele está inscrito a lei de Deus.¹¹⁵ Desta forma, propõe que o homem haja em conformidade com o que dita o seu interior, em detrimento, das influências exteriores.

Obviamente, a consciência só é consciência moral se houver autonomia, isto é, quando se descobre os valores morais e se atua em conformidade com eles por opção

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² Cf. K. DEMMER, *Introdução à Teologia Moral*, Edições Loyola, 1999, 32.

¹¹³ Cf. S. QUERIDO, *Liberdade como opção pelo bem*, Relatório Final da PES, UCP, Lisboa, 2016,44.

¹¹⁴ *Ibidem*, 45.

¹¹⁵ Cf. V. COUTINHO, “Consciência e liberdade à luz da doutrina do Concílio Vaticano II”,151.

peçoal, consciente e livre. Logo, esta é o centro da dignidade humana, que se caracteriza pelo respeito ao outro a todos os níveis.

Desta feita, a dignidade faz parte da natureza humana, não é adquirida, é algo que o homem possui. Por isso, cada ser humano deve agir segundo a mesma, livremente, através do devido discernimento e na vontade pessoal. Logo, a liberdade autêntica só é vivida plenamente quando existe dignidade:

“Pois Deus quis “deixar o homem entregue à sua própria decisão” para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele. Exige, portanto, a dignidade do homem que ele proceda segundo a própria consciência e por livre adesão.” (GS 17)

. É no uso da liberdade em prole do amor e no serviço ao outro que Paulo afirma: “[...] pelo amor fazei-vos servos uns outros. É que toda a lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Gal 15, 13-14). Logo, a visão cristã sugere que liberdade só é verdadeiramente vivida quanto mais procurarmos a liberdade para os outros. Esta mensagem foi transmitida pelo Papa Francisco na Campanha da Fraternidade de 2014, ao asseverar “Estás livre! Vai e ajuda os teus irmãos a serem livres!”.¹¹⁶ enfatizando, a importância de cada um de nós, a ir ao encontro de quem precisa e mostrar o caminho da esperança num mundo melhor, mais digno e mais justo.

Em suma, enquanto seres dotados de liberdade, somos convidados (na perspectiva cristã) a viver a riqueza de um caminho pessoal, fundamentado no amor ao outro, que deve ganhar forma na solidariedade, justiça, verdade, dignidade para com os outros, ou seja, na construção do bem comum.

¹¹⁶ FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco aos fiéis brasileiros por ocasião da campanha para a fraternidade de 2014*, Roma, 2014, acedido a 18/12/2019, disponível <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/mensagem-do-papa-para-a- ampanha-da-fraternidade-201>

2. Bem comum

A liberdade é um instrumento potenciador da construção do bem, se a mesma for usada de forma responsável e consciente. Mas, ao referirmo-nos à relação da liberdade com o bem, temos de necessariamente, de falar do bem comum, já que “[...]o bem particular não se consegue se não se orienta ao bem comum, e o bem comum se realiza alcançando o bem particular de cada um.”¹¹⁷.

2.1. Definição de Bem Comum

Na perspetiva contemporânea, o conceito de bem comum é definido como *bem público* já que diz respeito ao bem estar de todos; *bem institucional* para indicar as condições sociais e institucionais necessárias para promover o bem comum de cada cidadão e de toda coletividade; e por último, o bem comum é relacional ou solidário porque trata de um bem partilhado entre todos os agentes morais e realizado junto, através de interações e colaborações.¹¹⁸ . Seja qual for a sua aceção, a verdade é que este implica sempre o bem da pessoa enquanto ser individual e relacional.

Aliás, já Platão e Aristóteles assim entendiam, quando defenderam que o bem é o bem comum, colocando o tema do bem num contexto político, em que o bem compreende a coletividade, todos aqueles que são considerados cidadãos.¹¹⁹

São Tomás de Aquino e Santo Agostinho reconheceram que o bem comum tinha um carácter social, mas enfatizaram que o bem comum estava em Deus.

Segundo São Tomás de Aquino, os seres humanos realizam-se unicamente unidos a Deus.¹²⁰ Posto isto, definiu duas abordagens: a primeira indicava que o ser humano era ser relacional e social e, portanto, destinado ao bem pessoal e coletivo; e na segunda apontava que o bem estar da comunidade social, deve ser responsabilidade da política e das virtudes da compaixão e da prudência de cada cidadão. Aquino reiterou ainda que era responsabilidade do Estado, garantir as condições necessárias para o bem comum, mas,

¹¹⁷ OPUS DEI, “Definição de bem comum”, acedido a 18/12/2019, disponível em <<https://opusdei.org/pt-br/article/o-que-e-o-bem-comum/>>.

¹¹⁸ Cf. A.A.V.V. “Bem comum”, *Enciclopedia digital Theologica Latino americana*, acedido a 04/11/2019, disponível em <<http://theologicalatinoamericana.com/?s=bem+comum&lang=pt>>.

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*.

¹²⁰ Cf. *Ibidem*.

advertiu que cada um de nós deve contribuir para tal, mediante ações de solidariedade e caridade

O Papa Pio XI, na *Encíclica Quadragesimo anno* (1931), debruçando-se sobre a *Encíclica Rerum Novarum* de Leão XIII, mostrou a importância deste documento para identificar as questões sociais referentes ao bem comum: trabalho, justiça social e económica, família, entre outras.¹²¹ E apontou que o bem comum deve ser provido pela autoridade política – Estado- que deve garantir às pessoas melhores condições de vida. O mesmo, acaba por ser mencionado pelo Papa João Paulo XXIII, na Encíclica *Mater et Magistra* (1961), ao asseverar que o Estado existe para organizar o bem comum, com o objetivo de promover a justiça social.¹²²

No entanto, é no Concílio Vaticano II, mediante a constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, *Gaudium et Spes* (1965)¹²³, que se considera que o bem comum deve ter uma participação na sua construção da parte dos corpos sociais intermédios, ou seja, os sindicatos, as famílias, as organizações sem fins lucrativos.¹²⁴ Não descurando, a responsabilidade e obrigação do Estado, a Igreja apela a todos que pertencem à comunidade que tenham uma maior participação social e cuidado perante o mundo e o outro. Esta posição do magistério enfatiza a relevância de uma igreja integrada na sociedade, presente na vida das pessoas e atenta ao campo social.

De acordo com Bento XVI, na *Encíclica Caritas in Veritate* (2009)

“[...] querer o bem comum e trabalhar para isso é uma exigência de justiça e caridade. O compromisso com o bem comum é cuidar, por um lado, e usar, por outro lado, esse complexo de instituições que legalmente, civilmente, politicamente e culturalmente estruturam a vida social, que se torna uma cidade.”¹²⁵

garantidos pelo Estado e que devem ter como fim a defesa da dignidade humana.

¹²¹ Cf. PIO XI, *Carta Encíclica Quadragesimo Anno*, acessado a 04/11/2019, disponível em, <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>.

¹²² Cf. JOAO XXIII, *Carta Encíclica Mater e Magistra*, acessado a 04/11/2019, disponível em <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html>.

¹²³ *Gaudium et Spes* ("Alegria e Esperança" em latim) sobre a Igreja no mundo contemporâneo é a única constituição pastoral e a 4ª das constituições do Concílio Vaticano II. Trata, fundamentalmente, das relações entre a Igreja Católica e o mundo onde ela está e atua.

¹²⁴ Cf. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, acessado a 04/11/2019, disponível em <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>.

¹²⁵ BENTO XVI, *Encíclica Caritas in Veritate*, nº 7, acessado a 04/11/2019, disponível em <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>.

Assim, com o contributo pessoal de cada um de nós, será possível, segundo o Papa Francisco, garantir o bem comum e a paz social, ou seja, a dignidade humana, justiça, igualdade, elementos estruturantes da política económica.¹²⁶

Para tal, exige-se “[...] uma participação mais ativa na sociedade como forma concreta de amor ao próximo, que permita a construção de uma cultura fraterna baseada no direito e na justiça.”¹²⁷ por parte de todos, mas principalmente, dos jovens.

No mesmo sentido, a Conferência Episcopal Portuguesa, numa carta pastoral onde se debruça sobre os desafios de Portugal e Europa à luz da doutrina social da Igreja, declara que jovens de hoje devem promover, nas suas escolas ou nas mais variadas instituições, a cooperação, solidariedade, entre outros¹²⁸, construindo assim um mundo melhor.

Conclui-se, então, que urge uma pedagogia de solidariedade que valorize o que somos e que nunca nos distinga pelo que temos¹²⁹, ou seja, uma pedagogia que se centre nas pessoas, nas suas necessidades do ponto vista individual e coletivo. As escolas, enquanto espaço formativo, têm um papel fundamental neste processo, e a introdução do conteúdo liberdade orientada para o bem comum, é uma resposta a essa necessidade.

2.2. Liberdade e Bem Comum

Ao longo da história da Igreja, o termo *bem comum* atravessou um complexo processo de transformação. Se, inicialmente, a Igreja associava a responsabilidade da construção do bem comum ao Estado, após o Concílio Vaticano II, esta propõe que essa responsabilidade, também, fosse alargada às mais diversas organizações. Essa perspetiva vai ao encontro da conceção de bem comum, como algo, que inclui todos os bens sociais, espirituais, materiais, de acordo, com as necessidades quer pessoais, quer sociais. Logo,

¹²⁶ Cf. FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelium Gaudium*, acessido a 04/11/2019, disponível em <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>.

¹²⁷ FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco aos fiéis brasileiros por ocasião da campanha para a fraternidade de 2019*, Roma, 2019, acessido a 18/12/2019, disponível http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190211_messaggio-fraternita.html

¹²⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Carta Pastoral – Um olhar sobre Portugal e a Europa à luz da doutrina social da Igreja.” acessido a 18/12/2019, disponível

<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/um-olhar-sobre-portugal-e-a-europa-a-luz-da-doutrina-social-da-igreja/>

¹²⁹ *Ibidem*.

o homem tem na liberdade um potencial recurso para construir o bem individual e comum. Num caminho de realização pessoal que deve ganhar forma, igualmente, na justiça, na solidariedade, na fraternidade. Dar-mos aos outros e defender a dignidade humana é construir uma vida plena de sentido, é viver a liberdade enquanto valor supremo do ser humano, é contribuir para o bem comum.

Segundo a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* “[...] bem comum entende-se como o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar a plena e facilmente a própria perfeição.”¹³⁰, assim, só se atinge o verdadeiro bem quando a dignidade atinge todas as dimensões do ser humano. A concretização do ser humano nunca pode ser, unicamente, garantida pelo bem pessoal já que “Sendo de todos e de cada um, é e permanece comum, porque indivisível e porque somente juntos é possível alcançá-lo, aumentá-lo e conservá-lo, também em vista do futuro.”¹³¹ Desta feita, o bem comum tem, na sua essência, um caráter social e comunitário do bem moral, por isso, ambos têm uma relação de complementaridade. O caráter social do bem moral – bem comum- exige uma resposta de todos que fazem parte da sociedade, uma participação ativa na aquisição de direitos e na defesa da dignidade humana.

Neste sentido, a *Gaudium et Spes* propõe empenho de todos, inclusivamente do Estado, na promoção da paz; aquisição de direitos: como a educação, alimentação, transportes, cultura já que todos têm o direito de usufruir das condições de vida social criadas à luz do bem comum¹³² e desta maneira, garantir a unidade e organização necessária para a harmonia social.

Para tal, o magistério da Igreja convida o homem ao acolhimento da lei moral, do amor ao próximo, onde se converge a liberdade humana e a lei de Deus “[...]no sentido de uma livre obediência do homem a Deus e da benevolência gratuita de Deus ao homem”.¹³³, ou seja, na escuta atenta do interior do ser humano e na fé em Cristo. Assim, sugere a perícopes “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl. 5, 1) como uma espécie de mote para entendermos o que nos oferece a liberdade cristã. Desta feita, sugere

¹³⁰ *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, acessado a 04/11/2019, disponível em <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

¹³¹ *Ibidem*.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ JOÃO PAULO II, *Veritas Splendor* acessado a 18/12/2019, disponível em http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html

que mediante a liberdade, busquemos e construamos o bem individual e universal (GS 41). Assim, na perspectiva cristã, liberdade é algo que faz parte do ser humano, que o capacita de traçar o caminho para o bem. Deus criou-o à luz da sua imagem, para que na vida terrena, o homem construísse um mundo novo onde imperasse a dignidade humana, a justiça social e a solidariedade – *bem comum*.

É, igualmente, sob o referencial da fé na Páscoa de Jesus que se oferece a realização plena do verdadeiro bem comum da humanidade.

A nossa força individual e coletiva ganha expressão nas palavras e gestos de Jesus, conduzindo-nos ao sumo bem. Nele, a liberdade é encarada como uma dádiva divina que deve ser usada para a dignificação do próprio e dos outros.

Face a isto, Papa Francisco reitera que todos devem encarar “[...] o valor da liberdade de escolha que lhe é oferecida para tentar realizar juntos o bem da cidade, da nação, da humanidade.”¹³⁴ logo, cada ser humano deve tomar para si próprio essa responsabilidade de contribuir para um mundo melhor e olhar para os mais desfavorecidos, como forma de edificar o bem comum.¹³⁵

Contudo, fazê-lo não é só garantir melhores condições de vida, é, também, o dever de denunciar atrocidades à dignidade humana e anunciar as possibilidades de “[...] trilhos de esperança que ajudem o homem e a mulher a encontrar motivos e razões que os levem a sair de si para, em conjunto com outros próximos, construir estruturas de comunhão onde ninguém fique para trás.”¹³⁶

Em suma, todos sabemos que viver a liberdade em prole do bem comum não é um processo fácil porque “[...] exige a capacidade e a busca constante do bem de outrem como se fosse próprio”¹³⁷ e ,atualmente, circunscreve-mo- nos numa sociedade ainda muito centrada no bem pessoal. Mas, é aqui que a mensagem e o agir cristão pode ser uma solução para a uma mudança de paradigma e acima de tudo, um alicerce para que o ser humano adquira as ferramentas necessárias para a edificação de um mundo melhor.

¹³⁴ FRANCISCO, *Mensagem do 52º dia mundial da paz*, Roma, 2018, acedido a 03/11/2019, disponível em <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html>.

¹³⁵ Cf. AGÊNCIA ECCLESIA, “Vaticano: Papa exorta à busca do “bem-comum” como caminho para a paz no mundo”, acedido a 04/11/2019, disponível em <<https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-papa-propoe-busca-do-bem-comum-como-caminho-para-a-paz-no-mundo/>>.

¹³⁶ H. JOAQUIM, “A construção do bem comum e a responsabilidade da igreja”, *Agência Ecclesia* (2009) s.p., acedido a 03/11/2019, disponível em <<https://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/a-construcao-do-bem-comum-responsabilidade-da-igreja/>>., página

¹³⁷ *Ibidem*.

3. Padre Abel Varzim – um ser livre que libertou os outros

3.1. Breve contextualização

O Padre Abel Varzim viveu num período de estagnação económica, social e política face ao exterior. Fruto disso mesmo, imperava junto da população, a injustiça, pobreza e sofrimento, principalmente, no seio das classes mais desfavorecidas, mais concretamente, na classe operária e agrária. À procura de esperança, muitos foram, os que tentaram uma viragem na sua vida, emigrando, ou então saindo do campo para a cidade. No entanto, não era um processo fácil uma vez que as cidades não conseguiam suportar o elevado fluxo de população. Ao mesmo tempo, a elevada taxa de analfabetismo, tornou-se um obstáculo à integração do mundo laboral, sendo um dos fatores que desencadeou o aumento do trabalho precário e o desemprego. O descontentamento era geral, sendo frequente, a existência de greves ou manifestações que muitas vezes foram aniquiladas pela polícia do governo - PIDE. Por outro lado, o povo português, profundamente religioso, devoto de nossa senhora de Fátima, viria a constituir uma espécie de religião popular legitimada pela Igreja, que se internacionalizava, intitulado o santuário de Fátima como o Altar do Mundo. Movidos pela fé, os portugueses enfrentavam cada dia com esperança, na possibilidade de viver numa sociedade mais justa e igualitária.

Paralelamente, a Igreja sentia, ainda as consequências da política laicizadora com a instauração da república, bem como, a instalação de novas formas de sociabilidade do mundo moderno. Deste modo, teve de repensar o seu contributo para a definição da matriz cultural do país e o seu papel no reforço da identidade nacional.¹³⁸ A experiência da Igreja Católica pelos motivos atrás referidos, despertou o espírito militante dos católicos como forma de restaurar a ordem social cristã e a sua mobilização em ordem a uma intervenção pública, na defesa dos interesses da religião e da própria Igreja. Do ponto de vista pastoral, teve como consequência, a redefinição do lugar eclesial e espaço de intervenção social dos movimentos católicos, secundarizando as questões políticas, apoiando medidas que visavam atuar nos vários setores sociais e recristianizar.¹³⁹

É neste enquadramento de procura ordem social, que vai emergir uma maior

¹³⁸ Cf., A FERREIRA, Matos et al., *Religião e secularização*, In AZEVEDO, Carlos Moreira, Dir. - *História religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2002,135.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*,142.

influência da Igreja no espaço público, na defesa da dignidade humana e na recristianização. Mediante os movimentos de ação católica, a Igreja em Portugal (e não só) definiu objetivos de cariz social e evangelizador que determinou aquilo que viria a ser o catolicismo social.

A Ação Católica Portuguesa (ACP) desencadeou a mudança no modo de agir da Igreja tornando-a mais próxima das pessoas, principalmente dos mais fracos, sendo um dos impulsionadores, o Padre Abel Varzim.

3.2. Ação Católica Portuguesa

A Ação Católica (AC) “[...] já tinha sido aprovada em Itália, em 1922, pelo Papa Pio XI, com o fim de criar um apostolado organizado, para gerar uma nova cristandade”¹⁴⁰, mais atenta, às necessidades dos outros e à defesa da dignidade do ser humano.

Ao comemorar o 40º aniversário da *Rerum Novarum*¹⁴¹, Pio XI na encíclica *Quadragesimo Anno*¹⁴², de 15 de maio de 1931 apontou os fundamentos e valores morais com que se deveria construir a nova ordem social, assente numa nova conceção orgânica e corporativa da sociedade¹⁴³ baseada em três pontos essenciais: doutrina social, ciência social católica e ação católica.

É neste enquadramento que se inscreveu a AC um pouco por todo o mundo, inclusivamente, em Portugal. Assente num catolicismo integral, a ACP tinha como preocupação definir o lugar da Igreja na sociedade, enquanto defensora dos direitos das pessoas; oferta de sentido para a vida e ao mesmo tempo criticar aquilo que era o excesso de laicização. Estava-se perante uma “[...] afirmação renovada da necessidade do primado do espiritual sobre o temporal.”¹⁴⁴, isto é, a fé como resposta às questões sociais.

Logo, esta viria a construir-se num “[...] novo relacionamento do Estado com a Igreja e permitir o reconhecimento de um novo estatuto jurídico que a Concordata de

¹⁴⁰ P. FONTES, *Elites Católicas em Portugal. O Papel da Ação Católica (1940-1961)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, 319.

¹⁴¹ *Rerum Novarum*, carta encíclica escrita por Papa Leão XIII a todos os irmãos, patriarcas, primazes, arcebispos e bispos sobre a condição dos operários.

¹⁴² *Quadragesimus Annus* é uma carta encíclica do Papa Pio XI, de 15 de maio de 1931, sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social, em conformidade com a Lei Evangélica, no 40º aniversário da encíclica de Leão XIII, *Rerum Novarum*.

¹⁴³ P. FONTES, “Ação Católica Portuguesa (1933-1974) e a Presença da Igreja na Sociedade”, *Lusitania Sacra*, 2ª Série (1994)66.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 65.

1940 traduziu num direito internacional assente na valorização do domínio social”¹⁴⁵. Tendo ficado claro que a Igreja atuasse “[...] fora e acima de todas as correntes políticas, sem deixar de reivindicar e defender as liberdades da Igreja”¹⁴⁶, isto é, esta atuaria, unicamente, no campo social e religioso. Essa posição defendia, igualmente, o Cardeal Cerejeira (numa orientação da hierarquia para a ação católica em 1931), ao afirmar que a ação católica portuguesa se tratava de uma organização puramente religiosa subordinada à hierarquia e independente, isto é, fora e acima de toda a política dos partidos e dos partidos dos políticos.¹⁴⁷

Perante a necessidade de chegar a todos e de forma plena, a ACP operou “[...] em quatro organizações: Liga dos Homens (LHAC), Liga das Mulheres (LMAC), Juventude Católica (JC) e Juventude Católica Feminina (JCF)¹⁴⁸. Tendo como base formativa a Sagrada Escritura e a Doutrina Social da Igreja¹⁴⁹, estes movimentos apostavam no

“[...] autodomínio e a educação dos indivíduos, o conhecimento dos seus sentimentos e paixões, a formação do seu caráter, (que) permitiriam realizar a moralização dos comportamentos e atitudes segundo os princípios cristãos, tanto no plano pessoal quanto no da vida da sociedade.”¹⁵⁰

Posto isto, os seus membros tinham acesso às ferramentas essenciais para que cada membro, mediante o desenvolvimento de consciência social, interviesse na realidade e desta forma contribuísse para a renovação da sociedade portuguesa no século XX e, simultaneamente, inserir o movimento católico contemporâneo”¹⁵¹ cujo grande objetivo, era ir ao encontro de quem mais precisava, num claro gesto de amor e fraternidade.

A forte presença da ACP despoletou o termo militância católica, devido à filiação, ao sentido de responsabilidade e pertença que cada elemento assumia ter e pelo modo como cada membro agia em nome do coletivo e do bem comum.

Era uma altura em que a Igreja perfilava-se com bastante influência no espaço público, como defensora da liberdade, dignidade, justiça, verdade e promotora da salvação das classes mais desfavorecidas, numa tentativa de garantir a unidade e harmonia

¹⁴⁵ *Ibidem*, 74.

¹⁴⁶ *Ibidem*.

¹⁴⁷ Cf., M. CRUZ, “A participação política da juventude em Portugal- as elites políticas juvenis”, *Análise Social*, Vol. XXV (1990) 550.

¹⁴⁸ J. VIEGAS, *A receção do Concílio Vaticano em Portugal – no caso da Ação Católica Rural*, Dissertação de Mestrado em Teologia, UCP, Lisboa, 2014, 10.

¹⁴⁹ *Doutrina Social da Igreja* é o conjunto de ensinamentos contidos na doutrina da Igreja Católica, são dezanove encíclicas (até a *Laudato si'*, de 2015, da autoria do Papa Francisco) e pronunciamentos papais que versam sobre a dignidade humana e sobre o bem comum na vida em sociedade.

¹⁵⁰ P. FONTES, “A Ação Católica Portuguesa (1933-1974) e a Presença da Igreja na Sociedade”70.

¹⁵¹ *Ibidem*, 74.

social que a sociedade portuguesa tanto almejava.

3.3 Padre Abel Varzim – um ser livre que libertou os outros

É, neste ambiente, de mudança na sociedade portuguesa e no seio da Igreja, que o Padre Abel Varzim se assume um defensor do agir cristão virado para as classes sociais mais desfavorecidas, numa clara abordagem a uma evangelização virada para o exterior, de acolhimento e amor para com todos.

Alias, este seu desejo começou desde o seu tempo de aluno de teologia e depois padre. Por isso, para muitos, ele era alguém que para além de “[...] uma inteligência lúcida e atualizada, era uma pessoa de grande coração.”¹⁵², mostrando ter capacidade de atender e acolher o outro.

A partir de uma leitura e interpretação assertiva do que o rodeava, o Padre Abel Varzim defendeu a intervenção social da Igreja voltada para a formação dos leigos “[...] para a missão apostólica, concretamente, através da ação católica [...]”¹⁵³, enfatizando a dignidade do sacerdócio da nova aliança e apostando numa evangelização que fosse ao encontro das necessidades das pessoas.

Mas, nem sempre pensou desta maneira, o fato de ter nascido numa aldeia no interior do país¹⁵⁴, contagiado por uma mentalidade tradicional, presente fora e dentro da Igreja, fê-lo, inicialmente, virar-se para uma vocação sacerdotal interiorizada, que “[...]apesar de frequente boa fé, não correspondia em tudo às normas do Evangelho tomadas à letra.”¹⁵⁵, uma vez que se centrava numa prática demasiado individualista.

A mudança consolidou-se quando este frequentou a Universidade Católica de Lovaina, onde privou com cónego Joseph Cardjin, fundador da liga operária católica (LOC). Nessa altura, o Padre Abel Varzim contactou com a dura realidade da classe operária, constatando “[...] que os operários só podem encontrar e manter uma situação económica, social e religiosa, compatível com a salvação, dentro de uma classe operária dignificada [...]”¹⁵⁶ Talvez, por considerar que o operariado não era devidamente

¹⁵² A. CEREJO, *Abel Varzim e o seu tempo*, Multinova, 2005, 6.

¹⁵³ *Ibidem*, 7.

¹⁵⁴ Padre Abel Varzim nasceu em 1902 no Minho, na aldeia de Cristelo, do concelho de Barcelos, e na infância e juventude passou longas temporadas na Póvoa de Varzim.

¹⁵⁵ *Ibidem*.

¹⁵⁶ *Ibidem*, 10.

defendido e apoiado, Padre Abel Varzim assumiu esse papel, sendo um seu acérrimo defensor.

Entretanto, a Santa Sé insistia junto dos bispos de todo o mundo para a implementação de uma dinâmica participativa e interventiva sobre a realidade social.

Foi nessa altura que o episcopado português decidiu, então, numa reunião plenária de 1932, criar os movimentos de ação católica junto das dioceses, entre eles a JOC (Juventude Operária Católica). O Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira foi eleito presidente da ACP e o D. Ernesto Sena de Oliveira, auxiliar do Patriarcado, foi nomeado Presidente da Junta Central da Ação Católica. Este último viria a encarregar o Padre Abel Varzim e Manuel da Rocha na elaboração do Projeto de Bases da Ação Católica Portuguesa.¹⁵⁷

Em 1936, Abel Varzim foi nomeado assistente geral da Liga Operária Católica (LOC) e nessa altura assumiu o papel de assistente geral da JOC, o Dr. Manuel Rocha.

Estas organizações cristãs, JOC, LOC e outras, visavam aproximar a Igreja e a sua mensagem às pessoas e à sua realidade, por isso, foi caracterizada como um espécie de “[...]apostolado no próprio meio ao que se exerce em proveito daqueles que se encontram nas nossas condições de vida e que, portanto, têm os mesmos deveres de estado que nós temos.”¹⁵⁸ A singularidade destes grupos, estava na forma como olhava e interpretava a realidade, e através dessa leitura, os movimentos de ação católica contribuíam para harmonia social da sociedade portuguesa.

No caso específico da LOC e JOC, foram designados como o apostolado do operário para com o operário, ou seja, um apostolado que se identifica e conhece os problemas do setor a que pertence, e que vem com a intenção de intervir e lutar pelos seus direitos à luz da fé cristã. Tendo presente isso mesmo, o Padre Abel Varzim foi fazendo o seu percurso na LOC e JOC, assegurando um “[...] ambiente em que os homens pudessem encontrar a salvação. Era torná-la causa instrumental do destino eterno dos homens que a ela pertenciam.”¹⁵⁹, assente numa vida mais justa socialmente e economicamente, baseada naquilo que eram os princípios da DSI e nos Evangelhos.

¹⁵⁷ Cf. D. RODRIGUES, *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, Editora Rei dos Livros, 1990, 31.

¹⁵⁸ P. FONTES, “A institucionalização da Ação Católica e a festa de Cristo - Rei”, *Lusitânia Sacra*, 2ª série, 19-20 (2007-2008) 186.

¹⁵⁹ A. CEREJO, *Abel Varzim e o seu tempo*, 11.

À medida que a LOC e a JOC foram atuando no seio dos operários, os efeitos da evangelização desta classe, foram-se tornando significativos, ao mesmo tempo, que estes, paulatinamente, viam os seus direitos a serem garantidos.

Neste âmbito, os movimentos operários católicos eram vistos, por alguns, como preponderantes para a garantia da harmonia social, denúncia dos atentados à dignidade humana e anúncio de um novo mundo à luz da Sagrada Escritura e apoiada na Doutrina Social da Igreja. Por outro lado, havia quem entendesse que esta abordagem sobrepunha as questões estatais, laborais à dimensão espiritual.

O Padre Abel Varzim não entendia assim, considerava que a salvação estava na dignidade da pessoa, onde converge a dimensão antropológica e espiritual. Este considerava que a classe operária, tendo como fundamento a doutrina social de Cristo, tinha na lei do trabalho e nos direitos familiares, a edificação da justiça social. Esta sua forma de ver o mundo laboral, não foi bem compreendida e rececionada, por algumas pessoas dentro e fora da Igreja.

Sentindo-se muitas vezes isolado e incompreendido, viu a sua atuação a ser condicionada, exemplo disso mesmo, o seu afastamento da ACP, encerramento do jornal *O trabalhador*, mas nunca deixou de ajudar os mais desfavorecidos.

O seu testemunho de vida e obra marcou a história da Igreja em Portugal por ser um pedagogo, pelo seu percurso, experiência e limitações, sendo assim, um exemplo de quem viveu a sua vida de acordo com a sua consciência, agindo em prole de quem mais precisava. Ao Padre Abel Varzim se deve toda uma pedagogia social, que demonstra a importância do viver segundo a consciência, autonomia, atitude altruísta, cujo principal objetivo era contribuir para a ordem social. Por isso, o seu exemplo de vida mostra-nos uma liberdade “diferente”, uma liberdade movida de dentro para fora, manifestada na solidariedade, cooperação, justiça e na dignidade humana, potenciadora, do bem comum.

3.4 A JOC e o jornal *O Trabalhador* veículos de defesa do bem comum

É sob o lema de anúncio e denúncia e no alargar da influência religiosa nos novos setores sociais que irá ver-se surgir a LOC e a JOC em Portugal.

No que concerne ao nosso objeto de estudo, a JOC, surgiu em 1925 na Bélgica com o Padre Cardjin, emergindo em Portugal em 1935. A ação da JOC espalhou-se, rapidamente, e constituiu-se, inicialmente, como um movimento de jovens da Igreja até ao Concílio Vaticano II.

Padre Abel Varzim foi um dos grandes impulsionadores desta ação de revisão da vida e apostolado dos leigos em Portugal. Na verdade, o que lhe interessava era a ligação com os operários e os agrários. Por isso, dentro da Ação Católica, ele fundou a JOC e a LOC.¹⁶⁰

Sempre a trabalhar em colaboração e sob militância católica dentro e fora de Portugal, Cardjin e o Padre Varzim fizeram a distinção entre a missão interior e exterior, baseada numa renovação social e religiosa.

A JOC e a LOC influíam sobre o setor virado para os jovens operários, pretendendo reuni-los e cativá-los, chamando-os à consciencialização social e à fé cristã. Preparava-os e incitava-os à participação ativa na defesa da classe operária, na denúncia dos atropelos à dignidade humana e no espalhar da fé cristã.

Partindo de uma metodologia assente em três pressupostos: *Ver, julgar e Agir*, este movimento católico apostava na formação dos jovens, facultando-lhes ferramentas para intervir em situações sociais cirúrgicas. Mediante esta abordagem tripartida, a JOC pretendia que os seus militantes tivessem atentos àquilo que os rodeava, denunciando as atrocidades à classe operária, identificando causas e consequências (VER); refletissem sobre como agir, tendo como base, a verdade contida nos evangelhos e nos princípios da DSI (JULGAR) e por último Agir a partir de uma organização pacífica, local, sectorial, e desta forma, realizar iniciativas que tivessem como objetivo intervir socialmente em nome de Deus.¹⁶¹

¹⁶⁰ Cf. M. LEAL, “Olhava as pessoas e via nelas Qualquer Coisa de Divino...testemunho sobre Abel Varzim, *Transformar* 46 (2012) 16.

¹⁶¹ Cf. J. CASTELHANO, *O método de Cardijn: Ver, Julgar e Agir A sua vivência e aplicação na Ação Católica Rural*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2017.

De acordo com informações contidas no site fórum Abel varzim, Cardjin terá referido que:

“[...] o método jocista ensina os jovens trabalhadores a realizar ações, a tomar uma atitude, a ter um comportamento de acordo com as convicções morais e religiosas. A aprender a agir, depois de ter aprendido a ver, a julgar, tal é o objetivo de todos os inquiridos, de toda a discussão e de todas as conversas jocistas; aprender a agir individualmente, a agir coletivamente; a compreender a fecundidade desta ação decidida, organizada, apoiada pelos serviços e por todo um movimento, para transformar o ambiente de trabalho, para causar impacto na opinião pública e para reconquistar a classe operária”.¹⁶²

Logo, a educação era um instrumento fundamental no processo de anúncio e denúncia uma vez que “[...] educar é ajudar os jovens a serem conscientes e responsáveis. Como Cardjin disse nós não fazemos a revolução, nós somos a revolução”.¹⁶³ Para tal, preparava os seus elementos do ponto de vista pessoal, para que de forma responsável, ativa e consciente pudessem agir perante o outro. Acreditava que a promoção de um ser humano melhor, possibilitava uma maior consciencialização social, despoletando uma intervenção ativa na sociedade. Assim, partindo de uma visão antropológica e espiritual, a JOC pretendia contribuir para a harmonia social, diminuindo clivagens económicas e a injustiça social.

Para tal, a JOC impunha que todos os militantes tivessem um contato permanente com os textos bíblicos, uma vez que neles estava contido o fundamento do agir humano, a verdade, o caminho para a um mundo melhor. Por outro lado, a interpretação da DSI reforçava a importância de pilares como a dignidade humana, justiça, liberdade, solidariedade, para a concretização desse fim.

Posto isto, o objetivo da JOC não tinha um cariz político ou ideológico, era uma crença de que “[...] a questão social só se resolverá quando se der à classe operária o lugar a que tem direito incontestável”¹⁶⁴, ou seja, uma vida mais digna.

Neste processo, o jornal *O trabalhador* criado em maio de 1934, deu um enorme contributo. Impulsionado pelo Padre Abel Varzim, este jornal foi um órgão de defesa dos operários e porta – voz da Doutrina Social da Igreja.¹⁶⁵, sendo, uma tentativa de

¹⁶² FORUM ABEL VARZIM, *JOC – método*, acedido a 04/04/2019, disponível em <ww.JOC.portugal.com>.

¹⁶³ A. ALEXANDRE, *Ethnographic Case Studies of Youth Activism Catholic Labour youth*, acedido a 10/06/2018, disponível em <[http://www.fp7myplace.eu/documents/D7_1/Cluster%206%20Faith%20base%20organisations/MYPLACE_7.1REPORT_CIES_Catholic%20Labour%20Youth%20\(Portugal\).pdf](http://www.fp7myplace.eu/documents/D7_1/Cluster%206%20Faith%20base%20organisations/MYPLACE_7.1REPORT_CIES_Catholic%20Labour%20Youth%20(Portugal).pdf)>.

¹⁶⁴ M. REZOLA, “Católicos, operários e sindicatos”, *Lusitânia Sacra* 6 (1994) 115.

¹⁶⁵ Cf. A. ANJOS, *O Padre Abel Varzim e o sacerdócio Ministerial no contexto da procissão dos passos. Uma vivência no Bairro alto*, Dissertação de Mestrado em Teologia, UCP, Porto, 2014.

harmonização social, bem como, um veículo onde a população teria acesso a uma opção de sentido para a vida.

O Padre Abel Varzim estava convicto de que a criação de um jornal, seria uma forma mais imediata de chegar às pessoas, e desta maneira, fazer-lhes ver não os propósitos dos movimentos católicos, mas também, fazer despoletar nelas, a intervenção socialmente. Talvez por isso, tivesse sido um dos “[...] empreendimentos em que ele (Padre Abel Varzim) se envolveu com a geração dos militantes da Liga Operária Católica e a Juventude Operária Católica, dos meios operários que estavam em formação para intervir no terreno social e sindical.”¹⁶⁶

Contudo, o jornal também foi espaço para mostrar o seu desagrado face àqueles que viviam à custa da opressão dos mais fracos. Tal como indica o seguinte testemunho facultado por Domingos Rodrigues:

“[...] O Liberalismo supôs que se devia reprimir o brado da indignação dos operários, como se fosse injusta a sua voz. (...) Os operários: “vinde connosco lutar nesta áspera cruzada, neste combate sem fim pelo pão nosso de cada dia: erguei-vos bem alto, à altura da vossa dignidade ultrajada, e dizei ao capitalismo ignóbil que ressuscitastes das cinzas para onde ele vos atirou, que não sois uma abjeta mercadoria de compra e venda, sujeita à lei da oferta e da procura, mas sim seres humanos com direito à vida”¹⁶⁷

Mas, igualmente, o Padre Abel Varzim insurgiu-se na luta pela aquisição de direitos como: um salário justo, promovendo apoios às famílias e classe operária, denunciando abusos, proclamando a liberdade àqueles que eram vítimas da escravidão laboral. No fundo, as notícias publicadas no jornal *O trabalhador*, pediam justiça social e liberdade à classe operária, em nome da dignidade humana proclamada em nome de Cristo e do que defendia a DSI.

Esta sua abordagem, se em tempos foi apoiada pelo Estado e pela Igreja, a um dado momento da história, tornou-se incómoda e demasiado revolucionária, demarcando-se do corporativismo defendido pelo Estado. As consequências fizeram -se sentir em muitas áreas da sua vida, mas a sua maior desilusão foi a suspensão do jornal *O trabalhador*, em 1948. A nota oficiosa patente no fórum Abel varzim, expressa isso mesmo: “Pena não termos aqui uma bandeira, disse, “para a desfraldarmos duma das

166 P. FONTES, “Abel Varzim: um homem de grande sensibilidade social”, *Semanário Ecclesia* 1441 (2014) 21.

¹⁶⁷D. RODRIGUES, *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social*, 54-55.

janelas, porque isto é uma grande vitória. Não conseguiram calar-nos pela razão, tiveram de fazê-lo pela força incontrolada que ainda possuem.”¹⁶⁸

Nesta altura, este sentiu-se isolado e incompreendido já que “[...] a hierarquia da Igreja vivia na opulência, enquanto os pobres sofriam, e depois porque Salazar dominava a Igreja”¹⁶⁹, descredibilizando e limitando o trabalho desenvolvido pela ação católica.

A verdade é que o Padre Abel Varzim nunca teve como objetivo uma revolução política ou ser uma oposição, mas sim possibilitar à classe operária a criação de um novo mundo, em que houvesse a justiça que lhes assiste, a liberdade que lhes pertence, o bem-estar que têm direito, que só é possível encontrar quando os valorizarem.¹⁷⁰

A partir desta leitura interpretativa da vida e obra do Padre Abel Varzim, conclui-se que o seu percurso, experiência e limitações, é um ótimo recurso para compreender a liberdade orientada para o bem comum. Nela temos acesso a uma proposta de ação que visa uma maior consciencialização social, através da consciência moral, discernimento e autonomia, potenciadora de uma maior participação na esfera social, contribuindo assim para um mundo melhor.

Posto isto, um itinerário pedagógico a partir desta figura, propõe aos discentes traçar um projeto pessoal, fazendo escolhas, optando pelo bem. Mas, a sua singularidade está, na proposta de uma liberdade “diferente” ou “esquecida” refletida na relação com o outro, que se traduz na justiça, solidariedade, dignidade humana, construtora de pontes e não de muros.

¹⁶⁸ FÓRUM ABEL VARZIM, *O epílogo da luta do Padre Abel Varzim e da sua equipa em O trabalhador*, acedido a 20/06/2018, disponível em <<http://www.forumavarzim.org.pt/conteudo/%C2%ABo-trabalhador%C2%BB-mensagem-e-testemunho>>.

¹⁶⁹ A. ANJOS, *O Padre Abel Varzim e o sacerdócio Ministerial no contexto da procissão dos passos. Uma vivência no Bairro alto*, 24.

¹⁷⁰ FÓRUM ABEL VARZIM, *Nota oficiosa*, acedido a 20/06/2018, disponível em <http://www.forumavarzim.org.pt/sites/default/files/publicacoes/J359_NotaOficiosa02.pdf>.

CAPÍTULO III

1. Apresentação da nova proposta programática.

A vida e obra do Padre Abel Varzim desafia-nos, como ao longo deste Relatório Final se tem vindo a constatar, não apenas a perceber o que é liberdade, dignidade humana, bem comum, mas também, a conhecer e a reconhecer a importância do agir cristão na construção de uma sociedade mais fraterna.

Consciente de que “Histórias de vida, sobretudo histórias ligadas à matéria, e exemplos concretos são importantes se ajudarem a despertar a curiosidade dos alunos e a focar a sua atenção no essencial”¹⁷¹, trabalhar a liberdade e o bem comum, a partir do percurso de vida e obra do padre Abel Varzim, torna-se uma mais valia na compreensão da liberdade como elemento fundamental na construção do bem comum. É, perceber que a liberdade é um bem pessoal que ganha plenitude na relação com o outro, ou seja, “[...] não se identifica nunca com a libertinagem ou com o arbítrio de fazer o que se quer; esta se realiza em conformidade com Cristo e, por isso, no autêntico serviço aos irmãos, sobretudo aos mais necessitados.”¹⁷², estabelecendo assim uma relação genuína com a solidariedade, justiça, comunhão, dignidade humana e bem comum.

Desta forma, todo o percurso do Padre Abel Varzim realça o “[...] espírito universalista, pacificador, elevado e integrador de tudo o que sejam valores humanos.”¹⁷³ ao mesmo tempo, que faculta conhecimentos acerca da cultura religiosa da bíblia.

Face ao exposto considerei pertinente trabalhar a liberdade como elemento constitutivo do bem comum, partindo desta figura ímpar da história da Igreja. Fi-lo com a convicção de que tirando partido do seu percurso de vida e obra, poderia contribuir para a formação integral do aluno, desenvolvendo a dimensão humana e religiosa, bem como, despoletar nos alunos, a participação ativa na sociedade, enquanto cidadãos responsáveis e conscientes. Este último ponto, torna-se ainda mais relevante, tendo em conta que atualmente, vive-se momentos de despreendimento face ao outro.

Considerando que a liberdade orientada para o bem comum, está intimamente associada à dignidade humana, introduzi este novo objetivo, na última parte programática da unidade 3 – Liberdade, efetuando, igualmente, alterações nos conteúdos.

¹⁷¹ A. ESTANQUEIRO, *Boas Práticas na Educação*, 60.

¹⁷² I. ALVARÉZ, “Bento XVI autêntica liberdade cristã em Paulo”, acedido a 26/06/2019, disponível em <<https://pt.zenit.org/articles/bento-xvi-mostra-autentica-liberdade-crista-em-paulo/>>.

¹⁷³ *Ibidem*.

Sendo assim, incluí um novo objetivo - 7- *Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal e construção do bem comum*, com a convicção que a partir do seu cumprimento, o aluno é, então, capaz de reconhecer a liberdade enquanto bem pessoal que deve ser colocado ao serviço do bem comum.

Perante esta alteração, delineei um novo objetivo e conteúdos, tal como nos apresenta o quadro 6:

Metas	Objetivos	Conteúdos
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	7. Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal <i>e construção do bem comum</i> .	<ul style="list-style-type: none"> - A dignidade humana exige que o ser humano atue segundo a sua consciência e livre escolha - Ser livre e libertar os outros: a referência do Padre Abel Varzim - Liberdade orientada para o bem comum: ação católica portuguesa. - Mensagem de Francisco para a Campanha de Fraternidade de 2014 da Conferência Episcopal Brasileira, 25 de fevereiro de 2014.

Quadro 6

Conforme mostra o quadro, procedi a alterações no que concerne aos conteúdos:

- Introduzi a referência ao Padre Abel Varzim e a liberdade orientada para o bem comum: ação católica portuguesa, pelas razões elencadas anteriormente;
- Mantive o conteúdo:

- *A dignidade humana exige que o ser humano atue segundo a sua consciência e livre escolha* – para reforçar a relação entre liberdade, dignidade humana para a promoção do bem comum

- *A mensagem do Papa Francisco para Campanha de Fraternidade de 2014 da Conferência Episcopal Brasileira, 25 de fevereiro de 2014*, uma vez que nela é expressa a preponderância da condição de ser livre e da participação de cada um de nós, na defesa da dignidade humana e bem comum.

- Retirei o conteúdo - *A dependência e a liberdade na relação com os bens materiais: Mt 6, 25-34*, na medida em que a ideia já tinha sido explorada na aula nº3.

A partir desta proposta programática, os alunos têm acesso às ferramentas essenciais, para conseguirem reconhecer a liberdade como um ato que ganha forma e plenitude na relação com o outro. Assim, é possível minimizar junto dos discentes, uma certa noção de liberdade “[...] um pouco esquizoide, esquizofrénico, a tal ponto que «brada liberdade, liberdade, liberdade!» mas é mais escravo, escravo, escravo”¹⁷⁴, que desvirtua o que implica ser livre.

Logo, dar a conhecer a vida e obra do Padre Abel Varzim e ACP, é reforçar e mostrar que este dom da liberdade que habita em nós não deve gerar indiferença, mas acolhimento para com quem precisa. Da mesma maneira, ensina os nossos jovens que o crescimento, não se faz unicamente no seu interior, mas no serviço aos outros. A liberdade deve ser assim vivida como um dom que só faz sentido na experiência relacional e na edificação do bem comum.

2. Implementação do itinerário pedagógico

Para trabalhar a relação da liberdade com o bem comum, a partir da vida e obra do Padre Abel Varzim e a ACP, foi proposto à turma, um trabalho de estudo com vista à construção de uma *exposição Padre Abel Varzim – um ser livre que libertou os outros*.

Esta dinâmica, que serviu para cumprir o objetivo 7 - *Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal e construção do bem comum*, teve como objeto de estudo, para além de documentos biográficos do Padre Abel Varzim, imagens e notícias do jornal *O trabalhador*.

A introdução do jornal *O trabalhador* nesta unidade teve como objetivos:

- Tirar partido da riqueza do património religioso, enquanto fonte de conhecimento, memória e cultura do povo português.

¹⁷⁴ FRANCISCO, “Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela na casa da santa marta”, acessado a 09/03/2019, disponível em<https://w2.vatican.va/content/fnarancesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180413_verdadeira-liberdade.html>.

- Dar a conhecer aos alunos o papel do Padre Abel Varzim e da ACP como uma proposta cristã, “[...] voltada para um mundo mais justo e igualitário. fazer a realidade no reino, sobretudo entre os mais desfavorecidos e necessitados da libertação básica: os que lutam para sobreviver.”¹⁷⁵, ou seja, na defesa da dignidade humana e na vivência da liberdade autêntica.
- Conhecer o Padre Abel Varzim como um homem que usou a liberdade para construir o bem comum.
- Reconhecer que o agir cristão é uma proposta para a construção de um mundo melhor;

Inicialmente, a atividade foi planeada para ser efetuada em 4 blocos de 50 minutos (1 estudo + 1 realização do *powerpoint* + 1 (exposição e sistematização da matéria dada) + 1 de montagem da exposição no átrio da escola e respetivo convite à comunidade educativa) onde existiria a cooperação com o professor de História e Técnicas de Informação e Computação (TIC). Contudo, devido a restrições na calendarização, houve a necessidade de efetuar modificações nos moldes iniciais.

Posto isto, segue, então, a operacionalização do itinerário programático e pedagógico proposto:

¹⁷⁵ J. LIARDUIA, “Libertad, don y conquista: libres, liberados, libertadores”, 19.



Domínio: Ética e Moral

Meta: P. Identificar o fundamento da moral cristã;

Aprendizagens Essenciais: Assumir atitudes responsáveis promotoras de Liberdade. (EV, CD)

Aula nº23

Data: 19-03-2019

Sumário: Padre Abel Varzim – Ser livre que libertou os outros: trabalho de grupo.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo ⌚	Recursos	Avaliação
		- <i>Acolhimento e registo do sumário</i>	5 m		-Assiduidade e Pontualidade
		- <i>Síntese da aula anterior</i>	5 m		
7. Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal e construção do bem comum *	- Ser Livre e libertar os outros: referência ao Padre Abel Varzim - Liberdade orientada para o bem comum;	- Realização de um trabalho de grupo: • <i>Indicação das instruções</i> – Formar grupos de 4 a 5 pessoas; Tempo: das aulas e Recursos: material constante no google drive. • Trabalho de grupo – Guiões: Grupo 1 (vida e obra) Grupo 2 (Padre Abel Varzim um ser livre que libertou os outros) Grupo 3 (condicionalismos e obstáculos à liberdade) e Grupo 4 – Evangelho -exemplo vivo da liberdade orientada para o bem comum	40 m	• Caderno • Quadro e material de escrita • Tablets – google drive padreabelvarzim@gmail.com • Guião de trabalho • Powerpoint 8.3.6	Registo de observação: - Participação - Concentração no cumprimento das tarefas - Análise crítica - Pertinência - Relacionamento com os colegas e professores;

Síntese da aula

Padre Abel Varzim, um exemplo de liberdade ao serviço do bem comum

Relatório de Prática Letiva

A aula foi planejada para cumprir o objetivo 7 -*Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal e construção do bem comum* e os conteúdos - ser livre e libertar os outros: referência ao Padre Abel Varzim e a liberdade orientada para o bem comum.

A estratégia utilizada para o fazer cumprir, foi a realização de um trabalho de estudo em grupo, que tinha como recurso, notícias do *jornal O trabalhador* e documentos sobre o Padre Abel Varzim, a JOC e a AC. A turma seria dividida por grupos e cada um teria um guião próprio. Após reunida a informação, seria efetuada uma exposição – *Padre Abel Varzim: Um homem livre que libertou os outros*.

Posto isto, aula iniciou-se na hora prevista às 9h10 com a entrada dos discentes, de forma calma e ordeira. De seguida, os alunos registaram o sumário nos seus cadernos diários, em silêncio.

Posteriormente, efetuamos a síntese da aula passada, dado que era importante que os discentes percebessem que os conteúdos têm ligação entre si. Os alunos recordaram-se que tinham estado a analisar “parábola do filho pródigo”. Mediante o referido, reforcei que este texto bíblico nos interpelava a agir na base do amor, perdão, acolhimento, respeito e misericórdia perante o outro. Um exemplo disso mesmo, era o Padre Abel Varzim, alguém que esteve ao longo da sua vida ao serviço dos outros.

Depois, apresentei-lhes o projeto a desenvolver em aula – *Exposição – Padre Abel Varzim: Um ser livre que libertou os outros*. Indiquei aos alunos que tinham de fazer um trabalho de grupo, acerca do Padre Abel Varzim. Cada grupo deveria ser constituído por quatro elementos e teria acesso a um guião de estudo, com documentos textuais específicos para interpretar. A informação recolhida e as imagens selecionadas serviriam para apresentarem à turma e depois para a construção da exposição, na aula seguinte.

Perante as indicações, a turma formou os quatro grupos e cada um ficou responsável por um destes seguintes guiões: I- Vida e Obra Padre Abel Varzim; II - Abel Varzim -um ser livre que libertou os outros; III – Condicionismos e obstáculos à liberdade e IV – O evangelho - exemplo vivo da liberdade orientada para o bem comum. (ANEXO 1)

Os guiões foram distribuídos aos alunos, assim como, os dados necessários (google drive) para que tivessem acesso aos documentos da JOC e *jornal O trabalhador*.

Depois de facultados os recursos, indiquei-lhes que teriam apenas uma aula para realizarem o trabalho. Expliquei-lhes, igualmente, que devido à limitação de tempo, seria eu a fazer o *powerpoint* para a apresentação dos trabalhos, a partir da informação que recolhessem,

Posteriormente, os grupos formaram-se e começaram a trabalhar. Ao longo do processo ensino aprendizagem, procurei apoiar os discentes, circulando pela sala de aula.

Pude constatar que esta dinâmica, para além da aquisição de conhecimento, permitiu o desenvolvimento de competências como a solidariedade, cooperação, respeito, tão importantes para o bem comum. Paralelamente, verificou-se entusiasmo na sala de aula, onde os grupos mostraram-se empenhados, interessados na realização da tarefa, o que se manifestou nos resultados apresentados.

Reflexão

O itinerário programático seguido até aqui incidiu sobre a liberdade enquanto percurso pessoal, no entanto, tive o cuidado de, paulatinamente, direcionar a lecionação da Unidade Letiva 3 – Liberdade, na relação da liberdade com o bem comum. Fi-lo mediante estratégias como o compromisso pessoal, a análise de notícias e imagens ou a construção do caminho para a liberdade, na sala de aula.

Chegado este momento de introdução do objetivo 7 -*Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal e construção do bem comum*, pretendi para além de apresentar a relação entre a liberdade e o bem comum, enfatizar o agir cristão como promotor de um mundo melhor.

Ciente que a educação é “[...]formar cidadãos e pessoas conscientes de que aprendizagem é o verdadeiro fator de desenvolvimento.”¹⁷⁶, impulsor de transformações e criadora de soluções no mundo, senti que enquanto agente educativo poderia contribuir para a formação dos alunos, tornando-os mais despertos para os problemas sociais e movê-los para uma participação mais ativa na sociedade.

Neste processo, Guilherme Oliveira Martins assevera que a cultura tem um papel essencial, até porque uma sociedade culta deve assentar em palavras chave como: liberdade, responsabilidade, confiança, coesão, património, herança, memória,

¹⁷⁶ G. O. MARTINS, “Lugar da Cultura, Lugar da Pessoa”, *Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 135.

relevância, desenvolvimento e democracia.¹⁷⁷, enfatizando que só a partir dos valores morais e éticos, a sociedade pode funcionar plenamente.

Posto isto, a disciplina de EMRC pode dar um contributo significativo, ao dar a conhecer a mensagem cristã como transmissora de valores essenciais para a comunidade humana. E, desta maneira, propor um novo agir ou solução para os momentos conturbados do ponto vista humanitário, que só numa ação conjunta podem ser revertidos.

Tendo presente estes pressupostos e consciente que só numa clara perceção do contexto cultural em que o ser humano se insere, este pode compreender a si mesmo e o mundo que o rodeia, planifiquei a aula no sentido de estabelecer a ponte entre a liberdade e o bem comum, num diálogo entre a cultura e religião.

A disciplina de EMRC pode ter, neste campo, um papel crucial, uma vez que trabalha para a construção da comunidade humana e facultar ferramentas para descobrir a dimensão sagrada da vida. Por isso, o seu objetivo é orientar os alunos a desenvolver a dimensão religiosa, a partir da realidade, sendo a tradição católica a sua chave de leitura.

Neste processo, o património religioso que é fonte de memória e de “[...] salvaguarda do que somos e do que queremos ser, numa aceção dinâmica que envolve o património material e imaterial e o valor acrescentado contemporâneo.”¹⁷⁸, torna-se um recurso fundamental, enquanto transmissor de conhecimento, valores culturais e cristãos.

Partindo da análise de notícias e imagens do jornal *O trabalhador* e vida do Padre Abel Varzim, foi possível fazer com que os discentes compreendessem a liberdade como um bem pessoal, que deve ser orientado para o bem comum e a relevância da vida e do agir cristão para a construção de um mundo melhor.

Como forma de promover a dimensão relacional, tão importante nesta relação entre liberdade e bem comum, decidi aplicar o modelo de aprendizagem cooperativo uma vez que assente em estruturas de tarefas e objetivos e de recompensas cooperativas, os alunos “[...] são encorajados e/ou obrigados a trabalhar em conjunto numa tarefa comum e têm de coordenar os seus esforços para concluírem a tarefa.”¹⁷⁹, desenvolvendo competências humanas, ao mesmo tempo, que constroem seu próprio conhecimento. Este tipo de estratégia desencadeia uma maior envolvência dos alunos “[...] na aprendizagem, [e]proporciona suporte teórico para a aprendizagem cooperativa.”¹⁸⁰, como a cooperação, união, solidariedade etc.

¹⁷⁷ Cf. *Ibidem*.

¹⁷⁸ G. O. MARTINS, “Lugar da Cultura, Lugar da Pessoa”, 136.

¹⁷⁹ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 345.

¹⁸⁰ *Ibidem*, 347.

Conforme o previsto, a aula correu bem não só porque o objetivo foi cumprido, mas pela metodologia aplicada, pelo envolvimento e interesse que os alunos demonstraram.

Unidade Letiva 3



Domínio: Ética e Moral

Meta: P. Identificar o fundamento da moral cristã;

Aprendizagens Essenciais: Assumir atitudes responsáveis promotoras de Liberdade. (EV, CD)

Aula nº24

Data: 26-03-2019

Sumário: Liberdade para o bem comum. Exposição da vida e obra do Padre Abel Varzim.

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo ⌚	Recursos	Avaliação
		- <i>Acolhimento e registo do sumário</i>	5 m		-Assiduidade e Pontualidade
		- <i>Síntese da aula anterior</i>	5 m	•Caderno e manual do aluno	
7. Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal <i>e construção do bem comum.</i>	- Ser Livre e libertar os outros: referência ao Padre Abel Varzim. - <i>Liberdade orientada para o bem comum.</i> - Dignidade da vida humana -Mensagem de Francisco para a Campanha de Fraternidade de 2014 da Conferência Episcopal Brasileira, 25 de fevereiro de 2014,	- <i>Apresentação das informações recolhidas nos trabalhos de grupo</i>	10 m	•Quadro e material de escrita •Cartolinas, Tesoura;	Registo de observação: - Participação - Concentração no cumprimento das tarefas - Análise crítica - Pertinência - Relacionamento com os colegas e professores;
		- <i>Atividade individual</i> - preenchimento de um quadro síntese sobre o Padre Abel Varzim.	5 m	•PC – <i>powerpoint</i> 8.3.7	
		- <i>Diálogo com os alunos sobre Liberdade e bem comum</i>	5 m	•Ficha – Padre Abel Varzim	
		- <i>Construção da síntese de aula</i>	5 m		
		- <i>Elaboração da Exposição Padre Abel Varzim – Um ser livre que libertou os outros.</i>	15 m		

Síntese da aula

A liberdade autêntica deve ser colocada ao serviço do bem e do bem comum.

Relatório de Prática Letiva

A aula iniciou-se na hora prevista, às 9h10, e os alunos entraram na sala de aula de forma calma. Desejei-lhes um bom dia e perguntei-lhes como estava a correr a semana. Os discentes responderam que bem.

Informei a turma de que tinha visto os trabalhos e manifestei a minha satisfação já que todos os grupos conseguiram responder aos pontos dos guiões, corretamente. Depois, indiquei aos discentes que a aula serviria para fazer a apresentação dos trabalhos e que cada grupo iria ler as informações que tinham recolhido. Posteriormente, entreguei uma ficha de sistematização a cada aluno (acerca da vida e obra do Padre Abel Varzim) para que todos acompanhassem os conteúdos apresentados. (ANEXO 2)

No seguimento da aula, cada grupo leu a sua parte à restante turma e eu fui complementando as informações dadas. À medida que isso foi sendo feito, tive o cuidado de interpretar algumas imagens e notícias que os discentes selecionaram, para que todos conseguissem compreender a pertinência da vida e obra do Padre Abel Varzim e a ACP. A turma mostrou-se bastante atenta, interessada e isso verificou-se nas questões colocadas e na resolução da ficha

A partir da referência do Padre Abel Varzim, estabeleci a ponte para a liberdade e o bem comum, referindo que este traçou o seu caminho mediante a sua consciência, fez escolhas e optou pelo bem. Mas também foi um ser livre que libertou os outros, lutando contra a escravidão e defendendo a dignidade humana. Expliquei que é uma referência de alguém que encontrou o sentido para a vida a ajudar os outros e a construir o bem comum. Depois afirmei que cada um de nós tem um desafio pela frente: ser livre, mas também libertar os outros, ou seja, lutar para que todos possam ter uma vida mais digna. O bem comum é o melhor bem possível para todos e cada um, de modo a que todos consigam chegar a ser plenamente livres.

Como sistematização da relação entre liberdade e bem comum, mostrei-lhes a mensagem do Papa Francisco que consta no manual *Quero descobrir!* na página 102 e interpretámo-la em conjunto e chegámos à conclusão de que a liberdade deve estar ao serviço do bem e do bem comum.

Partindo destas premissas, convidei os alunos a fazerem a síntese da aula tendo-se concluído que a liberdade autêntica deve ser colocada ao serviço do bem e do bem comum. Posteriormente, iniciámos a montagem da exposição.

Reflexão

Dentro do que foi exposto, a presente aula serviu para a apresentação da informação obtida pelos alunos e consequente sistematização da Unidade Letiva 3 - Liberdade.

Por isso, segui os seguintes passos:

- Contextualização do período histórico, social e económico da sociedade portuguesa no período salazarista;
- Apresentação dos trabalhos;
- Ficha de sistematização sobre o Padre Abel Varzim e ACP;
- Lecionação de conceitos chave, bem comum e dignidade humana (a partir da vida e obra do Padre Abel Varzim e ACP) e respetivo diálogo e debate com os alunos;
- Referência da mensagem do Papa Francisco e consequente interpretação.
- Elaboração da Exposição.

No início da aula, optei por fazer uma breve contextualização social da época onde se insere o Padre Abel Varzim, na medida em que era importante que os discentes percebessem a conjuntura social, cultural e económica da sociedade portuguesa da altura. Teria sido bastante mais relevante do ponto de vista da promoção da interdisciplinaridade, se esta abordagem tivesse sido efetuada por uma professora de história, mas tal não foi possível.

Aquando da apresentação dos trabalhos, facultei uma ficha de sistematização a cada aluno, já que cada grupo trabalhou um tema diferente. Desta maneira, cada discente teve oportunidade de adquirir os conteúdos que todos os grupos trabalharam.

No final das mesmas, procurei dar o meu *feedback* acerca dos trabalhos realizados, fi-lo com a noção de que “[...] um bom elogio (concreto, oportuno e sincero) ajuda a aprender mais e melhor”¹⁸¹, contribuindo para um processo ensino aprendizagem motivador e positivo.

Posteriormente, e partindo de uma perspetiva construtivista do professor que constrói problemas e guia os alunos para a exploração e promove o espírito crítico¹⁸² lancei para reflexão, no final da aula, os conceitos base: bem comum e dignidade humana e pedi-lhes para relacioná-los com aquilo que aprenderam sobre o Padre Abel Varzim e

¹⁸¹ A. ESTANQUEIRO, *Boas Práticas na Educação*, Editorial Presença, setembro, 2010, 24.

¹⁸² Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 378.

ACP. Os alunos conseguiram, assim, reconhecer com mais facilidade, a importância dos nossos gestos perante os mais desfavorecidos, compreendendo que no uso da liberdade constrói-se um mundo melhor.

Logo, esta dinâmica programática e pedagógica demonstrou ser eficaz, já que a partir do percurso, experiência e limitações do Padre Abel Varzim, os discentes conseguiram compreender a relação entre a liberdade e o bem comum, bem como, reconhecer que ser-se livre é um percurso pessoal, que deve ganhar forma em gestos como: ajudar os outros a trilhar o caminho do bem e da dignidade humana. Por isso, devemos estar atentos aos outros, principalmente, aos mais fracos. A isso interpela-nos Papa Francisco quando assevera que “[...] ninguém se (feche) no seu mundo privado, no seu grupo, mas trabalhe sempre em ordem ao bem comum e tomar conta dos mais frágeis e marginalizados”¹⁸³. É esta a vitalidade e atualidade da mensagem cristã, que nos mostra a mensagem do Papa Francisco para a Campanha de Fraternidade de 2014 da Conferência Episcopal Brasileira, 25 de fevereiro de 2014, onde propõe que cada um de nós saia ao encontro do outro.

Esta aula terminou com a montagem da exposição, com a informação e imagens que cada grupo trabalhou. A exposição Padre Abel Varzim – um ser livre que libertou os outros, acabou por se cingir à sala de aula, embora a ideia inicial e teria sido mais relevante, se a mesma tivesse sido montada no átrio da escola, conforme inicialmente planeado.

¹⁸³AGENCIA ECCLESIA, “Vaticano: Papa exorta à busca do “bem-comum” como caminho para a paz no mundo”, acedido a 12/07/2019, disponível em <<https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-papa-propoe-busca-do-bem-comum-como-caminho-para-a-paz-no-mundo/>>.

Conclusão

Ao longo do meu percurso como professora de EMRC, senti a primordial necessidade de dar o meu contributo para a construção de um mundo melhor.

Esta minha pretensão, prende-se por considerar que a escola é um espaço onde os jovens podem adquirir conhecimentos essenciais para a formação da sua identidade, a sua relação com o mundo, bem como, potenciar mudanças e soluções para a sociedade.

A escola deve, assim, promover a educação integral, não se cingindo, unicamente, à transmissão de conhecimentos, mas também, aos princípios valorativos que fazem parte do saber ser e do viver com o outro. Neste âmbito, Fernando Moita revela que a personalidade é uma alteridade e que a educação moral tem um papel fundamental, na formação dos jovens, já que ajuda-os a ser “[...]isto é, a rasgar caminhos e proporcionar os recursos para que cada um, em liberdade, se possa descobrir a si mesmo, descobrir os outros, realizar-se e continuamente desenvolver-se.”¹⁸⁴.

A disciplina de EMRC permite essa compreensão do ser humano no seu todo, na dimensão pessoal, social e transcendental. Simultaneamente, promove e cria, momentos de reflexão, abertura face ao outro, enquanto desafia os discentes a construir uma sociedade livre, justa e solidária¹⁸⁵. Assim, promove a educação integral da pessoa, despertando-a para o conhecimento de si própria, não descurando, a sua relação com o outro, promovendo a responsabilidade social e cívica.

Perante estas premissas e depois da análise da Unidade Letiva 3-Liberdade, constatei que o programa de EMRC podia ir mais além, no que concerne à relação entre a liberdade e bem comum e desta forma, preparar o jovem para “[...] exercer a liderança e viver o seu compromisso na sociedade e ao serviço aos outros.”¹⁸⁶.

Por isso, procurei traçar um itinerário programático e pedagógico, onde os alunos pudessem desenvolver-se globalmente, ou seja, onde pudessem adquirir ferramentas para a formação do pensamento crítico face ao que os rodeia, e atitudes valorativas que fossem ao encontro de uma maior consciência social e moral.

Para tal, inicialmente, segui o percurso pedagógico apresentado pelo programa da disciplina, em que os discentes têm contacto com um conjunto de bases importantes para

¹⁸⁴F. MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual” *Pastoral Catequética* 26 (2013) 61.

¹⁸⁵Cf. *Ibidem*, 62.

¹⁸⁶ *Ibidem*, 63.

a compreensão da noção de liberdade, potenciando a consciência livre, madura e responsável. Nele, também, é possível constatar, a abordagem da liberdade enquanto caminho para o bem, estabelecendo a relação com a dignidade humana. Contudo, a surge sob uma perspectiva individual, enfatizando, de uma forma superficial, a dimensão coletiva. Posto isto, conclui que a unidade em análise, debruça-se sobre a liberdade enquanto realização pessoal, não aprofundando, a sua preponderância no viver com o outro.

Deste modo, e considerando que a disciplina de E.M.R.C. assenta na premissa da formação integral do aluno e tendo em conta que nós educadores devemos “Voar para ver o mundo em que vivemos e transformá-lo”¹⁸⁷, considerei essencial, introduzir o *conteúdo liberdade orientada para o bem comum*, com a respetiva alteração do objetivo 7 - *Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal e construção do bem comum*, no final da unidade.

Assim, entendo que o itinerário da Unidade Letiva 3- Liberdade pode conseguir clarificar a noção de liberdade, isto é, demonstrar as suas diferentes dimensões e despertar nos alunos a vontade de agir perante o outro, contribuindo para o bem comum. Da mesma forma, cumpre-se, igualmente, aquilo que entendo ser a verdadeira vocação dos agentes educativos, ensinar e ser edificadores de um mundo melhor.

Sendo assim, na implementação da proposta do programática e pedagógica, tirei partido dos conteúdos do programa, estabeleci pontes de ligação entre a liberdade e o bem comum, enfatizando a relevância da responsabilidade social e cívica de cada um de nós e realçando sempre o dever de olhar para quem mais precisa. Desta forma, procurei desmitificar a ideia de que a liberdade assenta, unicamente, na coutada pessoal e valorizei, a consciência social e a vivência da liberdade ao serviço dos outros.

Contudo, não bastava delinear conteúdos programáticos ou estabelecer objetivos, havia que definir estratégias adequadas, impactantes e em conformidade com o defendido, para que o processo ensino aprendizagem fosse eficaz.

Posto isto e tendo em conta *objetivo 7. Tomar consciência da liberdade como um bem para a realização pessoal e construção do bem comum*, era imperativo encontrar um recurso que desse aos jovens uma referência, um exemplo, de um percurso, experiência de vivência de liberdade constitutiva do bem comum.

¹⁸⁷ *Ibidem*, 68.

A aposta recaiu na vida e obra do Padre Abel Varzim. Estamos perante alguém que foi uma espécie de pedagogo já que ensinou pelos seus gestos e palavras o que é ser livre e libertar os outros. Foi um potenciador de uma dinâmica relacional, participativa, na edificação do bem comum através da ACP e na sua vida enquanto homem livre.

A delineação de um itinerário pedagógico a partir da experiência, percurso, e limitações vividas desta figura da história da Igreja, permitiu ao aluno:

- Contactar com uma liberdade “diferente”, a liberdade vivida em prole dos outros. Este foi exemplo de alguém que traçou a sua vida, enquanto ser livre, apelando à consciência, à harmonia, a olhar criticamente e a agir sobre a realidade que o rodeava;
- Reconhecer o agir cristão na defesa da dignidade humana e do bem comum. O Padre Abel Varzim e ACP apostou numa dinâmica participativa, cujo fundamento, era a Sagrada Escritura e a DSI, assente na valorização da pessoa e da dimensão espiritual;
- Entender a relação entre a liberdade, consciência, discernimento, autonomia, uma vez que o método da ação católica passava por três pilares essenciais: ver, julgar e agir sobre a realidade.
- Despoletar nos alunos para o compromisso social e cívico perante a sociedade, de uma forma válida, fundamentada e responsável, e desta maneira, contribuir para o bem comum;
- Perceber que o património religioso, num diálogo entre a cultura e a fé, é uma fonte de identidade, conhecimento e memória de um povo;

Esta proposta visou, para além do que foi dito, responder, através de uma visão antropológica cristã, a uma perceção redutora dos nossos jovens, acerca da liberdade, ainda muito dirigida ao “eu” e menos ao “nós”.

A liberdade é um caminho pessoal, onde deve imperar a consciência moral, discernimento, autonomia do ser humano. Mas deve, simultaneamente, ser um compromisso com os outros, na valorização da solidariedade, comunhão, justiça e dignidade humana. Simultaneamente, a estratégia pedagógica definida, trabalhar em grupo, permitiu que os discentes desenvolvessem competências humanas e sociais, promotoras da harmonia, cooperação e solidariedade, elementos constitutivos do bem comum.

Entendo, assim, como educadora e professora de EMRC, ser meu dever enquanto tal, orientar o aluno para esse entendimento da liberdade como vocação, que pese embora limitada à história, nasce e surge dentro da consciência humana¹⁸⁸. Mediante o processo ensino aprendizagem e sendo agente educativa, posso tentar interpretar a força intrínseca do aluno, que se transforma em liberdade, e levá-la à realização do bem, que se quer que seja de todos. Realçar desta forma a liberdade é promover a educação integral da pessoa, enquanto ser individual e relacional, transformando-o num cidadão ativo e responsável.

¹⁸⁸Cf. J. COMBLIN, “Vocação à Liberdade”, *Vida Pastoral* (1999) s.p., acessado a 30/11/2019, disponível em <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/antropologia-teologica/vocacao-a-liberdade/>.

Bibliografia

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2015.

I – Documentos do Magistério

Constituição Pastoral Gaudium et Spes, Decretos, Declarações, Gráfica de Coimbra, 1998.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia Editora, Cascais, 2015.

BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 2009.

FRANCISCO, *Mensagem do 52º Dia Mundial da Paz*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 2018.

FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco aos fiéis brasileiros por ocasião da campanha para a fraternidade de 2014*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 2014.

FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelium Gaudium*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 2013.

JOÃO PAULO II, *Veritas Splendor* acessado a 18/12/2019, disponível http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html

JOÃO PAULO XXIII, *Carta Encíclica Mater e Magistra*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 1961.

PIO XI, *Carta Encíclica Quadragesimo Anno*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 1931.

II – Documentos Curriculares

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MONTE DA LUA, *Uma Escola para o Mundo – Projeto Educativo 2016-2019*, AGML, Sintra, 2016.

DECRETO-LEI N.º 55/2018, DE 6 DE JULHO, Estabelecimento do Currículo dos Ensinos Básico e Secundário e dos Princípios Orientadores da Avaliação das Aprendizagens, Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06.

MARTINS, G. O. (coord.), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória –*

Referencial para as Decisões a Adotar por Decisores e Atores Educativos ao Nível dos Estabelecimentos de Educação e Ensino e dos Organismos Responsáveis pelas Políticas Educativas, Ministério da Educação – Direção Geral de Educação, 2017.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Quero Descobrir! Manual do 8ºano de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2014.

OSCE/ODIHR, *Principios orientadores de toledo sobre la enseñanza acerca de religiones y creencias en las escuelas públicas*, Varsóvia,2008.

III – Dicionários

AA.VV., *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora,6ªedição, Porto

AZEVEDO, C.A et al, *História Religiosa de Portugal*, Centro de Estudos de história religiosa da universidade católica portuguesa, Círculo de Leitores, volume 3,2002.

DEFOUR, X., *Vocabulario de teologia bíblica*, Barcelona, Editorial Herder, 1965.

IV – Estudos e Monografias

AMBROSIO, J., “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares” *Pastoral Catequética* 31-32 (2015) 63-81.

ANJOS, A., *O Padre Abel Varzim e o sacerdócio Ministerial no contexto da procissão dos passos. Uma vivência no Bairro alto*, Dissertação de Mestrado Integrado em Teologia, UCP, Porto, 2014.

ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008.

CABRAL, F., “Liberdade e responsabilidade social”, *Communio* 6 (1992) 496-511.

CANÁRIO, R., *O que é escola? Um “olhar” sociológico*, Editora Porto, Porto, 2015.

CANÁRIO, R., “A escola: das «promessas» às «incertezas»”*Educação Unisinos* 12 (2008) 74-81.

CARVALHO, C., “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, *Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 29-61.

CASTELHANO, J., *O método de Cardijn: Ver, Julgar e Agir A sua vivência e aplicação na Ação Católica Rural*, Dissertação de Mestrado em Teologia, UCP, Lisboa, 2017.

CEREJO, A., *Abel Varzim e o seu tempo*, Multinova, 2005.

- COUTINHO, V., “Consciência e liberdade à luz da doutrina do Concílio Vaticano II”, *Didaskalia* XLII (2012) 145-162.
- CRUZ, M., “A participação política da juventude em Portugal - as elites políticas juvenis”, *Análise Social* XXV (1990) 223-249.
- DEMMER, K., *Introdução à Teologia Moral*, Edições Loyola, 1999.
- ESTANQUEIRO, A., “Relação Pedagógica”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 97-104.
- FONTES, P., “Abel Varzim: um homem de grande sensibilidade social”, *Semanário Eclesia* 1441 (2014) 17-45.
- FONTES, P., *Elites Católicas em Portugal. O Papel da Ação Católica (1940-1961)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2011.
- FONTES, P., “A institucionalização da Ação Católica e a festa de Cristo-Rei”, *Lusitânia Sacra*, 2ª série, 19-20 (2007-2008) 171-193.
- FONTES, P., “Ação Católica Portuguesa (1933-1974) e a Presença da Igreja na Sociedade” *Lusitania Sacra*, 6 (1994), 61-100.
- HURLOCK, E.B., *Desenvolvimento do Adolescente*, Editora McGraw-Hill, São Paulo, 1979.
- LEAL, M., “Olhava as pessoas e via nelas Qualquer Coisa de Divino...testemunho sobre Abel Varzim”, *Revista transformar* 46 (2012) 10-17.
- LIARDUIA, J. “Libertad, don y conquista: libres, liberados, libertadores”, *Cuadernos de Formación Permanente para Religiosos* 57, Frontera Hegian, Gasteiz /Vitoria (2017) 18-22.
- LINDA, M. “O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho”, *Pastoral Catequética* 31-32 (2015) 107-119.
- LOURENÇO, J. “Dimensão profética da EMRC, A escola, o docente, o educando. Sinais proféticos da EMRC”, *Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 121-131.
- KAVENSKY, F., “Conceções acerca da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: um estudo de caso”, acessado a 04/11/2019, disponível em http://cetrans.com.br/assets/artigoscongresso/Flavia_Cavalcanti_Goncalves_Kaveski.pdf.
- MARTINS, A., “O enigma do homem: entre imagem de Deus e animal”, *Didascália* 51 (2011) 271-283.
- MARTINS, G.O., “Lugar da Cultura, Lugar da Pessoa”, *Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 133-138.
- MENDONÇA, J. T., “A mediação cultural – um novo contexto para a transmissão

religiosa? *Communio* 4 (2006) 435-441.

MOITA, F., “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, *Pastoral Catequética* 26 (2013) 53-74.

MOREIRA, J. *A aprendizagem cooperativa: Aplicação ao 8.º ano de escolaridade na disciplina de História*, Dissertação de Mestrado em ensino de história e geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2012.

NUNES, J., “O Acolhimento Pastoral – perspetivas teológicas e antropológicas” *Didaskalia xxxvii* (2007) 299-307.

PEREIRA, A., “Entre a angústia e a esperança- uma leitura das condições da existência humana na contemporaneidade”, *Pastoral Catequética* 37-38 (2017) 47-85.

QUERIDO, S., *Liberdade como opção pelo bem*, Relatório Final da PES, UCP, Lisboa, 2016.

REZOLA, M “Católicos, operários e sindicatos”, *Lusitânia Sacra* nº6(1994) 101-127.

RODRIGUES, D., *Abel Varzim – Apóstolo Português da Justiça Social pelo 25º aniversário do seu falecimento*, Rei dos livros, Lisboa, 1990.

ROLDÃO, M. C., *Estratégias de Ensino – O Saber e o Agir do Professor*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2009.

SAVATER, F., *Ética para um jovem*, 5ª Ed., Editorial Presença, Lisboa, 1998.

SILVA, A., “A conceção de liberdade”, *Filogénese* 1 (2013) 93-107.

TEIXEIRA, A., “Manual escolar e transmissão catequética”, *Pastoral Catequética* 31-32 (2015) 139-153.

VAZ, A., *A Palavra Viva, escritura poderosa – A bíblia e as suas linguagens*, UCE, Lisboa, 2013.

VIEGAS, J., *A receção do Concílio Vaticano em Portugal – no caso da Ação Católica Rural*, Dissertação de Mestrado em Teologia, UCP, Lisboa, 2014.

V- Netgrafia

AA.VV., “Bem comum”, in *Enciclopedia Digital Theologica Latino Americana*, acessado a 4/11/2019, disponível em <<http://theologicalatinoamericana.com/?s=bem+comum&lang=pt>>.

AA.VV., “Carta dos direitos fundamentais da união europeia”, in *Jornal Oficial das Comunidades Europeias*, acessado a 23/04/2019, disponível em <<https://www.cnpd.pt/bin/legis/internacional/CARTAFUNDAMENTAL.pdf>>.

ACIDIGITAL, “O que é necessário para ser livre de verdade? Explica Papa Francisco”, acessado a 08/05/2018, disponível em <<https://www.acidigital.com/noticias/o-que-e-necessario-para-ser-livre-de-verdade-papa-francisco-explica-43456>>.

AGÊNCIA ECCLESIA, “Vaticano: Papa propõe fé como antídoto para “tristeza individualista”, acessado a 04/11/2019, disponível em <<https://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-propoe-fe-como-antidoto-para-tristeza-individualista/>>.

AGENCIA ECCLESIA, “Vaticano: Papa exorta à busca do “bem-comum” como caminho para a paz no mundo”, acessado a 04/11/2019, disponível em <<https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-papa-propoe-busca-do-bem-comum-como-caminho-para-a-paz-no-mundo/>>.

ALVARÉZ, I., “Bento XVI autêntica liberdade cristã em Paulo”, *Zenit*, [s.p.], acessado a 04/11/2019, disponível em <https://pt.zenit.org/articles/bento-xvi-mostra-autentica-liberdade-crista-em-paulo/>.

AZEVEDO, J., “Das escolas “Sísifo” às escolas re-institucionalizadas (equidade e sucesso escolar)”, *MEC GOV BR* (2002), 1-21, acessado a 04/11/2019, disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/sisifos.pdf>>.

BOLANOS, F. “Os professores e a criatividade na escola”, *Observador* (2018) s.p., acessado a 18/01/2019, disponível em <<https://observador.pt/opiniao/os-professores-e-a-criatividade-na-escola/>>.

CARDONA, F., “Etapas da adolescência”, acessado a 05/11/2019, disponível em <<http://educacao.aaldeia.net/etapas-adolescencia>>.

CHINALLI, M., “Erik Erikson e a construção de identidade”, acessado a 05/06/2009, disponível em <<http://www.revistaeducacao.com.br/erik-erikson-e-construcao-da-identidade>>.

COMBLIN, J. “Vocação à Liberdade”, *Vida Pastoral* (1999) [s.p.], acessado a 30/11/2019, disponível em <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/antropologia-teologica/vocacao-a-liberdade/>>>.

COMUNIDADE JOSÉ CARDJIN, *O Método da JOC.*, acessado a 04/11/2019, disponível em <<http://comunidadejosecardijn.blogspot.com/2015/01/o-metodo-da-JOC..html>>.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica- Um valioso contributo para a formação da personalidade*, acessado a 09/05/2019, disponível em <<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa->

[catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/](#)>.

DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO, *Aprendizagens Essenciais*, EMRC - 8º ano, acessado a 07/02/2019, disponível <<https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>>.

EDUCRIS, *Vídeo da Conferência inaugural do Fórum de EMRC*, acessado a 04/03/2019, disponível em <<https://www.educris.com/v2/emrc/4773-forum-emrc-,consultado>>.

EDUCRIS, “IX ENES: “Promover uma nova cidadania”, acessado a 04/11/2019, disponível em <<https://www.educris.com/v3/emrc/8628-ix-enes-promover-uma-nova-cidadania-d-antonio-luciano-costa>>.

FÓRUM ABEL VARZIM, *O epílogo da luta do Padre Abel Varzim e da sua equipa em O trabalhador*, acessado a 20/06/2019, disponível em <<http://www.forumavarzim.org.pt/conteudo/%C2%ABo-trabalhador%C2%BB-mensagem-e-testemunho>>.

FÓRUM ABEL VARZIM, *Nota oficiosa*, acessado a 20/06/2019, disponível em <http://www.forumavarzim.org.pt/sites/default/files/publicacoes/J359_NotaOficiosa02.pdf>.

FRANCISCO, “Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela na casa da santa marta”, acessado a 04/11/2019, disponível em <https://w2.vatican.va/content/fnarancesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180413_verdadeira-liberdade.html>.

JOAQUIM, H., “A construção do bem comum e a responsabilidade da igreja”, *Agência Ecclesia* [s.p.], acessado a 04/11/2019, disponível em <<https://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/a-construcao-do-bem-comum-responsabilidade-da-igreja/>>.

MASSALLI, F., “Papa Francisco apela para que todos contribuam para o bem comum”, acessado a 05/05/2019, disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-01/papa-francisco-apela-para-que-todos-facam-contribuam-para-o-bem-comum>>.

MELO, M., “Adolescência e Formação da Identidade em Erik Erickson”, acessado a 23/04/2019, disponível em <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/adolescencia-e-formacao-da-identidade-em-erik-erikson>
OPUS DEI, “O que é o bem comum?”, acessado a 02/11/2019, disponível em <<https://opusdei.org/pt-br/article/o-que-e-o-bem-comum/>>.

SILVA, P., et al, “Desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget”, acessado a 05/11/2018, disponível em <<http://www.psicologia.pt>>.

ANEXOS

ANEXO 1

Encontram-se aqui em anexo os guiões sobre o Padre Abel Varzim, assim como, algumas imagens e notícias que serviram de apoio à concretização do trabalho de investigação e posterior construção da exposição Padre Abel Varzim: um ser livre que libertou os outros:



Folha do Jornal *O trabalhador* 1 de Julho de 1935, pág.2.



Página principal do jornal *O trabalhador* de 1 de Maio de 1935

Exposição

Padre Abel Varzim – Um ser livre que libertou os outros

Trabalhos de Grupo

I GRUPO

Vida e Obra Padre Abel Varzim

1. Padre Abel Varzim: vida e obra
 - Fazer ficha biográfica
 - Indicar uma citação associada à sua vida e obra;
 - Selecionar uma imagem do padre Abel Varzim

II GRUPO

2. Abel Varzim um ser livre que libertou os outros
 - Identificar as causas que o Padre Abel Varzim defendeu.
 - Indicar a importância da JOC e o jornal *O trabalhador* nesse processo;
 - Selecionar duas imagens representativas da JOC e do jornal *O trabalhador*.

III GRUPO


3. Condicionalismo e obstáculos à liberdade
 - Identificar os condicionalismos e obstáculos vividos pelos portugueses nessa altura.
 - Indicar de que forma o Padre Abel Varzim foi vítima de manipulação e condicionalismo à liberdade.
 - Selecionar duas imagens de notícias do jornal *O trabalhador* que sejam exemplo de atropelo à liberdade.

IV GRUPO

4. O Evangelho – exemplo vivo da liberdade orientada para o bem comum
 - Identificar em que modelo se baseava o padre Abel Varzim na defesa da dignidade humana;
 - Referir princípios que apontam para a defesa da dignidade humana e para a construção do bem comum (a partir de notícias e imagens do jornal *O trabalhador* e da JOC)
 - Selecionar duas notícias ou imagens que mostrem isso mesmo

ANEXO 2

Ficha de sistematização dos conteúdos

Padre Abel Varzim <i>Um ser livre que libertou os outros</i>		
Data de nascimento		
O que defendeu		
O que significa JOC		
Fundamentos da Ação Católica		
Método da Ação Católica		
Condicionalismos à liberdade no tempo do Padre Abel Varzim		
Caraterística do jornal <i>O trabalhador</i>		